O

Ṛg Veda

LIVRO 2

(Maṇḍala 2)

Traduzido para o inglês por:

H. H. Wilson
(Parte do) Segundo Aṣṭaka. Primeira Edição – 1854.
[Disponível em archive.org]

Ralph T. H. Griffith
Segunda Edição – 1896
[Disponível em sacred-texts.com]

Incluindo 10 hinos[1] por
Hermann Oldenberg – 1897
[Disponível em archive.org e em sacred-texts.com]

E 3 hinos[2] por
Max Müller – 1891
[Disponível em archive.org e em sacred-texts.com][3]

Versões traduzidas para o português por:
Eleonora Meier – 2014.

O Prefácio, as Introduções e as Páginas de Título
são encontrados no Livro 1.

→ Ir para o Índice Rápido

[1] Hinos **1-10** – *Sacred Books of the East*, vol. 46.
[2] Hino **6** – *Selected Essays on Language, Mythology and Religion*, vol. 2; e Hinos **33** e **34** - *Sacred Books of the East*, vol. 32.
[3] Sites consultados em 2014.

MAṆḌALA 2

O primeiro Maṇḍala é denominado aquele dos *Śatarcins*, isto é, [daqueles Ṛṣis cada um dos quais viu cerca] de cem *Ṛcas*, ou estrofes; o segundo é geralmente chamado de *Gārtsamada Maṇḍala*, os hinos, com poucas exceções, sendo atribuídos ao Ṛṣi Gṛtsamada, um personagem notável na lenda hindu. É contado sobre ele que ele era primeiramente um membro da família de Aṅgiras, sendo o filho de Śunahotra; ele foi levado pelos *Asuras*, enquanto realizando um sacrifício, mas foi resgatado por Indra, por cuja autoridade ele foi desde então designado como Gṛtsamada, o filho de Śunaka ou Śaunaka, da linhagem de Bhṛgu. Desse modo, a *Anukramaṇikā* diz dele: Ele, que era um Āṅgirasa, filho de Śunahotra, tornou-se Śaunaka, da linhagem de Bhṛgu; ele, Gṛtsamada, é o vidente do segundo Maṇḍala; e, além disso, na enumeração dos Ṛṣis, diz-se dele, O Ṛṣi do hino, *Tvam Agne* é Gṛtsamada, o filho de Śunaka, que foi para a linhagem de Bhṛgu, sendo naturalmente o filho de Śunahotra, da família Āṅgirasa. O Índice deve estar correto, se ele for a obra de Kātyāyana, que é dito ter sido o aluno de Śaunaka; mas nós temos outros relatos muito diferentes sobre Gṛtsamada, ou Ghritsamada, como o nome também é escrito. No *Anuśāsana Parva*[4] do *Mahābhārata* ele é chamado de filho de Vitihavya, um rei dos Haihayas, que, fugindo da vingança de Pratarddana, rei de Kāsī, refugiou-se com o Ṛṣi Bhṛgu; quando Pratarddana exigiu a entrega dele, Bhṛgu negou que qualquer *kṣatriya* estivesse presente em seu eremitério; em consequência de qual negação Vitihavya tornou-se imediatamente um brâmane; seu filho era Gṛtsamada, que, o *Mahābhārata* acrescenta, era um Ṛṣi famoso, e o autor dos principais hinos do *Ṛg-Veda*. Além disso, os *Purāṇas* fazem dele o filho de Suhotra, e *pai* ou de Śaunaka, ou de Śunaka, o pai de Śaunaka; e atribuem a ele a instituição das quatro castas.[5] Uma história curiosa também é narrada de Gṛtsamada, à qual o *Mahābhārata* alude, de ele ter assumido a aparência de Indra, e assim permitido àquele deus escapar dos *Asuras*, que estavam à espreita para destruí-lo; uma lenda à qual nós teremos novamente oportunidade de mencionar. Śaunaka, seja o mesmo que Gṛtsamada, ou uma pessoa diferente, é apontado como o chefe dos Ṛṣis reunidos em Naimiṣāraṇya para celebrar o sacrifício dos doze anos, para quem o *Mahābhārata*, e vários dos *Purāṇas*, são ditos terem sido repetidos, por Lomaharṣaṇa, o Sūta; diz-se também que ele foi o professor de uma *Śākhā*, ou ramo do *Atharvaṇa Veda;* ele é citado frequentemente, como nós temos visto, por Sāyaṇa.

---

[4] [Na página 136 da versão em português.]

[5] [Veja o *Viṣṇu Purāṇa,* versão em português, pág. 317; e também o *Vāyu Purāṇa,* Parte 2, cap. 30, versos 3-5, também em português.]

Conteúdo

Hino 1. Agni (Wilson)

(Continuação do Segundo Aṣṭaka. Continuação do Adhyāya 5. Anuvāka 1. Sūkta I)

O deus é Agni; o Ṛṣi, Gṛtsamada; a métrica, Jagatī.

Varga 17. **1**. Soberano dos homens, Agni, tu nasceste para os (dias de sacrifício), e puro e todo-irradiante, das águas, das pedras, das árvores e das plantas.[1]
2. Teu, Agni, é o ofício do Hotṛ, do Potṛ, do Ṛitvij, do Neṣṭṛ; tu és o Agnīdhra do devoto; tua é a função do Praśāstṛ; tu és o Adhvaryu e o Brahman;[2] e o chefe de família em nossa residência.
3. Tu, Agni, és Indra, o derramador (de recompensas) sobre os bons; tu és o adorável Viṣṇu, o louvado por muitos; tu, Brahmaṇaspati, és Brahmā, o possuidor de riquezas; tu, o autor de várias (condições), estás associado à sabedoria.
4. Tu, Agni, és o nobre Varuṇa, cumpridor de votos sagrados; tu és o adorável Mitra, o destruidor (de inimigos); tu és Aryaman, o protetor dos virtuosos, cuja (generosidade) é apreciada por todos;[3] tu és uma parte (do sol);[4] sê o distribuidor (de coisas boas), divino (Agni), no nosso sacrifício.
5. Tu, Agni, és Tvaṣṭṛ, (o doador) de grande riqueza para o (teu) adorador; esses louvores são teus; tu, de poder benevolente, (admites) a nossa afinidade; tu, que estás pronto para incentivar (a nós), dás-nos boa (abundância de) cavalos; tu, que és cheio de opulência, és a força dos homens.

---

[1] Esse verso ocorre no *Yajush*, xi. 27. A explicação de Mahīdhara é a mesma que a de Sāyaṇa; ambos citam variedades de interpretação. *Śuśukṣaṇi*, por exemplo, também pode significar secando, causando a evaporação da umidade da terra; ou pode significar, destruindo, consumindo. Agni é produzido, a partir das águas, como o relâmpago que acompanha a chuva ou o fogo submarino; das pedras por batê-las uma com a outra; assim das árvores ou madeira por atrito; das plantas, como bambus, por fricção mútua, provocando o incêndio de uma floresta.

[2] Esses são oito dos dezesseis sacerdotes empregados em muitas cerimônias solenes; o comentário atribui o dever do *Praśāstṛ* ao *Maitrāvaruṇa*, e identifica o *Brahmā* com o *Brāhmaṇācchaṃsin;* mas na enumeração comum eles são distintos; os dezesseis são enumerados deste modo por Kulluka Bhaṭṭa, o comentador de *Manu*, viii. 210, na ordem e proporção na qual eles têm direito a partilhar de uma *Dakṣiṇā* de cem vacas, sendo organizados em quatro classes, das quais os quatro primeiros são respectivamente os principais, e os outros subordinados a eles, no mesmo curso de sucessão: - 1. *Hotṛ, Adhvaryu, Udgātṛ* e *Brahman*, devem ter doze cada, ou quarenta e oito no total. 2. *Maitrāvaruṇa, Pratistotṛ*, *Brāhmaṇācchaṃsin*, e *Prastotṛ*, seis cada, ou vinte e quatro. 3. *Achāvāka*, *Neṣṭṛ*, *Agnīdhra*, e *Pratihartṛ*, quatro cada, ou dezesseis; e 4. *Grāvādut, Netṛ*, *Potṛ*, e *Subrahmaṇya*, três cada, ou doze ao todo; compondo o total de cem. Rāmanātha, em seu comentário sobre o *Amara Koṣa*, VII. 17, também dá os nomes dos dezesseis sacerdotes, com algumas variações de Kulluka. *Grāvāstut* é a sua leitura, em vez *Grāvādut*, e essa é a mais usual; e no lugar do *Prastotṛ*, *Netṛ* e *Potṛ*, ele apresenta, *Prasthātṛ*, *Praśāstṛ* e *Bālācchādaka;* nós temos o *Potṛ* citado repetidamente no texto do *Ṛc*, bem como o *Praśāstṛ*. No *Aitareya Brāhmaṇa*, Livro VII. 1, os dezesseis sacerdotes aos quais partes da oferenda são aquinhoadas são também enumerados, com algumas modificações, tendo, em vez do *Pratistotṛ*, *Grāvādut, Netṛ*, e *Subrahmaṇya*, da primeira lista, o *Pratiprasthāstṛ*, *Upagātṛ*, *Ātreya*, e *Sadasya*. A mesma autoridade, no entanto, acrescenta como sacerdotes não incluídos nos dezesseis, o *Grāvāstut*, *Unnetṛ*, *Subrahmaṇya*, e o *Śamitṛ*, ou imolador, quando um brâmane. No comentário de Mādhava sobre o *Nyāya mālā vistara* de Jaimini, por um resumo do qual eu sou grato ao Dr. Goldstücker, ele enumera os dezesseis sacerdotes como classificados em quatro ordens, seguindo a autoridade de Kumāril Bhaṭṭa, muito no mesmo sentido que Kulluka, são eles: - 1. o *Adhvaryu*, *Pratiprasthāstṛ*, *Neṣṭṛ*, e *Unnetṛ;* 2. o *Brahmā*, *Brāhmaṇācchaṃsin*, *Agnīdh* e *Potṛ;* 3. o *Udgātṛ*, *Prastotṛ*, *Pratihartṛ*, e *Subrahmaṇya;* e 4. o *Hotṛ*, *Maitrāvaruṇa*, *Achāvāka*, e *Grāvāstut*. Os quatro primeiros são especialmente encarregados do cerimonial do *Yajur-Veda;* os quatro seguintes superintendem o todo de acordo com o ritual dos três *Vedas;* e a terceira classe canta os hinos, especialmente do *Sāma Veda*, e a quarta repete os hinos do *Ṛc;* o principal de cada classe recebe a *Dakṣiṇā*, ou gratificação, inteira, o segundo, a metade, o terceiro, um terço, e o quarto, um quarto; as diversas funções não são descritas muito explicitamente.

[3] É dito que generosidade é a característica, propriamente, de Aryaman.

[4] *Tvam aṃśah* pode também significar as formas do sol, ou o Āditya chamado *Anśa*.

Varga 18. **6**. Tu, Agni, és Rudra, o expulsor (de inimigos) da vastidão do céu;[5] tu és a força dos Maruts; tu és supremo sobre alimento (sacrifical); tu, que estás domiciliado agradavelmente (no salão de sacrifício), andas com cavalos vermelhos, (velozes como) o vento; como Pūṣan, tu cuidas, por tua própria vontade, daqueles que oferecem adoração.
7. Tu, Agni, és Draviṇodas, para aquele que te honra; tu és o divino Savitṛ, o possuidor de coisas preciosas; protetor dos homens, tu és Bhaga e governas a riqueza; tu és o nutridor daquele que te adora na residência dele.
8. As pessoas adoram a ti, Agni, o protetor das pessoas em suas casas; eles te propiciam como um soberano bondoso; líder de uma tropa radiante, tu és o senhor de todas as oferendas; tu és o distribuidor de dezenas, e centenas, e milhares, (de coisas boas).
9. Homens (devotos te adoram), Agni, como um pai, com ritos sagrados; eles (cuidam de) ti, que és o iluminador do corpo, com atos (de bondade), como um irmão; tu és como um filho para aquele que te propicia; e tu nos proteges, um amigo fiel e firme.
10. Tu, Agni, és (sempre) resplandecente,[6] e deves ser glorificado quando presente; tu és o Senhor de todo alimento famoso e riquezas; tu resplandeces brilhantemente, e tu consomes (a oblação) para aquele que a oferece; tu és o realizador especial do sacrifício, e concessor (de suas recompensas).
Varga 19. **11**. Tu, divino Agni, és Aditi para o doador da oblação; tu és Hotrā e Bhāratī, e prosperas por meio de louvor; tu és Iḷā de cem invernos[7] para aquele que te faz presentes; tu, Senhor da riqueza, és o destruidor de Vṛtra,[8] Sarasvatī.
12. Quando, bem nutrido Agni, tu és (o dador de) alimento excelente; nas tuas cores desejáveis e encantadoras, belezas (abundam); tu (és) alimento; (tu és) o transportador (para além do pecado); tu és poderoso; tu és riqueza; tu és múltiplo; e difundido por toda parte.
13. Os Ādityas fizeram de ti, Agni, sua boca; as (divindades) puras fizeram de ti, Kavi, sua língua; os (deuses), os doadores de riqueza, dependem de ti em sacrifícios; eles comem a oblação oferecida através de ti;
14. Todos os deuses imortais benignos comem a oblação oferecida através de ti, como sua boca; os mortais provam o sabor (de todas as iguarias), através de ti; tu nasceste puro, o embrião das plantas.[9]
15. Tu estás associado, Agni, pelo teu vigor, com aqueles (deuses); divino, bem-nascido Agni, tu (os) sobrepujaste (em força); pois o alimento (sacrifical) que está aqui preparado é, pelo teu poder, difundido posteriormente através de ambas as regiões, o céu e a terra.
16. Os piedosos são aqueles que oferecem, como um presente, para os recitadores dos teus louvores, uma vaca excelente e um cavalo excelente; Agni, guia a nós e a eles para a melhor das moradas, (ou céu), para que nós e os nossos descendentes dignos possamos repetir a prece solene para ti no sacrifício.

Índice ◄►Hino 2 (Wilson)

[5] *Tvam Rudro asuro maho divah: asura* é explicado como *śatrūnām nirasitā*, o expulsor de inimigos, *divas*, do céu; ou pode significar, o dador de força, *asur*, *balam*; *tasya dātā*: *Āditya rupa:* uma forma de Āditya, ou um Āditya.
[6] *Tvam agne ṛbhuh, tvaṃ vājasya īśiṣe;* nós poderíamos ter conjeturado que alguma alusão aos Ṛbhus foi aqui pretendida; mas Sāyaṇa interpreta Ṛbhu, *bhāsamānah*, brilhante; e *vājasya*, por *annasya*, do alimento.
[7] *Tvam iḷā ṣatahimāsi*, de acordo com o comentador, significa a terra de duração ilimitada, – *aparimitakālā bhūmih*.
[8] *Vṛtrahā*, Sāyaṇa interpreta, o destruidor do pecado, etc., mas essas deusas são identificadas, nos hinos às Āprīs, com Agni, e uma alusão a Indra só seria consistente com a ideia predominante em todo o hino, da identidade universal de Agni com todas as outras divindades.
[9] Cereais e outros grãos amadurecem pelo calor do sol ou fogo; o texto tem *śuci*, puro; mas a cópia de Sāyaṇa deve ter tido em seu lugar *vasu*, o qual ele explica, como habitualmente, sendo a residência de todos.

Hino 1. Agni (Griffith)[10]

1. Tu, Agni, brilhando em tua glória através dos dias,[11] és trazido à vida a partir das águas,[12] a partir da pedra; das árvores da floresta[13] e ervas que crescem no solo, tu, Senhor Soberano dos homens, és gerado puro.
2. Tua é a tarefa do Arauto e Purificador devidamente cronometrado, tu és o Líder e o Acendedor para o homem piedoso. Tu és o Diretor, tu o Sacerdote ministrante; tu és o Brahman, Senhor e Mestre em nossa casa.[14]
3. Herói dos Heróis, Agni! Tu és Indra, tu és Viṣṇu do Passo Poderoso,[15] adorável; tu, Brahmaṇaspati, o Brahman que encontra riqueza; tu, ó Sustentador, com tua sabedoria cuidas de nós.
4. Agni, tu és o Rei Varuṇa cujas leis permanecem firmes; como Mitra, Operador de Prodígios, tu deves ser rogado. Aryaman, Senhor dos heróis, tu és, enriquecendo a todos, e Aṁśa[16] generoso no sínodo, ó Deus.
5. Tu dás força, como Tvaṣṭar, para o adorador; tu, manejando o poder de Mitra, tens parentesco com as Damas.[17] Tu, incitando teus corcéis velozes, dás cavalos nobres; tu és uma tropa de heróis, com grande fartura de riqueza.
6. Tu és Rudra, o Asura do poderoso céu; tu és a hoste dos Maruts, tu és o Senhor do alimento; tu segues com ventos vermelhos; tu tens bem-aventurança no teu lar. Como Pūṣan tu mesmo proteges os adoradores.
7. Dador de riqueza tu és para aquele que te honra; tu és o Deus Savitar, concessor de coisas preciosas. Como Bhaga, Senhor dos homens! tu governas sobre a riqueza e proteges em sua casa aquele que te serve bem.
8. Em direção a ti, o Senhor das pessoas dentro da casa, o povo avança para seu Rei o mais bondosamente inclinado. Senhor de aspecto encantador, todas as coisas pertencem a ti; dez, cem, sim, mil são superados por ti.
9. Agni, os homens te procuram como um Pai com suas preces, ganham a ti, de forma brilhante, para a irmandade com ato sagrado. Tu és um Filho para aquele que te adora devidamente, e como um Amigo leal tu guardas contra ataques.

---

[10] Os hinos desse Livro, com as poucas exceções que serão citadas, são atribuídos ao Ṛṣi Gṛtsamada; como o Livro 1 é chamado de Livro dos Śatarcins, isto é, dos videntes de cem ou grande número indefinido de Ṛcas ou versos, assim esse livro é comumente chamado de Gārtsamada Maṇḍala ou Livro de Gṛtsamada.
[11] Para os dias de sacrifício, segundo Sāyaṇa.
[12] Das águas do firmamento, como relâmpago.
[13] Nos incêndios que ocorrem frequentemente causados pela fricção de ramos secos. Também é dito que Agni tem o seu lar nas plantas, talvez originalmente por causa de uma luz fosforescente que algumas plantas emitem.
[14] Agni concentra em si mesmo as várias funções das diferentes classes de sacerdotes humanos, os mais importantes dos quais são mencionados no verso. A classificação dos sacerdotes e a descrição dos seus deveres são apresentadas com variações por diferentes autoridades. O Hotar ou Arauto invoca os Deuses; o Potar, Purificador, ou Limpador, é o assistente do Brahman ou sacerdote rezador que remedia qualquer defeito no ritual; o Neṣṭar ou Líder conduz adiante a esposa do sacrificador; o Agnīdh ou Acendedor acende o fogo sacrifical; o Praśāstar ou Diretor é o assistente do Hotar; e o Adhvaryu ou sacerdote ministrante é o diácono que mede o solo, constrói o altar, e faz todos os preparativos necessários para o sacrifício. Os deveres dos sacerdotes, no entanto, variam em épocas diferentes e de acordo com a natureza da cerimônia que eles foram contratados para realizar.
[15] Veja 1.22.16.
[16] [Ou Anśa.] O Distribuidor; um dos Ādityas.
[17] As consortes dos Deuses.

10. Tu és um Ṛbhu, Agni, próximo para ser adorado; tu és o Senhor Soberano da riqueza e dos despojos cheios de alimento. Tu resplandeces brilhantemente, tu queimas para conceder; permeando o sacrifício, tu nos dás a tua ajuda.
11. Tu, ó Deus, és Aditi para aquele que oferece presentes; tu, Hotrā, Bhāratī,[18] és fortalecido pela canção. Tu és Iḷā de cem invernos para dar força, Senhor da Riqueza! Matador de Vṛtra, e Sarasvatī.[19]
12. Tu, Agni, bem cuidado, és o maior poder vital; glórias são visíveis no teu matiz encantador. Tu és a força sublime que promove cada projeto; tu és riqueza múltipla, difundida por todos os lados.
13. A ti, Agni, os Ādityas tomaram como sua boca; os Brilhantes te fizeram, ó Sábio, para ser sua língua. Eles que amam oferendas se apegam a ti em ritos solenes; por ti os Deuses devoram o alimento devidamente oferecido.
14. Por ti, ó Agni, todos os Deuses Imortais sinceros comem com tua boca a oblação que lhes é oferecida. Por ti é que os homens mortais dão doçura à sua bebida. Brilhante tu és nascido, o embrião das plantas da terra.
15. Com esses tu estás unido, Agni; sim, tu, Deus de nascimento nobre, os superas em majestade, a qual, através do poder do bem, aqui se espalha amplamente a partir de ti, difundida através de ambos os mundos, por toda a terra e o céu.
16. Os adoradores opulentos que enviam para aqueles que cantam o teu louvor, ó Agni, recompensa agraciada com vacas e cavalos, – conduze tanto esses quanto nós para a maior felicidade. Com homens valentes na assembleia que nós falemos alto.

Índice ◄►Hino 2 (Griffith)

---

[18] Hotrā, Bhāratī, Iḷā são personificações de partes do culto religioso. O epíteto 'de cem invernos' parece se referir à duração natural da vida humana.
[19] Veja 1.3.10 [notas 7 e 13].

Hino 1. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 2, HINO 1.
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 5, VARGA 17-19.

1.[20] Tu, ó Agni, o flamejante, (nasces) dos Céus, tu (nasces) das Águas e da pedra (da pederneira); tu (nasces) das florestas e das ervas; tu nasces brilhante, ó Senhor dos homens, (como pertencente) aos homens.[21]
2.[22] A ti, ó Agni, pertence o ofício do Hotṛ e do Potṛ exercidos no tempo determinado; a ti pertence o ofício do Neṣṭṛ; tu és o Agnīdh[23] para os justos. A ti pertence o ofício do Praśāstṛ; tu ages como um Adhvaryu, e tu és o Brahman e o dono da casa em nossa casa.[24]
3. Tu, ó Agni, és Indra, um touro entre (todos) os seres. Tu és Viṣṇu que governa amplamente, digno de adoração. Tu és o Brahman, um ganhador de riqueza, ó Brahmaṇaspati.[25] Tu, ó Vidhartṛ (ou seja, que manténs separadamente todas as coisas), estás unido com Puraṃdhi (ou a generosidade dos deuses).[26]
4. Tu, ó Agni, és o rei Varuṇa cujas leis são firmes; tu tornas-te Mitra, o extraordinário, digno de ser magnificado. Tu és Aryaman, o senhor dos seres, de quem eu posso desfrutar. Tu, ó Deus, és Aṃśa,[27] desejoso de distribuir (bens) na assembleia.
5. Tu, ó Agni, sendo Tvaṣṭṛ, (concedes) ao teu adorador fartura de heróis. A ti, que estás acompanhado pelas esposas (divinas), que és grande como Mitra, pertence o parentesco.[28] Tu, o incitador rápido, dás abundância em cavalos. Tu, rico em opulência, és a hoste de homens.[29]
6. Tu, ó Agni, és Rudra, o Asura do alto Céu; tu, sendo a hoste dos Maruts, governas a nutrição. Tu acompanhas os Ventos de cor de chama, trazendo felicidade ao nosso lar. Tu, sendo Pūṣan, proteges teus adoradores pelo teu próprio poder.
7. Tu, ó Agni, és um dador de riqueza para aquele que presta serviço para ti; tu és o deus Savitṛ, um concessor de tesouros. Tu, sendo Bhaga, ó Senhor dos homens, governas a riqueza. Tu és um protetor na casa dele para aquele que te adorou.[30]

---

[20] Entre os numerosos textos que tratam das diferentes origens de Agni, especialmente os dois versos seguintes podem ser comparados com esta passagem: 6.48.5.
[21] Com as últimas palavras desse verso, compare a conclusão do verso 14.
[22] Este verso inteiro se repete, em 10.91.10.
[23] Em minha opinião não há dúvida de que, em vez da leitura tradicional, *agnít*, a forma correta é *agnī́t*. A palavra é um composto de *agní* e *idh* e significa 'o inflamador do fogo'. Compare Max Müller, A *History of Ancient Sanskrit Literature*, 1859, págs. 450 e 469.
[24] Essa é a lista mais antiga dos 'sete sacerdotes', ao lado dos quais o *ghṛha-pati* ou 'dono da casa' é mencionado como o oitavo. O 'Brahman' mencionado em nosso verso é o *Brāhmaṇācchaṃsin* do ritual posterior. Comp. Kātyāyana IX.8.11; *Śatapatha Brāhmaṇa* IV.6.6.5.
[25] Bṛhaspati ou Brahmaṇaspati é o Brahman entre os deuses. Mas é duvidoso se o título de Brahman, nesse contexto, deve ser entendido no sentido posterior técnico da palavra, como o Ritvij que tem que supervisionar todo o sacrifício.
[26] Vidhartṛ parece ser aqui outro nome de Bhaga; (comp. 7.41.2: *bhágham huvema* ... *yaḥ vidhartā́*). Sabe-se que nenhum deus é citado tão frequentemente em conexão com Puraṃdhi quanto Bhaga.
[27] Sobre Aṃśa, como um dos Ādityas, comp. Bergaigne, III.39.99.
[28] O significado é, provavelmente, 'Tu és relacionado com os outros deuses e com os homens', ou 'Tu és relacionado conosco'.
[29] Os homens são os Maruts.
[30] Ou, tu és um protetor para aquele que te adorou em sua casa.

8. Em direção a ti, na casa, o senhor do clã, ó Agni, os clãs se esforçam, a ti, o rei generoso. Tu com a bela face possuis todas as coisas. Tu és igual a milhares, a centenas, a dezenas (de outros).
9. De ti, ó Agni, os homens (fazem) seu pai por meio dos seus sacrifícios; a ti que brilhas com teu corpo eles (convidam) para a fraternidade por seu trabalho (sacrifical). Tu te tornas um filho para aquele que tem te adorado. Como um bom amigo tu proteges contra ataques.
10. Tu, ó Agni, és Ṛbhu, a ser adorado quando próximo. Tu governas sobre a força,[31] sobre a prosperidade rica em alimentos. Tu brilhas,[32] tu queimas para dar (fartura). Tu és um lenhador,[33] aquele que expande o sacrifício.
11. Tu, Agni, ó Deus, és Aditi para o adorador. Tu, sendo Hotrā Bhāratī,[34] te tornas forte pela prece. Tu és Iḍā, vivendo cem invernos, para (o aumento de) habilidade. Tu, o matador de Vṛtra, Senhor da Riqueza, és Sarasvatī.
12. Tu, ó Agni, bem mantido, és o maior poder vital. Na tua cor adorável e na tua aparência (residem todas as) belezas. Tu és grande força que nos leva adiante. Tu és riqueza abundante, se estendendo por todos os lados.
13. Os Ādityas fizeram de ti, ó Agni, sua boca; os brilhantes te fizeram sua língua, ó Sábio. Os deuses Rāti-ṣāc (isto é, os deuses 'generosos') te acompanham nos sacrifícios. Em ti os deuses comem a oferenda que lhes é oferecida.
14. Em ti, ó Agni, com a (tua) boca[35] todos os deuses sinceros imortais comem a oferenda que lhes é oferecida. Através de ti os mortais provam sua bebida. Tu nasceste, o brilhante, como o filho das plantas.
15. Tu és unido a eles e igual a eles em força, ó Agni bem-nascido, mais que isso, tu os superas, ó Deus, quando o teu poder se expandiu aqui em sua grandeza sobre o Céu e a Terra, sobre ambos os mundos.
16. Os senhores generosos que derramam, sobre teus louvadores, presentes à frente dos quais há vacas, o ornamento das quais são cavalos, ó Agni; os leva e nos leva ao bem-estar. Que nós possamos falar alto na assembleia rica em homens valentes.

Índice ◄►Hino 2 (Oldenberg)

---

[31] Os nomes dos três Ṛbhus são Ṛbhu, Vāja, Vibhvan. A palavra *vāja* usada aqui evidentemente alude ao segundo desses nomes.
[32] Bergaigne (*Religion Véd.*, II.406), sem dúvida está correto em acreditar que o verbo *ví bhāsi* ('tu brilhas') alude ao nome Vibhvan.
[33] *Vi-śikṣuḥ* novamente parece transmitir uma alusão ao mito Ṛbhu. Quando dividindo a taça de Tvaṣṭṛ em quatro taças, os Ṛbhus dizem, *sákhe ví-śikṣa* (4.35.3). Esse *ví-śikṣa* e o adjetivo correspondente *vi-śikṣu* devem ser derivados da raiz *śas*, 'cortar em pedaços'.
[34] Aqui nós temos as três deusas dos hinos Āprī, Bhāratī, Iḍā, e Sarasvatī. Da deusa Bhāratī o nome completo é dado, Hotrā Bhāratī, ou seja, 'a oferenda dos Bharatas'. Comp. Bergaigne, I. 322 e seguintes.
[35] Ou 'através de (ti que és sua) boca'.

Hino 2. Agni (Wilson)

(Sūkta II)

O deus, Ṛṣi, e métrica, os mesmos que antes.

Varga 20. **1**. Exaltem com sacrifício Agni, que conhece tudo o que nasceu; adorem-no com oblações, e com amplo louvor; ele que é bem aceso, bem alimentado, muito elogiado, resplandecente, o transportador de oblações, o dador de força (ao corpo).

2. As manhãs e as noites, Agni, desejam (cultuar)-te, como vacas em seus estábulos anseiam por seus bezerros; adorado por muitos, tu, autocontrolado, estás de fato espalhado pelo céu; tu (estás presente em todos) os ritos sagrados dos homens, e resplandeces brilhantemente à noite.

3. Os deuses posicionaram na base do mundo,[1] aquele Agni que é de aparência agradável; aquele que permeia o céu e a terra; que deve ser conhecido como um carro (para levar os homens até seus desejos); que brilha com esplendor puro, e que deve ser honrado como um amigo entre a humanidade.

4. Eles o colocaram em sua morada solitária, que está derramando umidade sobre a terra; resplandecente como ouro,[2] percorrendo o firmamento, animado com chamas; e permeando os dois pais (de todas as coisas, o céu e a terra), como água refrescante.

5. Que ele, o apresentador de oblações (para os deuses), esteja em volta de todos os sacrifícios; os homens o propiciam com oferendas e com louvores, quando ardendo com madeixas radiantes[3] entre as plantas que crescem, e animando o céu e a terra (com suas faíscas), como o céu com estrelas.

Varga 21. **6**. Tu, Agni, és aquele que, para o nosso bem, és possuidor de riquezas; aceso por nós, resplandece como o doador generoso de riqueza para nós; torna o céu e a terra propícios para nós, para que, divino Agni, (os deuses) possam compartilhar das oferendas do instituidor do rito.

7. Concede a nós, Agni, bens infinitos; concede-nos milhares (de gado e dependentes); abre para nós, pela tua reputação, as portas da abundância; faze o céu e a terra, propiciados pela prece sagrada, favoráveis a nós, e que as manhãs te acendam como o sol.

8. Aceso no belo amanhecer, (Agni) resplandece com esplendor brilhante, como o sol; adorado pelos hinos do adorador, Agni, o rei dos homens,[4] (vem como) um convidado agradável para o instituidor do sacrifício.

9. Entre os homens o nosso louvor, Agni, celebra a ti, que és primeiro entre os imortais muito esplêndidos; (que ele seja para nós) como uma vaca leiteira produzindo espontaneamente em sacrifícios, para o devoto, infinitas e multiformes (bênçãos de acordo com o) desejo (dele).

---

[1] Isto é, de acordo com o comentário, o altar.

[2] *Candram iva surucaṃ* pode parecer ser interpretado preferivelmente como, brilhante-resplandecente, como a lua; mas Sāyaṇa afirma que *candra* aqui significa ouro; do qual, quando neutro, ele é um sinônimo, no *Veda*.

[3] *Hiriśipro vṛdhasānāsu jarbhurad: śipra* foi encontrado antes, no seu sentido comum do queixo ou mandíbula, ou foi explicado, o nariz; e um sentido do composto que ocorre aqui é *haraṇaśīlahanuh*, tendo uma mandíbula acostumada a agarrar ou consumir; mas, sob a autoridade de outro texto, *śiprā śīrṣasu vitatā hiranyayīh,* madeixas douradas espalhadas na cabeça, Sāyaṇa o explica aqui por *uṣṇīṣa*, um cacho, ou turbante; *vṛdhasānāsu* ele explica por *pravardha mānasvoṣadhīṣu*, entre as plantas crescentes.

[4] *Rājā viśām*, rei ou mestre dos *viśas*, ou povos.

10. Que nós manifestemos força entre os outros homens, Agni, através do corcel e do alimento (que tu tens dado), e que a nossa riqueza inigualável brilhe como o sol sobre (aquela das) cinco classes de seres.[5]
11. Vigoroso Agni, ouve (as nossas preces); pois tu és aquele que deve ser louvado, a quem os sacerdotes bem-nascidos dirigem (seus hinos); e de quem, que tem direito a culto, e radiante na tua própria residência, os oferecedores da oblação se aproximam, por causa de posteridade inesgotável.
12. Agni, que conhece tudo o que nasce, que nós, adoradores e sacerdotes, sejamos teus por causa da felicidade; e concede-nos fartura de residências, de gado, de muito ouro, de muitos dependentes, e prole virtuosa.
13. Os devotos são aqueles que apresentam, como um presente, para os recitadores dos teus louvores, uma vaca excelente e um cavalo elegante; Agni, leva a nós e a eles para a melhor das residências, (ou céu), a fim de que nós e os nossos descendentes dignos possamos repetir a prece solene para ti no sacrifício.

Índice ◄►Hino 3 (Wilson)

Hino 2. Agni (Griffith)

1. Com sacrifício exaltem Agni que conhece toda vida; adorem-no com oblação e o cântico de louvor, bem aceso, nobremente alimentado; Senhor do céu, Sacerdote Celestial, que trabalha na lança[6] onde atos de força são feitos.
2. À noite e de manhã, Agni, eles[7] têm te chamado, como vacas leiteiras em seus estábulos mugindo para encontrar seus filhotes. Como o mensageiro do céu tu iluminas toda a noite as famílias dos homens. Tu, Senhor das bênçãos preciosas.
3. Os deuses o estabeleceram na base da região,[8] fazedor de prodígios, Arauto do céu e da terra; como um carro muito famoso, Agni o puramente brilhante, como Mitra para ser glorificado entre os povos.
4. Eles o colocaram na própria residência dele, na abóbada celeste,[9] como a Lua crescente, fulgurante, no reino do ar. Ave do firmamento, vigilante com seus olhos, guarda do lugar[10] por assim dizer, olhando para Deuses e homens.
5. Que ele como Sacerdote cerque todo o sacrifício; os homens afluem em multidão a ele com oferendas e com hinos de louvor. Devastando com mandíbulas de ouro entre as plantas em crescimento, como o céu com todas as estrelas, ele vivifica a terra e o céu.
6. Tal como tu és, aceso brilhantemente para o nosso bem-estar, um doador generoso, envia-nos riquezas em teu brilho; para o nosso benefício, Agni, Deus, traze o Céu e a Terra para cá para que eles possam provar a oblação trazida pelo homem.
7. Agni, dá-nos grande prosperidade, dá riquezas multiplicadas por mil. Descerra para nós, como portas, a força que trará renome. Faze o Céu e a Terra propícios pelo poder da prece, e como o resplendor brilhante do céu deixa as manhãs brilharem sobre nós.

---

[5] *Pañca-kṛṣṭiṣū, janeṣu*, homens; de acordo com o comentador, as quatro castas e os Niṣādas.
[6] Que ocupa a parte principal na realização de todo sacrifício importante. Uma metáfora a partir de bois puxando um carro ou carroça.
[7] Os sacerdotes.
[8] No altar, segundo Sāyaṇa.
[9] A palavra *hvāré*, aqui traduzida, 'na abóbada celeste', é difícil. Sāyaṇa a explica como 'solitária'. Roth alteraria o texto.
[10] Do lugar mais sagrado, o altar.

8. Aceso noite após noite ao despontar de cada manhã, que ele[11] resplandeça com chama vermelha como o reino da luz, – Agni adorado em ritos belos com louvores dos homens, convidado justo do homem vivo e Rei de todo o nosso povo.
9. A música cantada por nós homens, ó Agni, Ancião, expandiu-se até os deuses imortais no céu sublime – uma vaca leiteira[12] produzindo, para o cantor nos ritos, riqueza múltipla, às centenas, assim como ele quer.
10. Agni, que nós manifestemos nossa coragem com o corcel[13] ou com o poder da prece mais do que todos os outros homens; e sobre as Cinco Raças[14] que a nossa glória brilhe elevada como o reino da luz e insuperável.
11. Assim, Conquistador! sê para nós, sê digno do nosso louvor, tu por quem príncipes nascidos nobremente se esforçam; cujo sacrifício os fortes[15] procuram, Agni, quando ele brilha por prole infalível[16] na tua própria residência.
12. Conhecedor de tudo o que vive, ó Agni, que nós ambos, cantores de louvor e chefes, estejamos continuamente sob o teu cuidado. Ajuda-nos com riqueza muito boa e gloriosa, abundante, rica em filhos e sua progênie.
13. Os adoradores opulentos que enviam para aqueles que cantam o teu louvor, ó Agni, recompensa agraciada com vacas e cavalos, – conduze tanto esses quanto nós para a maior felicidade. Com homens valentes na assembleia que nós possamos falar em voz alta.

Índice ◄►Hino 3 (Griffith)

Hino 2. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 2, HINO 2.
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 5, VARGA 20-21.

1. Aumentem Jātavedas por seu sacrifício, adorem Agni para sempre com sua oferenda e sua prece – aquele que foi aceso, o recebedor de boas oferendas, o herói solar, o Hotṛ celeste, o auriga[17] nos nossos assentamentos.
2. Por ti Noites e Auroras têm estado mugindo, ó Agni, como vacas leiteiras nos redis por seu bezerro. Um administrador,[18] por assim dizer, do Céu, tu brilhas sobre as tribos humanas, ó generoso, nas noites contínuas.[19]
3. Os deuses o puseram para trabalhar como administrador do Céu e da Terra, dotado de poder extraordinário, na parte inferior do ar; Agni que é bem conhecido como um carro, resplandecendo brilhantemente, digno de louvor como Mitra (ou, como um amigo) em (habitações) humanas.
4. Eles estabeleceram aquele que cresce no ar, na casa dele, a serpente[20] com belo esplendor como o ouro, o (filho?) alado de Pṛśni[21] que ilumina com seus olhos ambas as tribos (de deuses e de homens), como um guardião do caminho.

---

[11] Agni.
[12] O hino de louvor traz riquezas para o adorador.
[13] Com o carro de guerra em batalha assim como com preces em sacrifícios.
[14] As cinco grandes tribos arianas. Veja 1.7.9.
[15] Os adoradores ricos.
[16] Uma das principais recompensas do culto de Agni.
[17] *Dhūḥ-ṣadam*. O significado exato é, 'que ocupa uma posição decisiva'.
[18] Veja 1.58.7.
[19] 'Durante as noites contínuas'. – Max Müller.
[20] Eu sigo a conjetura de Böhtlingk-Roth, que propõe ler *hvārám*. O significado da palavra é conjetural. Se nós lermos *hvāré*, a tradução poderia ser 'brilhante como o ouro, em um lugar escondido'. (Max Müller).

5. Que ele, o Hotṛ, cerque o sacrifício inteiro. Os homens se esforçam em direção a ele com oferendas e orações. (Agni) com mandíbulas douradas, apressando-se por toda parte nas (plantas) crescentes, iluminou os dois mundos como o Céu com as estrelas.
6. Assim, tu podes, sendo aceso brilhantemente para o nosso bem-estar ou sendo esgotado (?),[22] brilhar sobre nós com tua riqueza. Traze aqui para nós os dois mundos por causa da felicidade, Agni, ó deus, para que eles possam compartilhar avidamente da oferenda do homem (ou, de Manus).
7. Dá-nos, Agni, poderoso, dá-nos (dádivas) aos milhares. Abre a força para nós como uma porta[23] por causa de glória. Faze o Céu e a Terra inclinados em direção a nós através do (nosso) encantamento. Faze as Auroras brilharem como o Sol brilhante.
8. Sendo aceso após as auroras e noites que ele brilhe com sua luz vermelha como o sol, Agni, sendo um bom sacrificador com a ajuda das oferendas do homem (ou, de Manus), o rei dos clãs, e o convidado bem-vindo de Āyu.
9. Assim, ó Agni, Antigo, a nossa prece humana prosperou entre os imortais que residem no grande céu. Que a vaca,[24] quando ordenhada, produza livremente para o cantor, em nossos assentamentos, (riqueza) centuplicada de todos os tipos.
10. Que nós, ó Agni, (obtenhamos) alegria em homens valentes por nossos corcéis, ou que nós brilhemos acima de (todas) as pessoas por nossos encantamentos sagrados. Que o nosso esplendor invencível brilhe no alto como o sol sobre as residências quíntuplas (dos cinco povos).
11. Sê tu, ó poderoso, digno de louvor entre nós, (tu) de quem os (senhores) bem-nascidos, generosos, têm procurado nutrição, para quem os fortes, ó Agni, vão ao sacrifício, que brilhas em tua morada entre os próprios amigos (do adorador).
12. Que nós, ó Jātavedas, os louvadores e os (senhores) generosos, estejamos sob a tua proteção, ó Agni. Ajuda-nos com riqueza boa, resplandecente, abundante, que esteja acompanhada por filhos, por boa progênie.
13 = 2.1.16.

Índice ◄►Hino 3 (Oldenberg)

---

[21] Ou, a (ave) alada de Pṛśni? Nenhuma outra passagem que faça de Agni o filho (ou a ave) de Pṛśni é conhecida por mim.
[22] O professor Max Müller sugere, 'sendo um benfeitor generoso'.
[23] Quanto a essa metáfora ('abrir' a força ou similares), veja 8.5.21.
[24] A vaca leiteira, evidentemente, é a prece.

Hino 3. Āprīs (Wilson)

(Sūkta III)

As divindades são as Āprīs;[1] a métrica é Triṣṭubh, exceto na sétima estrofe, na qual ela é Jagatī.

Varga 22. **1**. Agni, o bem-aceso, colocado sobre (o altar da) terra, está na presença de todos os seres; o invocador (dos deuses), o purificador, o antigo, o inteligente, o divino; que o venerável Agni sirva aos deuses.

2. Que o brilhante Narāśaṁsa,[2] iluminando os receptáculos (da oferenda), tornando manifestas por sua grandeza as três (regiões) radiantes, e difundindo a oblação na época de sacrifício com propósito distribuidor de manteiga, satisfaça os deuses.

3. Agni, que és o venerável Īḷita, com a mente favoravelmente disposta em relação a nós, oferece hoje sacrifício aos deuses, diante do (sacerdote ministrante) humano; como tal, traze para cá a companhia dos Maruts, o imperecível Indra, a quem, sentado na grama sagrada, vocês sacerdotes oferecem adoração.

4. Erva divina,[3] que os Vasus, os Viśvedevas, os adoráveis Ādityas, sentem-se sobre essa grama sagrada florescente, revigorante, bem crescida, espalhada por causa de riqueza sobre este altar, e borrifada com manteiga.

5. Que as portas divinas, espaçosas e facilmente acessíveis, e para serem saudadas com prostrações, sejam abertas; que elas sejam celebradas como extensas, que não podem ser prejudicadas, e que conferem santidade à classe ilustre (de adoradores), possuidores de progênie virtuosa.

Varga 23. **6**. Em relação às nossas boas ações. Dia e Noite, perpetuamente reverenciados, estão entrelaçando de comum acordo, como duas tecelãs famosas, a linha estendida, (para completar) o tecido do sacrifício, generosos produtores (de recompensas), recipientes de água.

7. Que os dois invocadores divinos dos deuses,[4] os primeiros (a serem reverenciados), os mais sábios, adorando sinceramente com textos sagrados, os mais excelentes em forma, oferecendo homenagem aos deuses na época devida, ofereçam oblações nos três lugares altos sobre o umbigo a terra.[5]

8. Que as três deusas, Sarasvatī, aperfeiçoando o nosso entendimento, a divina Iḷā, e a todo-impressiva Bhāratī, tendo chegado à nossa residência, protejam esse rito impecável, (oferecido) para o nosso bem-estar.

9. Que um (filho) de cor fulva, bem crescido, o doador de alimentos, ativo, varonil, um adorador dos deuses, nasça; que Tvaṣṭṛ prolongue para nós uma contínua (linha de) progênie, e que o alimento dos deuses também venha até nós.

10. Que Agni, que é Vanaspati, aprovando (o nosso rito), se aproxime; e por seus atos especiais cozinhe totalmente a vítima;[6] que o imolador divino[7] leve a oferenda queimada aos deuses, sabendo que ela foi consagrada três vezes.[8]

---

[1] Veja os hinos 13, 142 e 188 do Livro 1.

[2] Nos *sūktas* precedentes, Tanūnapāt é a segunda personificação de Agni abordada: ele é omitido aqui.

[3] A Barhish, ou uma personificação de Agni, aqui como no anterior.

[4] Os fogos personificados da terra e do firmamento, sob a figura dos dois sacerdotes ministrantes, de acordo com o comentador.

[5] Isto é, normalmente, o altar; os três lugares altos, *sānuṣu triṣu*, são os três fogos sagrados; *Gārhapatya*, *Āhavanīya* e *Dakṣiṇa*.

[6] *Agnir-haviḥ sūdayāti pra dhībhiḥ* é explicado pelo comentador: Agni, que é o suporte, ou o instrumento de cozinhar ou de amadurecer adequadamente, cozinha a oblação da natureza da vítima com vários atos, que são os meios de cozinhar; ele cozinha a oblação, não a cozinhando de menos, nem a cozinhando demais.

11. Eu borrifo a manteiga, pois a manteiga é o seu local de nascimento; ele é nutrido pela manteiga; a manteiga é o seu esplendor; Agni, derramador (de benefícios), traze os deuses para a oblação oferecida; os alegra; leva até eles a oferenda que foi santificada reverentemente.[9]

Índice ◄►Hino 4 (Wilson)

Hino 3. Āprīs (Griffith)

1. Agni é colocado sobre a terra bem aceso; ele permanece na presença de todos os seres. Sábio, antigo, Deus, o Sacerdote e o Purificador, que Agni sirva os deuses, pois ele é digno.
2. Que Narāśaṁsa,[10] iluminando as câmaras,[11] brilhe em sua majestade através do céu triplo, embebendo o presente com propósito difusor de óleo, orvalhe os Deuses no momento mais importante do culto.[12]
3. Adorado de coração, como é teu direito, ó Agni, serve os Deuses primeiro hoje diante do mortal.[13] Traze a hoste Marut. Ó homens, prestem culto a Indra sentado na grama, eterno.
4. Ó Grama divina,[14] aumentando, rica em heróis, espalhada por causa de riqueza, bem colocada sobre esse altar, – nessa orvalhada com óleo sentem-se, ó Vasus, sentem-se todos os Deuses, ó Santos, ó Ādityas.
5. Amplas sejam as Portas,[15] as Deusas, abertas, fáceis de atravessar, invocadas, através de adorações. Que elas se abram, extensas, eternas, que santificam a classe[16] famosa, rica em heróis.
6. Bom trabalho para nós, as gloriosas Noite e Manhã, como tecelãs, desenvolvidas desde a antiguidade, produtoras de leite rico,[17] entrelaçam em concerto o fio de longa extensão, a rede do sacrifício.
7. Que os dois Arautos celestiais,[18] os primeiros, os mais sábios, os mais justos, ofereçam oblação devidamente com o verso sagrado, adorando os Deuses em épocas ordenadas enfeitando-os nos três lugares altos[19] no centro da terra.[20]

---

[7] *Daivyaḥ śamitā*: esse último usualmente indica a pessoa que mata a vítima; Agni é chamado em outra parte, talvez apenas simbolicamente, de o imolador dos deuses, – *devānām śamitā.*
[8] *Tridhā samaktaṃ*, três vezes ungida ou aspergida; os três ritos ou cerimônias são denominados *upastaraṇa*, *avadāṇa*, *abhighāraṇa*.
[9] *Yajur-Veda*, xvii. 88. Mahīdhara traduz *dhāma* por habitação, ou esplendor; e propõe, como alternativa, aplicar o último membro da estrofe ao Adhvaryu, ou: Sacerdote, traze para cá Agni para a oblação; o alegra, (e dize a ele), Derramador (de bênçãos), leva (aos deuses) a oblação consagrada.
[10] 'O Louvor dos Homens', Agni.
[11] Os receptáculos das oferendas, segundo Sāyaṇa.
[12] Quando a oblação de manteiga clarificada é lançada no fogo.
[13] Diante do sacerdote mortal.
[14] A grama sagrada, espalhada no chão do salão de sacrifício como um assento para os Deuses, é uma das Āprīs ou objetos deificados que devem ser propiciados nesse hino. Todos esses são considerados como formas de Agni.
[15] Do salão de sacrifício. Essas parecem ter sido consideradas como símbolos de, ou mesmo fantasiosamente identificadas com, as portas do lar cósmico, os portais do Leste através dos quais a luz da manhã entra no mundo. Veja *Cosmology of the Ṛgveda*, p. 19.
[16] Os *maghavans*, os homens eminentes e ricos que instituem sacrifícios.
[17] Isto é, alegres dadoras de recompensas.
[18] Invocadores ou sacerdotes. Segundo Sāyaṇa, o fogo personificado da terra e do firmamento. Veja 1.13.8.
[19] Dos três fogos.
[20] O altar.

8. Sarasvatī que aperfeiçoa a nossa devoção, divina Iḷā, Bhāratī que supera todos, – três Deusas,[21] com poder inerente, sentadas, protejam essa Grama sagrada, nosso refúgio impecável!
9. Nascido é o herói piedoso[22] rápido de ouvir, como o ouro em cor, bem formado e cheio de vigor. Que Tvaṣṭar prolongue a nossa linhagem e parentes, e que eles possam chegar ao lugar que os Deuses habitam.
10. Vanaspati[23] ficará próximo e nos iniciará, e Agni com suas artes preparará a oblação. Que o Imolador celeste[24] hábil envie para os Deuses a oferenda três vezes ungida.
11. O óleo[25] foi misturado; o óleo é sua habitação. Em óleo ele repousa; o óleo é a sua província adequada. Vem como é a tua vontade; ó tu Boi,[26] regozija-te; carrega a oblação devidamente consagrada.[27]

Índice ◄►Hino 4 (Griffith)

Hino 3. Hino Āprī (Oldenberg)

MAṆḌALA 2, HINO 3.
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 5, VARGA 22-23.

1. Agni sendo aceso, depositado na terra, elevou-se com sua face em direção a todos os mundos. Que o Hotṛ, o purificador, o antigo, o sábio, que o deus Agni sacrifique para os deuses, ele que é digno (de ser o sacrificador).
2. Narāśaṁsa, ungindo as moradas (do sacrifício), igual por sua grandeza aos três céus, dotado de bela luz, umedecendo a oferenda, sua mente estando concentrada em espalhar ghṛta – que ele consagre os deuses no topo do sacrifício.
3. Sendo magnificado em nossa mente, Agni, sacrifica por nós hoje aos deuses diante do (sacrificador) humano, tu que és digno (de ser o sacrificador). Conduz para cá o inabalável exército dos Maruts. Sacrifiquem, ó homens, para Indra que está sentado na Barhis.
4. Ó Barhis divina! Nesta (Barhis), que é ampla, rica em homens valentes, que foi espalhada neste Vedi (ou altar sacrifical) benéfico, preparada por riqueza, que está ungida com ghṛta, sentem-se, ó Vasus, Viśvedevas, ó Ādityas dignos de adoração!
5. Que as portas divinas que podem ser atravessadas facilmente abram-se amplamente quando invocadas com adoração. Que elas, as muito abrangentes, imperecíveis, se escancarem, purificando a nossa gloriosa tribo, que é rica em homens valentes.
6. Que Noite e Aurora, tornadas fortes desde antigamente, alegres como duas aves (?),[28] (façam) bem seu trabalho para nós – elas que tecem, voltadas uma para a outra, a urdidura estendida, a forma ornamentada do sacrifício, (as duas deusas) que fluem com abundância, ricas em leite.
7. Que os dois Hotṛs divinos, os primeiros, muito inteligentes, muito admiráveis, realizem o sacrifício corretamente com seu verso (sacrifical). Sacrificando para os deuses eles

---

[21] Que presidem diferentes departamentos de culto.
[22] Um filho devotado aos Deuses.
[23] O poste sacrifical, ou Agni naquela forma. Veja 1.13.11 [notas 11 e 23].
[24] Agni, simbolicamente assim chamado.
[25] A oblação de manteiga clarificada.
[26] Poderoso Agni.
[27] Oferecida com a palavra sagrada Svāhā. Veja 1.13.12.
[28] O significado de *vayya* é incerto. Possivelmente é derivado de *ví*, 'a ave'. De acordo com Sāyaṇa ele significaria 'tecelãs' (*vānakuśale iva*).

(os) ungem, observando o momento certo, sobre o umbigo da Terra, sobre os três cumes (dos três mundos).
8. Que Sarasvatī, a realizadora da nossa prece, que a deusa Iḷā, a todo-vitoriosa Bhāratī – que as três deusas, de acordo com seu costume, sentem-se nessa Barhis e a protejam, o abrigo impecável.
9. Em virtude de (o deus ter) ouvido (a nossa prece) um filho viril nasce (para nós), de cor fulva, benéfico, trazendo vigor, amando os deuses. Que Tvaṣṭṛ nos entregue um filho, o umbigo (ou seja, o laço que une gerações), e que ele então vá para a morada dos deuses.
10. Que a árvore (isto é, o poste sacrifical) permaneça próxima, soltando (a oferenda que vai para os deuses). Que Agni apronte a oferenda em consequência das nossas preces. Que o matador divino presciente leve a oferenda três vezes ungida aos deuses.
11. Ele é unido com ghṛta. Seu ventre (no altar) é ghṛta. Ele repousa em ghṛta. Sua residência é ghṛta. Traze para cá (os deuses) segundo o teu costume! Alegra-te! Leva, ó touro, a oferenda, sobre a qual a Svāhā foi pronunciada, (até os deuses).

Índice ◄►Hino 4 (Oldenberg)

Hino 4. Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

Agni é o deus; Somāhuti, da linhagem de Bhṛgu, o Ṛṣi; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 24. **1**. Eu invoco, em seu nome, o resplandecente, o impecável Agni, o convidado dos mortais, o aceitante de alimento (sacrifical), que, conhecendo tudo o que nasceu, é como um amigo, o sustentador (de todos os seres), de homens a deuses.
2. Os Bhṛgus, adorando Agni, o tornaram manifesto duas vezes; (uma vez) na morada das águas, e (uma vez) entre os filhos dos homens;[1] que Agni, o soberano dos deuses, montado em um corcel rápido, sempre supere todos (os nossos inimigos).
3. Os deuses, pretendendo residir (no céu), deixaram, como um amigo querido entre as raças humanas, aquele Agni, que, presente na câmara de sacrifício, é generoso para o doador de oferendas, e brilha nas noites quando ele é desejado.
4. Cuidar de Agni é tão agradável quanto (cuidar) de si mesmo; (encantadora) é a aparência dele, quando se espalhando amplamente, e consumindo (o combustível); ele brande sua chama entre os arbustos, como um cavalo de carruagem chicoteia com sua cauda.
5. Cuja grandeza meus colegas exaltam em voz alta; que manifestou sua forma real para os sacerdotes; que é reconhecido em oblações pelo seu esplendor variado, e que, embora envelhecendo frequentemente, torna-se jovem repetidamente.
Varga 25. **6**. Que brilha no meio das florestas, como se satisfazendo a si mesmo (com alimento); que (corre), como a água para um declive, e ribomba como um carro (de guerra); de caminho escuro, consumindo, mas encantador, ele é considerado como o céu sorrindo com constelações.
7. Ele que está em muitos lugares; que se espalha por toda a terra, como um animal sem um pastor, que segue de acordo com sua própria vontade; Agni, o que brilha resplandecente, consumindo os arbustos secos, por quem a dor da escuridão (é infligida sobre as árvores), bebe totalmente (a umidade delas).

[1] Como relâmpago no firmamento, e como o fogo culinário na terra.

8. Realmente o teu louvor foi recitado (por nós) no terceiro sacrifício (diário), como foi na repetição da tua primeira propiciação; dá-nos, Agni, alimento amplo e notório, posteridade, riquezas, tais que possam ser o sustento de inúmeros dependentes.
9. Por ti (Agni), que os Gṛtsamadas, repetindo o teu louvor, tornem-se donos dos preciosos (tesouros) secretos; para que eles possam ser possuidores de dependentes excelentes, e sejam capazes de resistir aos (seus) inimigos; e dá aos (teus) adoradores piedosos, e àquele que (te) glorifica, tal alimento (abundante).

Índice ◄►Hino 5 (Wilson)

Hino 4. Agni (Griffith)[2]

1. Por vocês eu chamo o glorioso Agni refulgente, o convidado dos homens, rico em oblações, a quem todos devem se esforçar para conquistar assim como um amante, Deus entre pessoas devotas, Jātavedas.[3]
2. Os Bhṛgus que o serviam no lar das águas[4] o colocaram antigamente nas casas dos vivos. Sobre todos os mundos que Agni seja o Soberano, o mensageiro dos Deuses com corcéis rápidos.
3. Entre as tribos de homens os Deuses colocaram Agni como um Amigo querido quando eles quiseram habitar entre eles. Diante das noites ansiosas que ele brilhe e mostre sua força ao ofertante na casa.
4. Agradável é o crescimento dele assim como o das próprias posses; seu aspecto quando correndo desejoso de queimar é encantador. Ele dardeja sua língua, como um corcel atrelado que agita sua cauda ondeante, entre os arbustos.
5. Visto que eles que me honram têm louvado a minha grandeza,[5] – ele deu, por assim dizer, sua cor para aqueles que o amam. Conhecido é ele por seu esplendor agradável brilhante, e envelhecendo renova sua juventude para sempre.
6. Como alguém sedento, ele ilumina as florestas; como água descendo os caminhos dos carros ele ruge. Em seu caminho preto ele brilha em beleza ardente, marcado como se fosse o céu que sorri através do vapor.
7. Em volta, consumindo a vasta terra, ele vagueia, vagando livre como um boi sem um pastor – Agni refulgente, queimando os arbustos, com linhas enegrecidas, como se a terra ele temperasse.[6]
8. Eu, em memória do teu antigo favor, cantei meu hino nessa nossa terceira assembléia.[7] Ó Agni, dá-nos riqueza com abundância de heróis e grande força em alimentos e descendência nobre.
9. Que os Gṛtsamadas, servindo em segredo,[8] através de ti, ó Agni, superem seus vizinhos, ricos em bons heróis e subjugando inimigos. Dá essa força vital aos chefes e cantores.

Índice ◄►Hino 5 (Griffith)

---

[2] Esse hino e os três seguintes são atribuídos ao Ṛṣi Somāhuti da antiga família sacerdotal de Bhṛgu, um dos primeiros instituidores do sacrifício.
[3] Agni, que conhece toda a vida. Veja 1.44.1 [nota 5].
[4] Existindo na forma de relâmpago no firmamento antes que ele fosse trazido para a terra.
[5] Agni parece ser aquele que fala essas palavras.
[6] Isto é, como se, por queimar os arbustos e ervas daninhas, ele adubasse e preparasse o solo para o cultivo.
[7] No terceiro dos três sacrifícios diários.
[8] Pelo cumprimento pacífico dos deveres sacerdotais, não por meio da guerra como os comandantes que instituem o sacrifício.

Hino 4. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 2, HINO 4.
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 5, VARGA 24-25.

1. Eu chamo por você Agni, brilhando com resplendor belo, louvado com louvor belo, o convidado dos clãs, o recebedor de oferendas excelentes, que é desejável como Mitra (ou, como um aliado), Jātavedas o deus, entre pessoas devotas.
2. Os Bhṛgus adorando-o na morada das águas realmente[9] o estabeleceram entre os clãs de Āyu. Que ele supere todos os mundos, Agni, o administrador dos deuses,[10] o possuidor de cavalos rápidos.
3. Os deuses estabeleceram o amado Agni entre os clãs humanos como (pessoas) indo firmar (estabelecer) Mitra.[11] Que ele ilumine as noites que estão ansiosas (por ele), ele que deve ser tratado gentilmente pelo generoso (adorador) em sua casa.
4. A prosperidade dele é agradável como boa pastagem;[12] encantadora é sua aparência quando o ardente é impulsionado adiante, ele que agitando rapidamente sua língua entre as plantas abana sua cauda poderosamente como um cavalo de carro.
5. Quando eles louvaram a mim o poder monstruoso do comedor das florestas, ele produziu sua cor (brilhante) como (ele fez) para o Uśijs.[13] Com esplendor brilhante ele brilhou alegremente, ele que tendo envelhecido subitamente tornou-se jovem (de novo).
6. Ele que brilha nas florestas[14] como se estivesse com sede, que ressoou como água em seu caminho, como (o estrépito das rodas) de uma carruagem – ele cujo caminho é preto, o quente, o alegre brilhou, rindo[15] como o céu com suas nuvens.
7. Ele que se espalhou queimando sobre a ampla (terra), move-se por todos os lados como um animal, livre, sem um guarda. O flamejante Agni, queimando o mato, com um rastro preto, tem, por assim dizer, provado a terra.
8. Agora em memória das tuas antigas bênçãos essa prece foi recitada a ti no terceiro sacrifício. Dá-nos, Agni, força poderosa com uma sucessão de homens valentes, com abundância de alimentos, (dá-nos) riqueza com boa progênie.
9. Dá, ó Agni, tal vigor ao teu louvador junto com os generosos (senhores) dele, para que os Gṛtsamadas, ricos em homens valentes, vitoriosos sobre tramas hostis, alcançando (seu objetivo) em segredo, possam superar através de ti (seus rivais) que chegam por trás.[16]

Índice ◄►Hino 5 (Oldenberg)

---

[9] Literalmente, 'duplamente'. 'Em dois lugares, na morada das águas e entre os clãs do homem'. Max Müller.
[10] Veja 1.58.7.
[11] O significado parece ser que as pessoas que vão se estabelecer em qualquer lugar garantem segurança por meio de cerimônias dirigidas a Mitra, isto é, possivelmente através da celebração de alianças que permanecem sob a proteção especial de Mitra.
[12] *Svásya-iva* parece estar corrompido. A tradução da leitura tradicional seria, 'Sua prosperidade é agradável, como a de uma pessoa pertencente a nós'.
[13] Sobre os ancestrais míticos designados como os Uśijas, veja Bergaigne, I, 57 e seguintes.
[14] As florestas, naturalmente, são o combustível.
[15] O 'riso' do céu é o relâmpago (Benfey, *Vedica und Verwandtes*, 138). As chamas de Agni lampejam através da fumaça como o relâmpago brilha nas nuvens.
[16] 'Possam prevalecer, destruindo através de ti os vizinhos que se encontram em emboscada'. Max Müller.

Hino 5. Agni (Wilson)

(Sūkta V)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica é Anuṣṭubh.

Varga 26. **1**. Um invocador (dos deuses),[1] nosso instrutor e protetor, nasceu para a preservação dos nossos benfeitores;[2] que nós, possuidores de alimento (sacrifical), sejamos capazes de adquirir riquezas respeitáveis, conquistáveis e administráveis.

2. Em quem, como condutor do sacrifício,[3] os sete raios estão manifestados, e que, como um Potṛ humano, oficia no oitavo lugar para aperfeiçoar cada (rito) divino.

3. Quaisquer (oferendas, que o sacerdote) apresente, quaisquer preces que ele recite, ele, (Agni), conhece todas; ele compreende todos os atos sacerdotais, como a circunferência (inclui os raios de uma roda).

4. O regulador puro (do sacrifício)[4] nasce realmente junto com o ato sagrado; o sábio (adorador) realiza todos os ritos prescritos dele (de Agni) em sucessão, como os ramos brotam (de um tronco comum).

5. Os dedos irmãs, que são as vacas leiteiras do Neṣṭṛ, são aqueles que realizam o culto dele, (de Agni); e de várias maneiras são combinados para esse propósito através dos três (fogos sagrados).

6. Quando a irmã (recipiente), portando a manteiga clarificada, é colocada perto da mãe (altar), o Adhvaryu se alegra com a aproximação delas, como a cevada (pela queda de) chuva.

7. Que ele, o sacerdote ministrante,[5] cumpra o ofício de sacerdote em sua própria cerimônia; e que nós repitamos dignamente o (seu) louvor e ofereçamos sacrifício (a ele).

8. E, Agni, (permite), que esse sábio (adorador) possa oferecer dignamente (culto) a todos os (deuses) adoráveis, e que o sacrifício que nós oferecemos também possa ser aperfeiçoado em ti.

Índice ◄►Hino 6 (Wilson)

---

[1] *Hotṛ:* nessa, e nas estrofes seguintes, Agni é abordado como identificado com, ou personificado por, vários dos sacerdotes individuais empregados em sacrifícios.

[2] *Pitṛbhya ūtaye*, por proteção para os *Pitṛs;* o comentador interpreta *Pitṛ* aqui por *pālaka* ou *Yajamāna*, o patrocinador, ou instituidor do sacrifício.

[3] *Netṛ*, e logo em seguida *Potṛ*, dois dos dezesseis sacerdotes; é explicado que os sete raios aqui significam os sete sacerdotes, empenhados em suas respectivas funções.

[4] O *Praśāstṛ*, cujo dever é, por meio de atos apropriados, evitar todos os obstáculos a um sacrifício.

[5] O Ṛitvij, ou um sacerdote em geral, em qual qualidade Agni é convidado a oficiar para si mesmo.

Hino 5. Agni (Griffith)

1. Arauto e professor ele nasceu, um guardião para o auxílio dos nossos benfeitores,
Ganhador por ritos de riqueza nobre. Que nós agarremos e guiemos aquele Forte[6];
2. Em quem, Líder[7] de sacrifício, as sete rédeas,[8] muito estendidas, se encontram;
Que promove, como homem, oitavo em lugar, como Purificador,[9] todo o trabalho divino.
3.[10] Quando rápido ele segue essa ordem, como pássaro ele canta as preces sagradas.
Ele tem todo o conhecimento ao seu alcance assim como a borda em volta da roda.
4. Junto com o poder mental puro, puro, como Diretor,[11] ele nasceu.
Hábil em suas próprias leis imutáveis ele se desenvolve como os ramos em crescimento.
5. Vestindo-se nas cores dele, as vacas dele o Líder o servem.
Ele não é melhor do que as Três, as Irmãs que vieram a nós?[12]
6. Quando, carregada com o óleo sagrado, a Irmã[13] fica perto da Mãe,[14]
O sacerdote se deleita pela aproximação delas, como os grãos pela chegada da chuva.
7. Para o seu sustento que ele[15] realize como ministrante sua tarefa sacerdotal;
Sim, canção de louvor e sacrifício: nós temos concedido, vamos obter.
8. Que assim esse homem,[16] hábil, possa prestar culto a todos os Santos,
E, Agni, esse nosso sacrifício que nós preparamos aqui, para ti.

Índice ◄►Hino 6 (Griffith)

---

[6] Agni.
[7] Neṣṭar, um dos dezesseis sacerdotes.
[8] Os sete sacerdotes empenhados em seus respectivos deveres.
[9] Potar, um dos dezesseis sacerdotes. Veja 2.1.2.
[10] O primeiro hemistíquio, tal como está, é ininteligível para mim. Wilson, conforme Sāyaṇa, parafraseia, 'Quaisquer (oferendas, que o sacerdote) apresente, quaisquer preces que ele recite'.
[11] Praśāstar, um dos sacerdotes. Veja 2.1.2.
[12] A estrofe é obscura. Ludwig pensa que Agni aqui é chamado de Líder porque ele guia a irmã Auroras para o sacrifício, e que é dito que elas são três em número para corresponder ao número de vacas.
[13] Uṣas ou Aurora.
[14] O altar do norte, representando a Terra.
[15] Agni como sacerdote.
[16] O adorador.

Hino 5. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 2, HINO 5.
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 5, VARGA 26.

1. O brilhante Hotṛ[17] nasceu, o pai para proteger os pais,[18] aspirando por riqueza nobre. Que nós sejamos capazes de refrear o (cavalo) forte.[19]
2. Ele o líder do sacrifício em direção a quem as sete rédeas (ou raios) estão esticadas, o Potṛ promove, como (ele fez) para Manu, a oitava (rédea) divina; todas aquelas (rédeas ele promove).[20]
3. Ou quando ele correu para diante, e recitou as palavras sagradas,[21] e exerceu aquele (dever), ele abarcou todo tipo de sabedoria como o aro (envolve) a roda.
4. Pois Ele nasceu como o brilhante Praśāstṛ, com poder mental brilhante. (Um homem), que conhece as suas leis firmes, sobe nelas como nos galhos de uma árvore.[22]
5. As animadas vacas leiteiras foram ligadas à cor (brilhante) dele, do Neṣṭṛ.[23] Foi de acordo com o desejo das três irmãs que foram lá?[24]
6. Quando (vindo) da mãe a irmã se aproximou, trazendo ghṛta,[25] o Adhvaryu se alegra com a chegada delas[26] como a semente (se alegra) pela chuva.
7. Que Ele o próprio (sacerdote) Ṛitvij faça o Ṛitvij (trabalhar) para o seu próprio revigoramento.[27] E que nós ganhemos rapidamente o louvor e o sacrifício;[28] nós o temos oferecido.
8. Para que Ele o conhecedor (Agni) possa servir prontamente todos os (deuses) adoráveis, esse sacrifício, ó Agni, que nós temos realizado, depende de ti.

Índice ◄►Hino 6 (Oldenberg)

---

[17] Como o Hotṛ é mencionado aqui, os versos seguintes contêm cada um os nomes dos outros sacerdotes como dados em 2.1.2. Somente o Agnīdh é deixado de fora; possivelmente as palavras *svaḥ svāya dhāyase kṛṇutām ṛtvigh ṛtvijam* (v. 7) contêm uma alusão a esse sacerdote, que pode muito bem ser chamado de o Ṛitvij pertencente a Agni e que o revigora.
[18] O significado parece ser: Agni, que tem protegido os pais, nasceu de novo, e fará o mesmo para o atual sacrificador.
[19] O cavalo forte, naturalmente, é Agni.
[20] Sobre os sete raios ou rédeas de Agni, veja 1.146.1, Nota 11. Além dos sete sacerdotes, um misterioso oitavo sacerdote Ṛitvij é citado (10.114.9); desse modo Agni tem um oitavo *raśmi* (raio ou rédea) misterioso, além dos sete. Comp. Bergaigne, *Religion Védique*, II, 144.
[21] *Vocad brahmāṇi:* isso parece ser uma alusão ao sacerdote Brahman (veja a nota 17).
[22] O professor Max Müller (vol. xxxii, p. 207) traduz, 'brota como brotos jovens'.
[23] É o ofício do Neṣṭṛ levar a esposa do sacrificador para o lugar onde o sacrifício está sendo realizado. Assim, Agni, o divino Neṣṭṛ, é representado como acompanhado por seres do sexo feminino, pelas 'vacas leiteiras', significando oblações de ghṛta, etc., ou possivelmente as auroras.
[24] São as três irmãs idênticas às vacas leiteiras de que fala o primeiro hemistíquio? Ludwig (vol. iv, p. 166) muito apropriadamente chama a atenção para o fato de que três vacas eram ordenhadas no sacrifício da lua cheia e da lua nova. Três auroras são mencionadas em 8.41.3.
[25] A irmã trazendo ghṛta parece ser a colher sacrifical. A mãe é o recipiente de leite ou, talvez, a vaca?
[26] 'Delas' se refere à mãe e à irmã? Ou 'as três irmãs que foram lá' são mencionadas?
[27] O primeiro Ṛitvij é Agni; o outro possivelmente é o Agnīdh que reanima o Ṛitvij Agni. Veja a nota 17.
[28] Depois de *ād* nós deveríamos esperar, em vez de *áraṃ*, outro acusativo, possivelmente *ṛcam* (veja 7.66.11): 'que nós dominemos o louvor, o sacrifício, e o verso'. *Áraṃ* pode ter encontrado seu caminho para o texto a partir do verso 8.

Hino 6. Agni (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica é Gāyatrī.

Varga 27. **1**. Agni, aceita esse meu combustível, essa minha oblação; ouve, bem satisfeito, os meus louvores.
2. Que nós te propiciemos, Agni, por essa (oblação); neto da força, (que és) satisfeito por sacrifício imediato,[1] (que nós te agrademos), bem-nascido, por esse hino.
3. Concessor de riquezas, que nós, teus servos, propiciemos a ti, que és desejoso de riqueza (sacrifical), e digno de louvor, pelos nossos louvores.
4. Senhor da riqueza, dador de riqueza, possuidor de riquezas, que és sábio, entende (as nossas preces) e dispersa os nossos inimigos.
5. (Pois tu és) aquele (que) nos (dá) chuva do céu; aquele (que) nos (dá) força imperecível; aquele (que) nos (dá) infinita (fartura de) alimento.
6. O mais jovem (dos deuses), seu mensageiro, seu invocador, o mais digno de culto, vem, ao nosso louvor, para aquele que (te) oferece adoração, e deseja a (tua) proteção.
7. Sábio Agni, tu penetras na parte mais recôndita (do homem), conhecendo o nascimento de ambos (do adorador e do adorado); como um mensageiro favorável aos homens, especialmente para os amigos dele.
8. Agni, que és onisciente, realiza (os nossos desejos); tu, que és inteligente, cultua (os deuses); em ordem, e senta-te sobre essa erva sagrada.

Índice ◄►Hino 7 (Wilson)

Hino 6. Agni (Griffith)

1. Agni, aceita esse tição flamejante, esse serviço com minha oração a ti;[2]
Ouve benevolentemente essas canções de louvor.
2. Com esse hino vamos te honrar, buscador de cavalos,[3] Filho da Força,
Com esse hino belo, tu nascido nobremente.
3. Como tal, amante de música, com canções, amante de riqueza, dador da nossa riqueza! Com reverência vamos te adorar.
4. Sê para nós um Príncipe generoso, doador e Senhor das coisas preciosas.
Afasta aqueles que nos odeiam.
5. Tal como tu és, dá chuva do céu, dá força à qual nenhum homem possa resistir:
Dá alimento muito abundante.
6. Aproxima-te daquele que te louva, desejando auxílio, o enviado mais jovem! através da nossa canção, o Arauto mais santo!
7. Entre ambas as raças,[4] Agni, Sábio, muito hábil[5] tu passas para lá e para cá,

---

[1] *Āḍaśvamiṣṭe-vyāpakayajña*, cujos ritos estão se expandindo; ou *āśu*, rápido, *tadicchati*, ele deseja culto rápido ou imediato.
[2] Essa 'súplica e cerco' como diz Milton. Ou *upasadaṃ* tomado em um sentido especial pode significar a cerimônia chamada *Upasad* que fazia parte do Jyotiṣṭoma, uma cerimônia Soma muito importante.
[3] Para dá-los ao adorador.
[4] Deuses e homens.
[5] Familiarizado com ambos.

Como enviado amigável para a humanidade.
8. Favorece-nos como conhecedor de tudo. Sábio, adora devidamente os Deuses,
E senta-te nessa grama sagrada.

Índice ◄►Hino 7 (Griffith)

Hino 6. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 2, HINO 6.
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 5, VARGA 27.

1. Aceita, ó Agni, esse meu pedaço de madeira e esse meu sentar (com reverência),[6] e ouve essas minhas palavras.
2. Vamos te adorar, Agni, filho do vigor, com esse (pedaço de madeira), ó ganhador de cavalos, com esse (hino) bem falado, ó bem-nascido.
3. Que nós desse modo como teus servos dedicados prestemos culto por nossas palavras a ti que aceitas palavras (de oração), a ti que aspiras por riqueza, ó concessor de riqueza.
4. Assim sê um senhor generoso, caridoso, ó senhor dos bens, ó concessor de bens. Afasta o ódio de nós.
5. Assim (dá-)nos chuva do céu, assim (dá-)nos força inatingível; assim (dá-)nos alimentos aos milhares.
6. Daquele que te engrandece, que deseja a tua ajuda, ó mais novo mensageiro, (invocado) pela nossa palavra, o melhor sacrificador Hotṛ, aproxima-te.
7. Pois tu, Agni, ó sábio, que conheces ambas as raças (de deuses e de homens), passas (para lá e para cá), entre elas, como um mensageiro pertencente ao teu próprio povo, pertencente aos teus aliados.
8. Assim alegra (os deuses) como o conhecedor; sacrifica, ó inteligente, na devida ordem, e senta-te sobre essa Barhis.

Índice ◄►Hino 7 (Oldenberg)

Hino 6. Agni (Müller)[7]

1. Agni, aceita essa tora que eu te ofereço, aceita esse meu serviço; ouve bem essas minhas canções.
2. Com essa tora, ó Agni, que nós te adoremos, tu filho da força, conquistador de cavalos! e com esse hino, tu nobre de nascimento!
3. Que nós, teus servos, te sirvamos com canções, ó concessor de riquezas, tu que amas canções e te deleitas com riquezas.
4. Tu senhor da riqueza e dador de riqueza, sê sábio e poderoso; afasta de nós os inimigos!

[6] Não parece provável que *upasád* deva ser traduzido aqui de acordo com seu significado no ritual mais recente, como uma das cerimônias preparatórias do sacrifício Soma.
[7] [Essa tradução por Max Müller é encontrada em seu *Selected Essays on Language, Mythology and Religion*, Volume 2, pág. 143.]

5. Ele nos dá chuva do céu, ele nos dá força inviolável, ele nos dá alimentos aos milhares.
6. O mais jovem dos deuses, seu mensageiro, seu invocador, o mais digno de culto, vem, ao nosso louvor, àquele que te adora e que anseia pelo teu auxílio.
7. Pois tu, ó sábio, andas sabiamente entre essas duas criações (céu e terra, deuses e homens), como um mensageiro amigável entre duas aldeias.
8. Tu és sábio, e tu foste satisfeito, realiza, inteligente Agni, o sacrifício sem interrupção, senta-te nessa grama sagrada!

Índice ◄►Hino 33 (Müller)

Hino 7. Agni (Wilson)

(Sūkta VII)

Deus, Ṛṣi, e métrica, como antes.

Varga 28. **1**. O mais jovem (dos deuses), Agni, descendente de Bhārata,[1] concessor de habitações, traze (para nós) riquezas excelentes, esplêndidas e invejáveis.
2. Que nenhum inimigo prevaleça contra nós, seja dos deuses ou do homem; protege-nos de ambos os inimigos desse tipo.
3. Que nós, pela tua graça, subjuguemos todos os nossos inimigos, como torrentes de água.
4. Purificador, Agni, santo, adorável, tu brilhas muito quando (tu) és adorado com (oblações de) manteiga.
5. Agni, descendente de Bhārata, tu és inteiramente nosso, quando vacas prenhes, vacas estéreis, ou touros são sacrificados a ti.[2]
6. Comedor de combustível,[3] a quem manteiga é oferecida, (tu és) o antigo, o invocador dos deuses, o excelente, o filho da força, o extraordinário.

Índice ◄►Hino 8 (Wilson)

Hino 7. Agni (Griffith)

1. Ó Vasu,[4] tu o Deus mais jovem, Bhārata,[5] Agni, nos traze riqueza,
Excelente, esplêndida, muito desejada.
2. Que nenhuma maldade prevaleça contra nós, seja de Deus ou do homem.
Salva-nos disso e da inimizade.

---

[1] *Bhārata*, de acordo com Sāyaṇa, significa surgido a partir dos sacerdotes, – *bharatā-ṛtvija*, produzido por sua fricção dos bastões.
[2] *Vaśābhir-ukṣabhiḥ-aṣṭāpadībhirāhutaḥ*, oferecido, ou sacrificado para, com vacas estéreis, *vaśā;* com touros, *ukṣa*, e com animais de oito patas, ou seja, de acordo com Sāyaṇa, uma vaca com bezerro; mas é notável que esses animais sejam mencionados como oferendas queimadas.
[3] *Drvannaḥ:* de *dru*, uma árvore, ou madeira; e *anna*, alimento.
[4] Um da classe de Deuses assim chamados.
[5] Agni é chamado desse modo, segundo Sāyaṇa, ou por ter sido produzido por atrito pelos sacerdotes, ou por ser o portador de oblações. O significado é, provavelmente, ‛especialmente conectado com os Bharatas ou Guerreiros’.

3. Assim pela tua graça que nós forcemos um caminho através de todos os nossos inimigos, como se fosse através de torrentes de água corrente.
4. Tu, Agni Purificador, resplandeces fortemente, brilhante, adorável,
Quando adorado com o óleo sagrado.
5. Tu és nosso, Agni, Bhārata, honrado por nós com vacas estéreis,
Com bois e com vacas com bezerro;[6]
6. Alimentado com madeira, orvalhado com óleo sagrado, antigo, Invocador, excelente,
O Filho da Força, o extraordinário.

Índice ◄►Hino 8 (Griffith)

Hino 7. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 2, HINO 7.
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 5, VARGA 28.

1. Traze-nos, ó deus mais jovem, Bhārata,[7] Agni, a melhor, resplandecente, a riqueza, muito desejada, ó Vasu!
2. Que nenhum poder maligno de um deus ou de um mortal nos domine. Ajuda-nos a passar por tal poder hostil.
3. E que nós mergulhemos contigo através de todos os poderes hostis como através de correntes de água.
4. Brilhante, ó purificador, digno de adoração, Agni, tu brilhas poderosamente; tu tens sido adorado por oferendas de ghṛta.
5. Tu, ó Bharata, Agni! tens sido adorado por nós com oferendas de novilhas, de touros, de (vacas) de oito patas.[8]
6. O antigo Hotṛ excelente que se alimenta de madeira e bebe manteiga, ele é o extraordinário filho da força.

Índice ◄►Hino 8 (Oldenberg)

---

[6] *Aṣṭāpadībhiḥ* é explicado dessa maneira por Sāyaṇa, e é usado na linguagem do ritual em lugar de animais com filhotes. Roth e Grassmann compreendem 'versos' compostos de oito pés, divisões, ou sílabas. Segundo Bergaigne, essas vacas representam preces.
[7] Agni Bhārata é Agni como o protetor da tribo Bharata ou como invocado por essa tribo.
[8] Isto é, com bezerros.

Hino 8. Agni (Wilson)

(Sūkta VIII)

O deus é Agni; o Ṛṣi é Gṛtsamada; a métrica é Gāyatrī, exceto na última estrofe, na qual ela é Anuṣṭubh.

Varga 29. **1**. Louva rapidamente a carruagem atrelada do glorioso e generoso Agni, como alguém que está desejoso de alimentos.
2. Que, sagaz, invencível, e de andar gracioso, destrói, quando propiciado, seu inimigo, para aquele que apresenta (oferendas).
3. Que, envolvido com brilho, é glorificado, de manhã e à noite, nas (nossas) residências; cuja adoração nunca é negligenciada.
4. Que, de muitos matizes, resplandece com brilho, como o sol com (seu) esplendor, espalhando (luz) sobre (tudo) por meio de suas (chamas) imperecíveis.
5. Os nossos louvores aumentaram o auto-irradiante devorador Agni; ele é possuidor de toda glória.
6. Que nós, incólumes, estejamos seguros sob a proteção de Agni, de Indra, de Soma, e dos deuses, e, confiantes na batalha, vençamos (nossos inimigos).

Índice ◄►Hino 9 (Wilson)

Hino 8. Agni (Griffith)

1. Agora louva, como alguém que se esforça em busca de vigor, o atrelamento do carro de Agni, o generoso, o mais esplêndido;
2. Que, guiando os adoradores corretamente, enfraquece, intocado pela idade, o inimigo;
Quando adorado belo de se olhar;
3. Que por sua glória é exaltado à noite e de manhã em nossas casas,
Cujo estatuto é inviolável;
4. Que brilha refulgente como o Sol, com esplendor e com chamas de fogo,
Enfeitado com brilho imperecível.
5. A ele Atri,[1] Agni, as nossas canções têm fortalecido de acordo com seu domínio;
Todas as glórias ele tornou suas.
6. Que nós com a ajuda de Agni, de Indra, com a de Soma, sim, de todos os Deuses,
Incólumes residamos juntos calmamente, e conquistemos aqueles que lutam conosco.

Índice ◄►Hino 9 (Griffith)

---

[1] Agni parece aqui ser chamado pelo nome do antigo sábio Atri. Ou *átrim* pode ser um epíteto de Agni, significando o devorador do alimento com o qual ele é suprido, como Sāyaṇa o explica.

Hino 8. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 2, HINO 8.
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 5, VARGA 29.

1. Como alguém que corre uma corrida (elogia) seus carros, louva o atrelamento de Agni (ao carro do sacrifício), do (deus) mais glorioso, generoso –
2. Que é o melhor líder para o seu adorador, que imperecível faz os malignos decaírem, o de face alegre que tem sido adorado com oferendas –
3. Aquele que é louvado nas casas por conta de sua beleza, à noite e ao alvorecer, cuja lei não é desprezada,
4. O brilhante que resplandece com sua luz como o Sol com seu esplendor, com suas (chamas) imperecíveis, ele que é ungido (com ghṛta).
5. Os hinos têm fortalecido Agni o devorador[2] junto com a (extensão da) própria realeza dele.[3] Ele assumiu toda beleza.
6. Que nós ilesos fiquemos sob a proteção de Agni, de Indra, de Soma, dos deuses; que nós superemos os nossos inimigos.

Índice ◄►Hino 9 (Oldenberg)

---

[2] Que Agni deva ser identificado aqui com o Ṛṣi Atri (veja Bergaigne, II, 468) é muito improvável. Possivelmente *átri* significa simplesmente 'o comedor' (de *ad*), embora o poeta ao chamá-lo assim possa ter pretendido aludir ao nome do Ṛṣi.
[3] Compare com [o último trecho em] 1.80.1 e seguintes; e 1.84.10 e seguintes.

Hino 9. Agni (Wilson)

(Sexto Adhyāya. Continuação do Anuvāka 1. Sūkta IX)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 1.**1**. Que Agni, o invocador (dos deuses), o inteligente, o resplandecente, o radiante, o muito poderoso; ele que sabe (como manter) seus ritos imperturbados; que é firme em (seu próprio) lugar e é o nutridor de milhares, sente na posição do sacerdote invocador.[1]
2. Derramador (de benefícios), Agni, sê o nosso mensageiro (para os deuses); nosso preservador contra o mal; o transportador de riqueza para nós, o protetor dos nossos filhos e netos, e dos nossos corpos; compreende (a nossa prece), sempre atento e resplandecente.
3. Nós te adoramos, Agni, no teu mais sublime (local de) nascimento, e com hinos na tua posição inferior;[2] eu adoro aquele lugar de onde tu emergiste; os sacerdotes ofereceram a ti, quando aceso, oblações.
4. Agni, que és o principal dos sacrificadores, adora (os deuses) com a oblação, e elogia sinceramente para eles o alimento (sacrifical) que está a ser dado (a eles); pois tu, de fato, és o senhor soberano das riquezas; tu és apreciador da nossa prece piedosa.
5. Belo Agni, as duas moradas (céu e terra) de ti, que nasces dia a dia, nunca perecem; concede alimento (abundante) àquele te louva, e faze dele o dono de riquezas, (sustentando) progênie virtuosa.
6. Tu, com essa (tua) hoste (de atendentes), sê de boa promessa para nós; tu, o adorador especial dos deuses, o protetor inatacável deles, bem como o nosso preservador, ilumina (todos) com brilho e bem-estar afluente.

Índice ◄►Hino 10 (Wilson)

Hino 9. Agni (Griffith)

1. Acostumado com o lugar do Arauto,[3] o Arauto sentou-se, brilhante, esplêndido, extremamente poderoso, cuja presciência protege a Lei[4] contra violação, excelente, de língua pura, trazendo milhares, Agni.
2. Enviado tu és, que protege do inimigo; Deus forte, tu nos levas às maiores bênçãos. Refulgente, sê um guardião sempre atento, Agni, para nós e para a nossa semente e nossos descendentes.
3. Que nós te adoremos no teu mais alto local de nascimento, e, com nossos louvores, na tua posição inferior. O lugar de onde tu saíste eu adoro; a ti bem aceso eles têm dado oblações.[5]

---

[1] *Hotṛṣadane*, em um local conveniente para derramar a manteiga no fogo, ou perto do Uttara-vedī, o altar ao norte; ou considerando o próprio fogo a ser introduzido, sobre o altar; Mahīdhara o explica da mesma maneira, - *Yajur-Veda*, vi. 36.
[2] Ou seja, Agni é adorado no céu, como o Sol; no firmamento como o relâmpago; e como o fogo sacrifical aceso no altar; o mesmo ocorre no *Yajush*, xvii. 75.
[3] Ou Hotar; Agni, o Invocador dos Deuses. O nome vem, com mais ênfase, no fim do verso.
[4] Especialmente o sacrifício.
[5] *No teu mais alto local de nascimento:* como o fogo do Sol no céu. *Tua posição inferior:* o firmamento, onde Agni nasce como o relâmpago. *O lugar de onde tu saíste:* o altar onde queima o fogo sacrifical.

4. Agni, o melhor Sacerdote, presta culto com oblação; elogia rapidamente o presente a ser oferecido; pois tu és o Senhor da riqueza reunida e do tesouro; da canção brilhante de louvor tu és inventor.
5. A opulência dupla,[6] ó operador de prodígios, de ti recém-nascido a cada dia[7] nunca diminui. Enriquece com alimento o homem que te louva, Agni; faze dele o dono de riqueza com prole nobre.
6. Que ele, benevolente com esse belo aspecto, o melhor sacrificador, traga os deuses para nos abençoar. Guardião infalível, nosso protetor contra o inimigo, brilha, Agni, com tua afluência e esplendor.

Índice ◄►Hino 10 (Griffith)

Hino 9. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 2, HINO 9.
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 6, VARGA 1.

1. O Hotṛ que é encontrado no assento do Hotṛ sentou-se (lá), o feroz, o resplandecente, o ágil, o protetor das (suas próprias) leis infalíveis, o maior Vasu, aquele que traz (ganho) aos milhares, Agni de língua pura.
2. Sê nosso mensageiro, sê nosso protetor em toda parte; sê, ó touro, um guia em direção à maior riqueza. Ó Agni! para a continuação dos nossos filhos e de nós mesmos sê o protetor brilhante, incessante.
3. Que nós te adoremos no teu mais alto (lugar de) nascimento, ó Agni; que nós te adoremos com louvores na tua residência inferior. Eu honro o ventre do qual tu nasceste. Quando tu tens sido aceso, eles têm feito oferendas em ti.
4. Agni, sendo o melhor sacrificador realiza o sacrifício com a oblação. Com tua prontidão para ouvir(-nos) saúda o nosso presente, a riqueza (que oferecemos). Pois tu és o senhor do tesouro dos tesouros, tu és o autor do discurso brilhante.
5. Tua riqueza de ambos os tipos[8] nunca falha, quando tu és nascido (aceso) dia a dia, ó extraordinário. Torna o teu cantor, ó Agni, rico em alimentos; faze dele o senhor da riqueza com prole excelente.
6. Com essa tua face, como um (senhor) generoso, um sacrificador para os deuses, o melhor realizador de sacrifícios com alegria, como um guardião que não pode ser iludido e protetor de longo alcance, brilha entre nós, ó Agni, com luz e riqueza.

Índice ◄►Hino 10 (Oldenberg)

---

[6] Enriquecendo os Deuses com sacrifícios e os homens com bênçãos terrenas.
[7] Re-aceso no sacrifício da manhã.
[8] Não há dúvida que bens celestes e terrestres são aludidos.

Hino 10. Agni (Wilson)

(Sūkta X)

Deus, Ṛṣi, e métrica, como antes.

Varga 2. **1**. O adorável Agni, o primeiro (dos deuses), e seu nutridor quando aceso pelo homem sobre o altar; ele que está vestido em esplendor, é imortal, discriminador, concessor de alimento, poderoso; ele deve ser adorado.
2. Que Agni, que é imortal, de sabedoria múltipla, e esplendor magnífico, ouça a minha prece, (oferecida) com todas as louvações; cavalos fulvos, ou vermelhos, ou purpúreos puxam o seu carro, ele tem sido levado em várias direções.
3. Eles têm gerado (Agni) quando adormecido profundamente em seu (leito) virado para cima;[1] aquele Agni que é um embrião em várias formas (vegetais) e que, (tornado manifesto) pela oblação, permanece consciente à noite, não envolvido pela escuridão.
4. Eu ofereço oblações com manteiga para Agni,[2] que se espalha por todas as regiões, vasto, extenso, com forma que abrange tudo,[3] nutrido (com) alimento (sacrifical), poderoso, conspícuo.
5. Eu ofereço oblações a Agni, que está presente em todos (os sacrifícios);[4] que ele (as) aceite, oferecidas com uma mente sem hesitação, (a ele), que é o amparo do homem, dotado de qualquer forma que possa ser desejada, resplandecendo com um brilho (que) não (é possível) suportar.
6. Subjugando (teus inimigos) com brilho, que tu reconheças a tua porção; que nós, tendo-te como o nosso mensageiro, recitemos (louvor) como Manu; desejando riqueza, eu ofereço oblação com a concha sacrifical e com louvores, para aquele perfeito Agni, que recompensa (o adorador) com o doce (fruto) do sacrifício.

Índice ◄►Hino 11 (Wilson)

Hino 10. Agni (Griffith)

1. Agni, primeiro,[5] chamando em voz alta,[6] como um Pai,[7] aceso pelo homem sobre o lugar do culto, vestido em sua glória, imortal, de visão perspicaz, deve ser adornado por todos, o Forte, o Famoso.
2. Que Agni o resplandecente ouça o meu chamado, através de todas as minhas canções, Imortal, de visão perspicaz. Corcéis escuros ou avermelhados puxam seu carro, ou, transportado de diversas maneiras,[8] ele os torna vermelhos em cor.

---

[1] *Uttānāyām suṣūtaṃ*, no inferior dos dois bastões que são friccionados.
[2] O *Yajush*, xi. 23, lê: 'eu te borrifo com manteiga, com uma mente que crê'.
[3] *Pṛthuṃ tiraścā vayasā bṛhantaṃ:* Mahīdhara conecta os dois primeiros, e os interpreta, 'vasto com curso tortuoso ou esplendor ondulante'; os dois últimos ele interpreta, 'aumentando com fumaça'; outras interpretações são dadas, mas elas não são mais inteligíveis do que aquela do texto.
[4] Esse verso também se encontra no *Yajush*, xi. 24; e, de Kātyāyana, uma instrução é dada para a utilização dele e do antecedente: eles devem ser repetidos em conjunto, mas a primeira metade da estrofe quatro é para ser repetida com a segunda metade da estrofe cinco, e a primeira metade da estrofe cinco com a segunda metade da estrofe quatro; como o sentido da linha para com a meia-estrofe, não existe obscuridade de significado em consequência do processo, mas isso mostra que mais atenção é dada ao modo do que ao assunto da recitação.
[5] O principal dos Deuses.
[6] Rugindo como fogo, ou, a ser invocado por todos, segundo Sāyaṇa.
[7] Sustentando os Deuses por transportar oblações para eles.

3. Na madeira inerte[9] eles obtiveram o Bebê bem formado; um germe[10] em plantas de várias formas era Agni; e à noite, não cercado pela escuridão, ele permanece extremamente sábio, com raios de esplendor.
4. Com óleo e presentes sagrados eu borrifo Agni que faz seu lar na frente de todos os seres vivos, amplo, vasto, através de força vital expandido sobre tudo, visível, forte, com todo o alimento que o nutre.
5. Eu derramo para ele que olha em todas as direções; que ele aceite isso com um espírito amigável. Agni com beleza de noivo e cor encantadora não pode ser tocado quando toda a sua forma é fúria.
6. Vitorioso por escolha,[11] reconhece a tua porção;[12] contigo como enviado que nós falemos como Manu.[13] Obtendo riqueza, eu invoco o perfeito Agni que com uma língua eloquente distribui doçura.

Índice ◄►Hino 11 (Griffith)

Hino 10. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 2, HINO 10.
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 6, VARGA 2.

1. Agni deve ser chamado como o primeiro como um pai, quando ele foi inflamado por Manus[14] na residência de Iḍ.[15] Quando ele se envolveu com beleza, o sábio imortal, ele, o glorioso (cavalo) forte deve ser alisado (pelos adoradores como por cavalariços).
2. Agni com esplendor brilhante, que tu ouças o meu chamado com todas as minhas preces, tu um sábio imortal. Os dois (cavalos) fulvos puxam o teu carro ou os dois (cavalos) vermelhos, ou Ele que vagueia extensamente fez os dois (cavalos) avermelhados (puxarem seu carro).
3. Eles têm gerado o bem-nascido (Agni) naquela que deita de costas.[16] Agni tornou-se um germe nas (esposas)[17] adornadas de vários modos. Mesmo na...[18] o sábio permanece à noite descoberto em seus poderes.[19]
4. Eu borrifo com a minha oferenda, com ghṛta, Agni, que permanece voltado para todos os seres, que se estende amplamente por toda parte, que é poderoso em seu vigor, que se mostra o mais amplo por causa do alimento (que ele consome), e robusto.
5. Eu borrifo Aquele que está voltado para (nós) de todos os lados; que ele aceite alegremente isso com sua mente benevolente. Agni, que é como um belo jovem, que tem a aparência de alguém que se esforça ansiosamente, não deve ser tocado, quando ele se apressa em volta com seu corpo.
6. Que tu conheças a porção (pertencente a ti), sendo forte pelo teu desejo. Contigo como nosso mensageiro que nós falemos como Manu. Ganhando riqueza eu invoco com

---

[8] Para um receptáculo de fogo após outro.
[9] No pedaço inferior de madeira no qual o fogo é produzido.
[10] Latente nas plantas, com relação à luminosidade de algumas plantas. Veja 2.1.1 [nota 13].
[11] Segundo Sāyaṇa, 'com brilho'.
[12] Reconhece a oferenda sacrifical como adequada.
[13] Com a sabedoria e autoridade de Manu que foi instruído diretamente pelos Deuses.
[14] Compare com 7.2.3.
[15] *Íḍ* é um sinônimo de *íḍā*.
[16] Compare com 3.29.3. Evidentemente o bastão de acender é aludido.
[17] As esposas são as plantas.
[18] O significado de *śiriṇā* é desconhecido. A explicação indiana ('noite') naturalmente é uma suposição, mas essa suposição pode estar certa.
[19] 'Não coberto pela noite'. – Max Müller.

minha concha (sacrifical), com minha eloquência, o impecável Agni que mistura a bebida de mel.

Índice ◄

Hino 11. Indra (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus é Indra; o Ṛṣi como antes; a métrica é uma espécie de Triṣṭubh, chamada Virāṭ-sthānā, exceto no último verso, no qual ela está na sua forma usual.

Varga 3. **1**. Indra, ouve (a minha) invocação; não a despreza; que nós sejamos (considerados dignos) da doação dos teus tesouros; essas oblações, planejadas para obter riqueza, fluindo (abundantemente) como rios, levam para ti vigor aumentado.
2. Indra, herói, tu libertaste as copiosas (águas), que foram antigamente detidas por Ahi, e as quais tu distribuíste; revigorado por hinos, tu lançaste de ponta-cabeça o escravo, que se imaginava imortal.
3. Indra, herói, essas (louvações) brilhantes na (forma de hinos), nas quais tu te deleitas, e (naquela dos) louvores proferidos pelos adoradores[1] pelos quais tu ficas satisfeito, são dirigidos a ti, para trazer-te (para o nosso sacrifício).
4. Nós estamos revigorando a tua força brilhante (por nossos louvores), e colocando o raio em tuas mãos; Indra, radiante, aumentando em força, e (incentivado) pelo sol, domina tu, para o nosso (bom), o povo servil.[2]
5. Indra, herói, tu mataste por tua bravura o glorificado Ahi, oculto secretamente em uma caverna, à espreita em esconderijo, coberto pelas águas nas quais ele estava residindo, e prendendo as chuvas no céu.
Varga 4. **6**. Nós glorificamos, Indra, os teus (atos) poderosos de antigamente; nós glorificamos as tuas façanhas (mais) recentes; nós louvamos o raio brilhante em teus braços, e nós celebramos os cavalos, os sinais de (Indra como) o sol.[3]
7. Teus cavalos velozes, Indra, proferiram um som alto, anunciando chuva; a terra plana espera ansiosamente a queda dela, quando o grupo de nuvem passou.
8. A nuvem, não negligente (com seu ofício), está suspensa (no céu); ressonante com (águas) maternas, ela se espalhou por todos os lados; (os ventos), aumentando o som no horizonte distante, têm promulgado a voz proferida por Indra.
9. O poderoso Indra despedaçou o astuto Vṛtra, que repousa na nuvem; o céu e a terra tremeram, alarmados pelo raio trovejante do derramador.
10. O raio do derramador rugiu alto, quando (Indra), o amigo do homem, procurou matar o inimigo da humanidade.[4] Bebendo o suco Soma, ele, (Indra), frustrou os estratagemas do Dānava astuto.

---

[1] *Rudriyeṣu stomeṣu: Rudriya* pode ser interpretado, os meios de dar prazer; ou *Rudrāḥ* pode significar louvadores, adoradores; ou é uma significação incomum.
[2] *Dāsīr viśaḥ sūryeṇa sahyāḥ:* os dois primeiros o comentador interpreta por, *upakṣapayatrīḥ*, ou *asurīḥ prajāḥ*, pessoas que interrompem ritos religiosos, ou da raça dos Asuras; *sūryeṇa* ele interpreta por *prerakeṇa*, incitador, instigador, como se fosse um adjetivo.
[3] *Harī sūryasya ketū,* os dois cavalos os símbolos do sol; mas o comentador propõe explicar *sūrya* por instigador ou heroico, – *suṣṭu prerakasya;* ou *su-vīryasya*, como indicando Indra; ou pode significar, sobre Indra, idêntico a Sūrya.
[4] *Amānuṣaṃ yan mānuṣo nijūrvāt,* quando o homem, ou, como Sāyaṇa o explica, o benfeitor do homem, *manuṣyānām hitakārī*, destruiu o não-homem; ou seja, o *manuṣyānām-ahitam*, não amigável para o homem; a qual é, provavelmente, uma leitura mais correta do que *manuṣyānām-rahitam*, do texto impresso.

Varga 5. **11**. Bebe, herói, Indra, bebe o Soma; que os sucos estimulantes te deleitem; que eles, expandindo teus flancos, aumentem (a tua bravura), e desse modo que a libação derramada que reabastece satisfaça Indra.
12. Que nós, os teus piedosos (adoradores), permaneçamos em ti; aproximando-nos de ti com devoção, que nós desfrutemos (da recompensa da) nossa adoração; desejosos de proteção, nós meditamos tua glorificação; que nós sempre sejamos (considerados dignos) da dádiva dos teus tesouros.
13. Que nós, (pela) tua (graça), Indra, sejamos como são aqueles que, desejosos da tua proteção, aumentam (por seus louvores) o teu vigor; divino (Indra), tu concedes a riqueza que nós desejamos, (a fonte de) grande poder e de progênie (numerosa).
14. Tu concedes uma habitação, tu nos concedes amigos; tu nos concedes, Indra, a força dos Maruts; os ventos,[5] que, propícios e exultantes, bebem copiosamente da primeira oferenda (do suco Soma).
15. Que aqueles[6] em quem tu te deleitas se dirijam (para a libação), e tu, Indra, confiante, bebe o Soma saciante; libertador (do mal), associado com os poderosos e adoráveis (Maruts), aumenta a nossa prosperidade, e (aquela do) céu.[7]
Varga 6. **16**. Libertador (do mal), aqueles que adoram a ti, o dador de felicidade, com hinos sagrados, rapidamente tornam-se grandes; aqueles que espalham a grama sagrada (em honra de ti) são protegidos por ti, e, junto com suas famílias, obtêm alimento (abundante).
17. Indra, herói, exultante nos solenes ritos Trikadruka,[8] bebe o suco Soma, e sacudindo-o repetidamente da tua barba, dirige-te, bem satisfeito, com teus cavalos, para beber da libação derramada.
18. Indra, herói, mantém a força com a qual tu esmagaste Vṛtra, o filho, semelhante à aranha, de Danu,[9] e abre a luz para o Ārya; o Dasyu foi posto de lado à tua esquerda.
19. Vamos honrar aqueles homens que, por meio da tua proteção, superam todos os seus rivais, como os Dasyus (são superados) pelo Ārya; isto (tu fizeste) por nós: tu mataste Viśvarūpa, o filho de Tvaṣṭṛ, por amizade por Trita.[10]
20. Revigorado (pela libação) do exultante Trita, oferecendo-te o Soma, tu aniquilaste Arbuda; Indra, auxiliado pelos Aṅgirasas, girou seu raio em volta, como o sol gira sua roda,[11] e mataste Bala.
21. Aquela doação opulenta, que procede, Indra, de ti, certamente dá àquele que te louva a bênção (que ele deseja); concede-a a nós, teus louvadores; tu, que és o objeto de adoração,[12] não desconsideres (a nossa prece); de modo que, abençoados com descendentes dignos, nós te glorifiquemos nesse sacrifício.

---

[5] *Vāyavaḥ*, o comentador acrescenta, pode ser colocado honorificamente em lugar de Vāyu, no singular, de quem é dito que ele é o primeiro bebedor de Soma.
[6] *Yeṣu* pode se aplicar tanto aos Maruts quanto ao Soma; – que aqueles Maruts ou aqueles sucos Soma, nos quais tu te deleitas.
[7] *Asmāntsu pṛtsvā tarutra vardhayo dyāṃ bṛhadbhir arkaiḥ:* o sentido não é muito óbvio; Sāyaṇa explica *pṛtsu* como a qualificação de *avarddhaya*, aumento, ou seja, com filhos, gado, e semelhantes; em consequência de qual condição próspera os homens podem oferecer sacrifícios, de onde o céu prospera; *arkaiḥ* representa-se por *arcaniyaiḥ*, para serem adorados, os Maruts, subentendidos.
[8] Veja 1.32.3 [nota 2]. O comentador diz que os Trikadrukas denotam três dias, ou celebrações do cerimonial, denominado *Abhiplava;* chamados respectivamente, *Jyotish, Gauh* [ou *Go*] e *Āyus* [ou *Ayush*].
[9] *Dānum aurṇavābham:* Sāyaṇa considera o último como o mesmo que *aurṇanābham*; ou que ele pode ser composto de *aurṇa*, uma aranha, e *ābhā*, semelhante.
[10] Trita, nessa e na próxima estrofe, é dito ser um Maharṣi.
[11] *Sūryo na cakraṃ;* ou *na* pode ser utilizado em um sentido negativo, e a frase implicar, quando o sol não virou sua roda, ou ficou parado por medo do Asura; ou ainda, pode significar que Indra girou a roda como o sol, tendo pegado uma das rodas da carruagem do sol como uma arma contra Bala.
[12] *Māti dhag bhago no:* Sāyaṇa interpreta, tu, que és adorável, não consumas os nossos desejos; Yāska separa as duas últimas palavras, como, *bhago no astu*, que a fortuna seja para nós. – *Nir*. I. 7.

Índice ◄►Hino 12 (Wilson)

Hino 11. Indra (Griffith)

1. Ouve o meu chamado, ó Indra; não sejas desatento; teus que nós sejamos para que tu nos dês tesouros; por essas iguarias apresentadas, buscando riquezas, aumenta a tua força como correntes de água fluindo.
2. Torrentes grandes e numerosas, cercadas pelo Dragão,[13] tu mandaste aumentar e libertaste, ó herói. Fortalecido por cânticos de louvor tu despedaçaste o Dāsa,[14] aquele que se considerava imortal.
3. Pois, Herói, nos louvores nos quais tu te alegras, em hinos de louvor, ó Indra, canções dos Rudras,[15] essas correntes[16] nas quais se encontra o teu deleite se aproximam de ti, como as brilhantes se aproximam de Vāyu.[17]
4. Nós, que adicionamos força ao teu próprio vigor esplêndido,[18] colocando em teus braços o esplêndido trovão – conosco que tu, ó Indra, tornado esplêndido, com Sūrya venças as tribos Dāsa.
5. Herói, tu mataste em tua bravura Ahi escondido nas profundezas,[19] misterioso, grande feiticeiro, permanecendo envolto profundamente dentro das águas, ele que deteve o céu e impediu que as correntes fluíssem.
6. Indra, nós louvamos as tuas grandes façanhas feitas outrora, nós louvamos os teus atos de realização mais recente; nós louvamos o raio que em teus braços jaz ávido, nós louvamos os teus dois Cavalos Baios, arautos de Sūrya.[20]
7. Indra, teus Cavalos Baios manifestando seu vigor enviaram um grito alto que derrama abundância.[21] A terra se espalhou[22] em toda a sua plenitude; a nuvem que estava prestes a se mover parou.
8. Incessante, a nuvem de chuva se estabeleceu; berrando, ela vagou com as Mães.[23] Aumentado o rugido nos limites distantes, eles[24] espalharam amplamente o som enviado por Indra.
9. Indra lançou para baixo o mágico Vṛtra que sitiava o imenso rio.[25] Então o céu e a terra tremeram de pavor por causa do trovão forte do Herói quando ele gritou.
10. Rugiu alto o poderoso raio de trovão do Herói, quando ele, o Amigo do homem, queimou o monstro, e, tendo bebido o suficiente de Soma corrente, frustrou os truques ardilosos[26] do Dānava.
11. Bebe, ó Herói Indra, bebe o Soma; que os sucos que dão alegria te rejubilem. Eles, enchendo ambos os teus flancos, aumentarão a tua força. O suco que satisfaz tem ajudado Indra.

---

[13] Obstruídas pela grande serpente Ahi.
[14] O selvagem ou demônio Ahi.
[15] Como aquelas cantadas pelos Rudras ou Maruts, os aliados de Indra.
[16] Águas sacrificais ou libações.
[17] O Deus do Vento tinha direito ao primeiro gole do suco Soma. Veja o verso 14 desse hino.
[18] A palavra *śubhra*, esplêndido, ocorre em todos os três lugares no texto.
[19] Da atmosfera.
[20] Que anunciam a chegada da luz do sol depois da chuva pesada que Indra mandou.
[21] O *grito alto que derrama abundância* é o trovão que precede a chuva fertilizante.
[22] Para receber a chuva.
[23] As águas originais acima do firmamento.
[24] Os atendentes de Indra, os Maruts ou Deuses da Tempestade.
[25] A grande nuvem que retém a chuva.
[26] As artes mágicas do demônio Vṛtra.

12. Cantores nós nos tornamos contigo, ó Indra; que nós sirvamos e preparemos o culto devidamente. Buscando o teu auxílio nós meditamos teus louvores; que nós desfrutemos imediatamente da tua doação de riquezas.
13. Que nós sejamos teus, tais por tua ajuda, ó Indra, de modo a aumentar a tua força enquanto eles buscam o teu favor. Dá-nos, ó Deus, a riqueza que nós almejamos, a mais poderosa, com abundância de filhos nobres.
14. Dá-nos um amigo, dá-nos uma habitação; Indra, dá-nos a companhia dos Maruts, e daqueles cujas mentes estão de acordo com as deles, os Vāyus,[27] que bebem a primeira libação do Soma.
15. Que desfrutem aqueles[28] em quem tu te deleitas. Indra, bebe Soma por tua força e alegria. Tu nos tem exaltado ao céu, Preservador, em batalhas, através dos hinos sublimes que te louvam.
16. Grandiosos, de fato, são aqueles, ó Protetor, que por suas canções de louvor ganharam a tua bênção. Aqueles, que espalharam a erva sagrada para ser tua residência, ajudados por ti têm obtido força, ó Indra.
17. Nos grandes dias Trikadruka,[29] Herói, regozijando-te, ó Indra, bebe o Soma. Vem com Cavalos Baios para beber da nossa libação, sacudindo as gotas da tua barba, satisfeito.
18. Herói, assume o poder com o qual tu partiste Vṛtra em pedaços, o Danava Aurṇavābha.[30] Tu revelaste a luz para iluminar o Ārya; à tua esquerda, Indra, caiu o Dasyu.[31]
19. Que nós ganhemos riqueza, subjugando com teu auxílio e com o Ārya, todos os nossos inimigos, os Dasyus. A nossa vantagem foi que para Trita do nosso partido tu entregaste Viśvarūpa o filho de Tvaṣṭar.[32]
20. Ele subjugou Arbuda[33] quando seu vigor foi fortalecido por libações derramadas por Trita. Indra enviou sua roda rodopiante[34] como Sūrya, e auxiliado pelos Aṅgirases despedaçou Vala.[35]
21. Agora que aquela tua Vaca opulenta,[36] ó Indra, produza em retorno uma bênção para aquele que te louva. Dá aos teus louvadores; que fortuna não nos falte. Que nós possamos falar alto, com homens valentes, na assembleia.

Índice ◄►Hino 12 (Griffith)

---

[27] O plural é usado honorificamente em vez do singular.
[28] [Veja a nota 6.]
[29] Os três primeiros dias do festival Abhiplava.
[30] Filho de Urṇavābha, um demônio.
[31] O bárbaro, o habitante original da terra. De acordo com Sāyaṇa o demônio Vṛtra é aludido.
[32] É difícil elaborar algo inteligível dessa estrofe. Sāyaṇa diz que Trita é um Maharṣi ou grande Ṛṣi, e Viśvarūpa é dito ser um monstro de três cabeças morto por Indra. Veja *Sacred Books of the East*, XII. 164. A interpretação do professor Macdonell da estrofe tem muito a recomendar esta: 'Que nós, derrotando todos os nossos inimigos pelos teus auxílios, (e) o bárbaro pela destreza ariana, possamos prosperar, então para o nosso benefício tu entregaste Viśvarūpa, o filho de Tvaṣṭṛ, para o Tṛta da (tua) amizade', isto é, para o teu aliado, o Deus Trita. Veja o *Journal of the Royal Asiatic Society*, Julho de 1893, págs. 432, 433.
[33] Um demônio da atmosfera. Veja 1.51.6.
[34] É dito que Indra usou uma roda da carruagem de Sūrya como um míssil.
[35] O irmão de Vṛtra ou o próprio Vṛtra. Veja 1.11.5.
[36] Significando, provavelmente, Uṣas ou Aurora, que traz boas dádivas para o homem. Ou *sā dakṣiṇā maghonī* pode ser traduzido 'aquele galardão generoso' teu, que é a rica recompensa que Indra dá aos seus adoradores, considerada como a contraparte da dakṣiṇā ou honorário dado pelos instituidores de sacrifícios aos sacerdotes que realizam as cerimônias.

Hino 12. Indra (Wilson)

(Anuvāka 2. Sūkta I)

Deus e Ṛṣi como antes; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 7. **1**. Ele, logo que nasce, é o primeiro (dos deuses); que honrou os deuses por suas façanhas;[1] ele, por cujo poder o céu e a terra são alarmados, e (que é conhecido) pela grandeza de sua força, ele, homens,[2] é Indra.
2. Ele, que fixou firme a terra movente; que serenou as montanhas enfurecidas;[3] que espalhou o vasto firmamento; que consolidou o céu; ele, homens, é Indra.
3. Ele, que tendo destruído Ahi, libertou os sete rios; que recuperou as vacas presas por Bala; que gerou fogo nas nuvens; que é invencível em batalha; ele, homens, é Indra.
4. Ele, por quem todas essas (regiões) perecíveis foram feitas; que mandou a tribo servil ignóbil para a caverna; que apreende triunfante os estimados (tesouros) do inimigo, como um caçador (atinge) sua presa; ele, homens, é Indra.
5. Ele, por quem, terrível, eles perguntam, (dizendo), Onde ele está? ou, de fato, eles dizem dele, ele não está (em lugar nenhum); mas que, infligindo (castigo), destrói os estimados (tesouros) do inimigo; tenham fé nele; pois ele, homens, é Indra.
Varga 8. **6**. Ele, que é o encorajador do rico, e do pobre, e do sacerdote, que recita o seu louvor e é um suplicante; que, de feições agradáveis, é o protetor daquele que, com pedras prontas, espreme o suco Soma; ele, homens, é Indra.
7. Ele, sob cujo controle estão cavalos e gado, e aldeias, e todos os carros; ele que deu origem ao sol e à alvorada; e que é o líder das águas; ele, homens, é Indra.
8. A quem (duas hostes), chamando e se enfrentando mutuamente, recorrem;[4] a quem ambos os adversários, superior e inferior, (apelam); a quem dois (aurigas), permanecendo no mesmo carro,[5] invocam individualmente; ele, homens, é Indra.

---

[1] Que os tem preservado ou protegido; ou os superado; *pratyarakṣad atyakrāmad-iti vā*. – Yāska, x. 10; esse hino ocorre inteiro, com uma estrofe adicional, no *Atharva-Veda*, xx. 34; ao qual, pelo caráter mais moderno de seu estilo, ele mais propriamente pertence: sua construção está em flagrante contraste por inteligibilidade com a construção elíptica mais comum e obscura dos *Sūktas* pelos quais ele é precedido e seguido.

[2] *Sa janāsa indraḥ; janāso janā, he asurāḥ* , o comentador explicando *jana* desse modo; mas isso tem referência, supõe-se, a uma lenda curiosa, o qual é narrada um pouco diversamente, embora no mesmo sentido geral: de acordo com uma versão, Gṛtsamada, por suas devoções, adquiriu uma forma tão vasta quanto aquela de Indra, visível ao mesmo tempo no céu, no firmamento, e na terra; os dois Asuras, Dhuni e Cumuri, confundindo-o, por isso, com Indra, estavam indo atacá-lo, quando ele parou seu avanço por repetir esse hino, sugerindo que ele não era Indra; outra versão afirma que, quando Indra e os deuses estavam presentes em um sacrifício celebrado por Vainya, Gṛtsamada era um dos sacerdotes oficiantes; os Asuras chegaram ao local para matar Indra, que, assumindo a imagem de Gṛtsamada, foi embora sem discussão; quando a assembléia terminou, e Gṛtsamada saiu, os Asuras, que tinham estado em emboscada, pensaram que ele era Indra, e estavam prestes a cair sobre ele, quando ele os desviou de seu intento por recitar esse hino, mostrando que Indra era uma pessoa diferente; uma terceira história é que Indra chegou sozinho ao sacrifício de Gṛtsamada, e sendo, como antes, espiado pelos Asuras, assumiu a aparência do Ṛṣi, e, saindo, voltou para Svarga; depois de esperarem algum tempo, os Asuras entraram na câmara de sacrifício, e prenderam Gṛtsamada, concebendo que Indra tinha assumido a aparência dele, até que eles foram convencidos de seu erro pela repetição desse *Sūkta*; a lenda, como foi dito antes, é mencionada brevemente no *Mahābhārata,* [Livro 13, pág. 136: "...Gritsamada que em beleza pessoal era um segundo Indra. Uma vez os Daityas o afligiram muito, acreditando que ele era ninguém mais do que Indra".]

[3] *Yaḥ parvatān prakupitān aramṇāt;* o comentador diz que ele aquietou as montanhas, que iam para lá e para cá, enquanto elas tinham asas: Indra as cortou.

[4] *Yaṃ krandasī saṃyatī vihvayete;* a quem, gritando alto, (dois) se enfrentando, invocam; não há substantivo; Sāyaṇa propõe, *rodasī*, o céu e a terra; ou *dve sene*, dois exércitos.

[5] Aqui novamente um substantivo está faltando; o comentador supre *rathinau*, dois aurigas, ou Agni e Indra.

9. Sem quem os homens não conquistam; a quem, quando envolvidos em conflitos, eles chamam por socorro; ele, que é o arquétipo do universo e aquele que derruba os inflexíveis; ele, homens, é Indra.
10. Ele, que com o raio tem destruído muitos que cometem grandes pecados, e que não oferecem homenagem (a ele); que não concede sucesso ao presunçoso; que é o matador do Dasyu; ele, homens, é Indra.
Varga 9. **11**. Ele, que descobriu Śambara residindo nas montanhas por quarenta anos; que matou Ahi, crescente em força, e o filho adormecido de Danu;[6] ele, homens, é Indra.
12. Ele, o de sete raios,[7] o derramador, o poderoso, que soltou os sete rios para fluir; que, armado com o raio, esmagou Rauhiṇa quando escalando o céu; ele, homens, é Indra.
13. Ele, a quem o céu e a terra se curvam; ele, por cujo poder as montanhas são amedrontadas; ele, que é o bebedor do suco Soma, o firme (de estrutura), o de arma adamantina, o manejador do raio; ele, homens, é Indra.
14. Ele, que protege (o adorador) oferecendo a libação, ou preparando (os coalhos misturados e a manteiga), repetindo o seu louvor e solicitando sua assistência; ele, de quem a prece sagrada, o suco Soma (oferecido), o alimento (sacrifical apresentado), aumentam (o vigor); ele, homens, é Indra.
15. Indra, que és de aproximação difícil; tu, realmente, és um verdadeiro (benfeitor), que concedes alimento (farto) àquele que oferece a libação, que prepara (os coalhos misturados e a manteiga); que nós, desfrutando da tua graça, abençoados com descendentes, possamos repetir diariamente (os teus louvores) no sacrifício.

Índice ◄►Hino 13 (Wilson)

Hino 12. Indra (Griffith)

1. Ele que, acabado de nascer, Deus principal de espírito elevado por poder e força tornou-se protetor dos Deuses, diante de cuja respiração pela grandeza de seu valor os dois mundos tremeram, Ele, ó homens, é Indra.[8]
2. Ele que fixou rápido e firmemente a terra que cambaleava, e colocou em repouso as montanhas agitadas, que mediu a ampla região do meio do ar e deu sustento ao céu, Ele, homens, é Indra.
3. Que matou o Dragão, libertou os Sete Rios, e levou o rebanho para fora da caverna de Vala, gerou o fogo entre duas pedras,[9] o saqueador na batalha de guerreiros, Ele, ó homens, é Indra.
4. Por quem esse universo foi feito tremer, que afugentou o bando humilhado dos demônios, que, como um jogador recolhendo seus ganhos, apanhou as riquezas do inimigo, Ele, ó homens, é Indra.[10]

---

[6] Sāyaṇa considera, *ahi*, o matador, *ahantāram* e *dānum*, o filho de Danu, como epítetos de Śambara.
[7] É dito que os sete raios, *raśmayaḥ*, aqui significam as sete formas de Parjanya, ou Indra, como a nuvem de chuva; ou sete tipos de nuvens de chuva, citados individualmente no *Taittirīyāraṇyaka*.
[8] ["**1**. Ele que, acabado de nascer como deus principal cheio de vitalidade, foi muito além dos outros deuses em sabedoria, diante de cuja majestade e poderosa virilidade os dois mundos tremeram; ele, ó homens, é Indra". – A. A. Macdonell, *Hymns From The Rig Veda, Selected and Metrically Translated.*]
[9] Gerou o relâmpago entre o céu e a terra.
[10] ["**4**. Ele que fez todas as coisas terrenas instáveis, que humilhou e dispersou a cor Dāsa, que, como o jogador ganhando a aposta, ganha a fortuna do inimigo; ele, homens, é Indra". – Macdonell.]

5. De quem, o Terrível, eles perguntam: Onde está Ele? Ou, de fato, eles dizem dele, Ele não existe. Ele arrebata, como aves,[11] as posses do inimigo.[12] Tenham fé nele, pois Ele, ó homens, é Indra.
6. Agitador à ação do pobre e humilde, do sacerdote, do suplicante que canta seus louvores; que, de bela face, favorece aquele que espreme Soma com pedras preparadas, Ele, ó homens, é Indra.[13]
7. Ele sob cujo controle supremo estão cavalos, todos os carros, e as aldeias, e gado; Ele que deu vida ao Sol e à Manhã, que lidera as águas,[14] Ele, ó homens, é Indra.
8. Para quem dois exércitos gritam em combate corpo-a-corpo, os dois inimigos, os mais fortes e os mais fracos; a quem dois invocam[15] montados sobre um carro, cada um por si, Ele, ó homens, é Indra.[16]
9. Sem cuja ajuda o nosso povo nunca conquista; a quem, lutando, eles invocam para dar-lhes auxílio;[17] Ele de quem todo esse mundo é apenas a cópia, que abala coisas imóveis, Ele, ó homens, é Indra.
10. Aquele que atingiu, antes que eles soubessem do perigo, com sua arma atirada muitos pecadores graves; que não perdoa o atrevimento daquele que o provoca, que mata o Dasyu, Ele, ó homens, é Indra.[18]
11. Ele que descobriu no quadragésimo outono Śambara enquanto ele vivia entre as montanhas; que matou o Dragão aplicando a sua força, o demônio jazendo lá, Ele, homens, é Indra.
12. Que, com sete rédeas orientadoras,[19] o Touro, o Poderoso, libertou as Sete grandes Correntes para fluir à vontade; que, armado com o trovão, rasgou Rauhiṇa[20] em pedaços quando escalando o céu, Ele, ó homens, é Indra.
13. Até o Céu e a Terra se curvam diante dele, diante da própria respiração dele as montanhas tremem. Conhecido como o bebedor de Soma, armado com o trovão, que maneja o raio, Ele, ó homens, é Indra.
14. Que ajuda com proteção aquele que derrama o Soma e aquele que o fabrica, sacrificador, cantor. A quem a prece, e o derramamento de Soma, e esse nosso presente exaltam, Ele, ó homens, é Indra.[21]
15. Tu és realmente feroz e verdadeiro que mandas força para o homem que fermenta e derrama libação. Assim que nós possamos sempre, teus amigos, Indra, falar alto no sínodo com nossos heróis.[22]

Índice ◄►Hino 13 (Griffith)

[11] Como aves são capturadas pelo caçador. [Ou como as aves capturam seu alimento?] De acordo com outros 'como apostas de jogadores', o significado de *vijaḥ* sendo incerto. Veja 1.92.10 [nota 25].
[12] Essa frase por Macdonell: 'A riqueza do inimigo, como as apostas dos jogadores, ele diminui'.
[13] ["**6**. Ele favorece adoradores, tanto ricos quanto necessitados, e os sacerdotes que suplicam sua ajuda e o louvam. Que, de lábios belos, ajuda o homem que espreme Soma, que põe as pedras em ação; ele, homens, é Indra". – Macdonell.]
[14] Isto é, que traz as chuvas periódicas.
[15] O guerreiro e o auriga.
[16] ["**8**. A quem dois exércitos em luta disputam em chamar, inimigos de ambos os lados, os mais distantes e os mais próximos; dois lutadores montados no mesmo carro o invocam diversamente: ele, homens, é Indra". – Macdonell.]
[17] [A partir daqui Macdonell continua: "Que se mostra um páreo para todo inimigo, que move o que é imóvel: ele, homens, é Indra".]
[18] ["**10**. Que com sua flecha mata o grupo não expectante e não numerado de pecadores gravemente culpados; que não se rende ao inimigo que se vangloria em ousadia, que mata os demônios: ele, ó homens, é Indra". – Macdonell.]
[19] Ou, segundo Ludwig, sete raios brilhantes, ditos significarem sete formas de Indra.
[20] O nome de um demônio da seca.
[21] ["**14**. Que com seu auxílio ajuda aquele que espreme Soma, que prepara e louva e sempre sacrifica; a quem a prece crescente, a quem a espremedura de Soma fortalece, e agora essa oferenda: ele, ó homens, é Indra". – Macdonell.]
[22] Com nossos bravos filhos à nossa volta.
["**15**. Que, feroz, àquele que prepara e àquele que espreme concedes despojos; tu, de fato, és confiável. Que nós, eternamente estimados ti, ó Indra, dotados de filhos heróis discursemos no sínodo". – Macdonell.]

Hino 13. Indra (Wilson)

(Sūkta II)

O deus, o Ṛṣi, e a métrica, são os mesmos.[1]

Varga 10. **1**. A estação (das chuvas) é a mãe (da planta Soma), a qual, assim que nasce dela, entra nas águas nas quais ela cresce; por esse motivo ela é boa para expressão, porque concentra (a essência da) água; e o suco da Soma deve ser especialmente louvado (como a libação adequada para Indra).
2. As (correntes) agregadas vêm, conduzindo água por toda parte, e transportando-a como alimento para o refúgio de todos os rios, (o oceano); o mesmo caminho é (determinado) para todas as (correntes) descendentes seguirem, e como aquele que (atribuiu) a elas (seu curso), tu, (Indra), deves ser louvado especialmente.
3. Um (sacerdote) anuncia (a oferenda) que ele, (o instituidor do rito) apresenta; outro executa o ato que distribui os membros (da vítima); um terceiro corrige todas as deficiências de ambos,[2] e, como aquele que tem desfrutado dessas (funções), tu (Indra), deves ser louvado especialmente.
4. Distribuindo nutrição para seus descendentes, eles (os chefes de família), permanecem (em suas residências), como se oferecendo riqueza ampla e sustentadora para um convidado; construindo (obras úteis, um homem) come com seus dentes o alimento (dado a ele) por (seu) protetor,[3] e, como aquele que ordenou que essas (coisas fossem feitas), tu, (Indra), deves ser louvado especialmente.
5. Visto que tu tornaste a terra visível para o céu, e abriste o caminho dos rios por matares Ahi; por isso os deuses te tornaram divino por meio de louvores, como (homens) revigoram um cavalo por meio de água; (e) tu, (Indra), deves ser louvado.
Varga 11. **6**. (Tu és aquele) que concede alimento e crescimento, e ordenha os (grãos) secos nutritivos a partir do talo úmido; aquele que dá riqueza ao adorador, e é o único soberano do universo; tu és aquele, (Indra), que deve ser louvado.
7. Tu, que fizeste, por cultivo, as (plantas) florescentes e frutíferas se espalharem sobre o campo; que tens gerado os diversos corpos luminosos do céu; e que, de vasto volume, compreendes vastos (corpos); tu és aquele que deve ser louvado.
8. Tu, que és (famoso por) muitas façanhas, assumiste hoje um semblante sem nuvens, (como preparado) para matar Sahavasu, filho de Nṛmara,[4] com a (extremidade) afiada (do raio), em defesa do alimento (sacrifical), e para a destruição dos Dasyus; tu és aquele que deve ser louvado.
9. Tu, por cujo prazer exclusivo mil (cavalos estão prontos); por quem todos devem ser alimentados; e que proteges o instituidor (do sacrifício); que, por causa de Dabhīti,[5]

---

[1] [Segundo Griffith e Gary Holland, a métrica é Jagatī, exceto no último verso, no qual ela é Triṣṭubh.]
[2] De acordo com Sāyaṇa, o Hotṛ, o Adhvaryu, e o Brahman, são os três sacerdotes indicados.
[3] *Asinvan daṃṣṭraiḥ pituratti bhojanaṃ; asinvan* é explicado pelo comentador, *setubandhādikam karma kurvan*, fazendo atos, tais como a construção de pontes e semelhantes; *pituh* é explicado, como de costume, *pālaka;* mas Sāyaṇa sugere que isso pode implicar o céu fomentador, de onde vem a chuva que causa o crescimento dos grãos, para o sustento do homem.
[4] Dois Asuras, dos quais nada mais é especificado do que a etimologia de seus nomes, a qual talvez não seja muito autêntica: *nṛ*, homem, e *mara*, que mata; e *saha*, com, *vasu*, riqueza.
[5] Dabhīti foi citado antes, 1.112.23, mas com nenhuma outra descrição além de ele ser um Ṛṣi; ele é em outro lugar chamado de Rājā, veja 2.15.4, nota 2; várias das façanhas aqui atribuídas a Indra são, no hino referido, atribuídas aos Aśvins.

lançaste os Dasyus em (cativeiro) sem grilhões, e de quem (todos) devem se aproximar, tu és aquele que deve ser louvado.
10. Tu és aquele de cuja virilidade todos os rios (provieram); para quem (os piedosos) têm dado (oferendas); para quem, fazedor de atos poderosos, eles têm oferecido riqueza; tu és aquele que regulou os seis (objetos) extensos,[6] e és o protetor das cinco (raças), que te admiram; tu és aquele que deve ser louvado.
Varga 12. **11**. Teu heroísmo, herói, deve ser glorificado, pelo qual, com um único esforço, tu adquiriste riqueza; (com a qual) o alimento (sacrifical) de (cada cerimônia) solene e constante (é provido);[7] por todos (os atos) que tu tens realizado, tu, Indra, és aquele que deve ser louvado.
12. Tu forneceste uma passagem para a fácil travessia das águas correntes[8] para Turvīti e para Vayya; tornando(-te) renomado, tu ergueste o cego e coxo Parāvṛj[9] da baixeza (da aflição); tu és aquele que deve ser louvado.
13. Possuidor de riquezas, exerce a tua habilidade para conceder riqueza a nós; pois tua é grande afluência; que tu, Indra, estejas disposto a nos conceder abundância superior dia a dia, para que, abençoados com descendentes dignos, nós possamos te glorificar no (nosso) sacrifício.

Índice ◄►Hino 14 (Wilson)

---

[6] *Ṣad-viṣṭiraḥ*; é dito que eles são: céu, terra, dia, noite, água e plantas.
[7] *Jātūṣṭhirasya pra vayaḥ sahasvato; Jātūṣṭhira* pode ser um nome próprio; quando o sentido será, tu tens dado alimentos para o vigoroso *Jātūṣṭhira;* mas a frase também pode significar, de acordo com Sāyaṇa, Indra sendo o agente ocasional (*jātu*) nas oferendas sacrificais (*vayas*) em relação a cerimônias constantes e essenciais.
[8] *Aramayaḥ sarapasastarāya srutim;* parece como se Sāyaṇa compreendesse *apas* aqui por *karma*, *opus* [trabalho, obra]; *saranam apah karma yāsām;* aqueles de quem o ato está partindo ou procedendo; mas essa só é sua etimologia de *apas*, águas, pois ele logo coloca seu significado além de qualquer dúvida, por dizer que as pessoas citadas viram um grande rio, que elas não eram capazes de atravessar, quando elas rezaram para Indra, e foram transportadas para o outro lado por ele. Turvīti e Vayya ambos ocorreram mais de uma vez.
[9] *Parāvṛjaṃ prāndhaṃ śroṇaṃ;* que é a expressão em 1.112.8; o último adiciona *cakṣasa etave*, ver e andar; e o comentador inseriu, como subentendido, o nome de Ṛjrāśva, como o indivíduo que foi feito ver; de onde seguiu-se que Śroṇa era o nome daquele que foi feito andar; a partir dessa passagem, no entanto, é evidente que houve uma elipse, e que *prāndha* e *śroṇa*, ou cego e coxo, eram epítetos de Parāvṛj; o milagre no hino anterior é atribuído aos Aśvins.

Hino 13. Indra (Griffith)

1. A Estação[10] era a mãe, e quando nascida daí ela[11] entrou rapidamente nas correntes nas quais ela cresce. Por isso ela era cheia de seiva, fluindo com suco leitoso; o leite do talo da planta é o principal e adequado para louvores.
2. Elas vêm[12] se agrupando juntas portando leite para ele, e levam a ele sustento que dá amparo a todos. O caminho é comum[13] para as correntes descendentes fluírem. Tu que fizeste essas coisas primeiro és digno dos nossos louvores.
3. Um sacerdote anuncia o que o instituidor dá; um, alterando as formas, trabalha zelosamente em sua tarefa. O terceiro corrige as imperfeições deixadas por cada um. Tu que fizeste essas coisas primeiro és digno dos nossos louvores.[14]
4. Distribuindo alimento para seu povo lá eles sentam,[15] como riqueza para aquele que vem,[16] mais do que as costas podem carregar. Avidamente com seus dentes ele come o alimento do dono.[17] Tu que fizeste essas coisas primeiro és digno dos nossos louvores.
5. Tu criaste a terra para olhar para o céu; tu, matando Ahi, desobstruíste os caminhos dos rios. A ti, assim, um Deus, os Deuses têm estimulado com seus louvores, assim como um corcel com águas; tu és digno de louvor.
6. Tu dás crescimento, tu nos dás o nosso alimento; tu ordenhas do úmido o seco,[18] o rico em doçura. Tu pelo adorador estendes tua abundância preciosa; tu és o único Senhor de tudo. Tu és digno de louvor.
7. Tu que espalhaste amplamente os rios por Lei estabelecida, e no campo as plantas que florescem e dão semente; tu que fizeste os relâmpagos incomparáveis do céu, – vasto, cercando vastos reinos, tu és digno de louvor.
8.[19] Que trouxeste Nārmara[20] com toda a sua riqueza, por causa de alimento, para matá-lo para que os demônios pudessem ser destruídos, trouxeste a face desanuviada do fortalecedor,[21] realizando muito até agora, tu és digno de louvor.
9. Tu limitaste os cem amigos do Dāsa e dez, quando, na audição, tu ajudaste teu adorador.[22] Tu para Dabhīti[23] amarraste Dasyus não com cordas;[24] tu foste um auxílio poderoso. Tu és digno de louvores.

---

[10] As Chuvas, a mais importante das estações. Assim monção, uma corrupção de *mausin*, qualquer estação, significa as Chuvas especialmente.
[11] A planta-Soma.
[12] Provavelmente as vacas cujo leite deve ser usado em sacrifícios.
[13] Referindo-se à água usada na cerimônia Soma. Sāyaṇa explica a estrofe diferentemente, e Wilson a parafraseia. [Veja a versão dele acima.]
[14] Segundo Sāyaṇa, três sacerdotes são aqui indicados, o Hotar que anuncia o sacrifício, o Adhvaryu que reparte os vários pedaços da vítima, e o Brahman que corrige erros e remedia defeitos no ritual.
As primeiras quatro estrofes são cheias de dificuldades e em partes absolutamente ininteligíveis. A minha versão da estrofe 3, que geralmente segue Sāyaṇa, não suportará exame crítico, mas no momento eu não tenho nada melhor para propor.
[15] Segundo Sāyaṇa, 'os chefes de família, permanecem em suas residências'.
[16] Para um convidado.
[17] Provavelmente, Agni consome as oblações do chefe de família.
[18] Isto é, produzes o grão seco nutritivo a partir do talo úmido.
[19] Essa estrofe é ininteligível.
[20] Dito ser um demônio morto por Indra.
[21] Segundo Sāyaṇa, Ūrjayantī é o nome de uma demônia ou Piśācī. Grassmann considera que ele significa o Sol. Ludwig pensa que ele é um nome de uma fortaleza usada como um depósito de provisões.
[22] O significado do primeiro meio-verso é incerto, o texto estando evidentemente corrompido. Eu adoto a correção de Ludwig, *dāsasya*, em lugar do ininteligível *vā yasya.*
[A versão de 1889 lê: "Tu por cujo deleite exclusivo mil cavalos são atrelados, alimentador de todos, quando tu ajudas teu adorador".]
[23] [Veja a nota 4.]
[24] Em uma prisão sem cordas, uma sepultura.

10. Todas as margens dos rios[25] cederam ao seu poder viril; para ele elas deram, para ele, o Forte, entregaram sua riqueza. As seis direções[26] tu fixaste, uma visão quíntupla;[27] as tuas vitórias chegaram longe. Tu és digno de louvores.
11. Adequado para grande louvor, ó herói, é teu poder, que com tua sabedoria única tu obtiveste riqueza, o sustento da vida do conquistador Jātūṣṭhira.[28] Indra, por todos os teus atos, tu és digno de louvores.
12. Tu para Turvīti mantiveste quietas as torrentes que fluem, o curso do rio para Vayya passar facilmente,[29] ergueste o proscrito[30] das profundezas, e deste fama ao coxo e cego. Tu és digno de louvores.
13. Prepara-te para nos conceder essa grande graça, ó Vasu, pois abundante é o teu tesouro. Arrebata o extraordinário,[31] Indra, diariamente. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.

Índice ◄►Hino 14 (Griffith)

---

[25] As represas que impediam os rios das nuvens de fluir.
[26] Acima, abaixo, na frente, atrás, esquerda, direita.
[27] Porque nós não podemos ver o que está abaixo do solo. Sāyaṇa explica o *ṣad-viṣṭiraḥ* como céu, terra, dia, noite, água e plantas, e o *pañca sandṛśaḥ* como as cinco raças de homens.
[28] Certo homem desse nome, diz Sāyaṇa; talvez o instituidor do sacrifício.
[29] Turvīti e Vayya parecem ter sido permitidos vadear um grande rio por meio da ajuda de Indra. Turvīti era o filho de Vayya. Veja 1.54.6.
[30] Ou Parāvṛj como um nome próprio. Veja 1.112.8, onde o milagre é atribuído aos Aśvins.
[31] Isto é, ganha rapidamente riqueza admirável. Esse parece ser o significado literal das palavras que Wilson parafraseia, conforme Sāyaṇa: 'que tu estejas disposto a nos conceder abundância superior'.

Hino 14. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

O deus, o Ṛṣi, e a métrica, são os mesmos.

Varga 13. **1**. Sacerdotes, tragam a libação de Soma para Indra; espalhem com conchas a bebida estimulante; ele, o herói, está sempre desejoso da dose; ofereçam a libação ao derramador (de benefícios), pois, de fato, ele a deseja.
2. Sacerdotes, ofereçam a libação para ele que matou Vṛtra que prendia a chuva, como (ele derruba) uma árvore com (seu) raio; para ele que a deseja; e Indra é digno (da bebida).
3. Sacerdotes, ofereçam essa libação, que, como o vento no firmamento, (é a causa da chuva), para ele que matou Dṛbhīka,[1] destruiu Bala, e libertou as vacas; supram Indra abundantemente com suco Soma, como um homem idoso (é coberto) com roupas.
4. Sacerdotes, propiciem, pelo oferecimento do Soma, aquele Indra, que matou Uraṇa,[2] exibindo nove e noventa braços; e atirou Arbuda de cabeça para baixo.
5. Sacerdotes, ofereçam a libação de Soma para aquele Indra, que matou Svaśna, o inabsorvível Śuṣṇa, e o mutilado (Vṛtra); que destruiu Pipru, Namuci, e Rudhikrā.[3]
6. Sacerdotes, apresentem a libação de Soma para ele, que, com o (raio) adamantino, demoliu as cem cidades antigas de Śambara e subjugou os cem mil (descendentes) de Varcin.[4]
Varga 14. **7**. Sacerdotes, apresentem a libação de Soma para ele, que, matando centenas e milhares (de Asuras) os derrubou no colo da terra; que destruiu os assaltantes de Kutsa, Āyu, e Atithigva.
8. Sacerdotes, líderes (da cerimônia), que vocês, trazendo rapidamente a oferenda para Indra, recebam aquela (recompensa) que vocês possam desejar; solenizando o sacrifício, ofereçam a libação de Soma, purificada por expressão, para o renomado Indra.
9. Sacerdotes, ofereçam a ele a (libação) preparada; levantem-na, purificada com água, na concha; bem satisfeito, ele a deseja de suas mãos; apresentem o suco Soma estimulante para Indra.
10. Sacerdotes, saciem o generoso Indra com libações, como o úbere de uma vaca é enchido com leite; assim o adorável (Indra) compreenderá plenamente (a generosidade) daquele que deseja oferecer o presente, e dirá (para ele), Eu reconheço a (virtude) secreta dessa minha (dose).
11. Sacerdotes, encham com libações, como um celeiro (é enchido) com cevada, Indra, que é o senhor das riquezas do céu, do meio do céu, da terra; e que tal ato (piedoso) seja para o seu (bem).
12. Possuidor de riquezas, exerce a tua habilidade para conceder riqueza a nós, pois tua é grande afluência; que tu, Indra, estejas disposto a nos outorgar abundância superior

---

[1] Um Asura; Bala nós tivemos antes.
[2] Uraṇa é um nome novo; Arbuda ocorre em 1.51.6.
[3] Śuṣṇa tem sido citado frequentemente, e Pipru ocorre mais de uma vez; *svaśna-su-āsnāte* é aquele que devora; mas o comentador atribui *su* ao verbo *jaghāna*, matou bem, e torna o nome, *Aśna*, aparentemente, sem necessidade; esse e Rudhikrā são novos nomes de Asuras; Namuci foi citado antes, 1.53.7: sua destruição pela espuma do mar, que é uma lenda purânica, é citada por Sāyaṇa a partir do *Taittirīya; – apām phenena Namuceh śirah Indra udavartayat*.
[4] É dito que Varcin foi um Asura, que insultou Indra, e foi, portanto, destruído, com todos os seus filhos e dependentes.

dia a dia, para que, abençoados com descendentes dignos, nós possamos te glorificar no nosso sacrifício.

Índice ◄►Hino 15 (Wilson)

Hino 14. Indra (Griffith)

1. Ministros,[5] tragam o suco Soma para Indra, derramem o licor que alegra com os copos. Para beber desse o herói anseia sempre; o ofereçam ao Touro, pois esse ele quer.
2. Ó ministros, para ele que atingiu com o relâmpago, como uma árvore, o retentor de chuva Vṛtra – tragam-no para ele, ele que está desejoso de prová-lo, um gole desse que Indra aqui merece.
3. Ó ministros, para ele que derrotou Dṛbhīka,[6] que conduziu o rebanho adiante, e descobriu Vala, ofereçam essa dose, como Vāta na região;[7] cubram-no com Soma assim como corcéis com arreios.[8]
4. Ele que matou Uraṇa,[9] Adhvaryus! embora mostrando noventa e nove braços em número; que lançou Arbuda[10] de cabeça para baixo e o matou, – apressem aquele Indra para o nosso Soma oferecido.
5. Ó ministros, para ele que derrubou Svaśna, e matou Vyaṁsa e o ganancioso Śuṣṇa, e Rudhikrās e Namuci e Pipru,[11] – para ele, para Indra, derramem a libação.
6. Ó ministros, a ele que, como com trovão, demoliu cem castelos antigos de Śambara;[12] que subjugou os filhos de Varcin,[13] cem mil, – para ele, para Indra, ofereçam o Soma.
7. Ó ministros, para ele que matou cem mil, e os lançou sobre o seio da terra; que subjugou os homens valentes[14] de Atithigva, Kutsa, e Āyu, – tragam para ele o Soma.
8. Ministros, homens, qualquer coisa pela qual vocês anseiem obtenham-na rapidamente trazendo presentes para Indra. Tragam para o Glorioso o que as mãos purificaram; tragam para Indra, ó piedosos, o Soma.
9. Ó ministros, obedeçam à ordem dele; aquele, purificado em madeira,[15] em madeira elevem. Bem satisfeito ele anseia por aquilo que suas mãos têm guardado; ofereçam o suco Soma que alegra para Indra.
10. Como o úbere da vaca está repleto de leite, Adhvaryus, assim encham com Soma Indra, doador generoso. Eu o conheço; eu estou certo disso, o Santo sabe que eu de bom grado ofereceria a ele mais amplamente.
11. Ele, ministros, o Senhor do tesouro celestial e de toda a riqueza mundana que a terra possui, ele, Indra, encham com Soma como um celeiro é totalmente enchido com cevada; seja esse o seu trabalho.

---

[5] Adhvaryus, ou sacerdotes, cujo dever era fazer os preparativos para o sacrifício.
[6] Um dos numerosos demônios mortos por Indra.
[7] Trazendo chuva, como o Deus do Vento faz.
[8] O significado de *jūḥ* é incerto. Sāyaṇa o explica, 'como um homem idoso (é coberto) com roupas'.
[9] Outro demônio.
[10] Um demônio citado em 1.51.6.
[11] Svaśna, Vyaṁsa, e o resto, são demônios, alguns dos quais foram mencionados previamente.
[12] Um demônio mencionado várias vezes no Livro 1.
[13] [Veja a nota 4.]
[14] Vīrān; heróis. Sāyaṇa supre 'assaltantes', porque Atithigva, Kutsa, e Āyu aparecem no Livro 1 como favorecidos por Indra. Aqui a batalha deles com Tūrvayāṇa (1.53.10) é mencionada.
[15] No recipiente de madeira.

12. Prepara-te para nos conceder aquela grande recompensa, ó Vasu, pois abundante é o teu tesouro. Obtém riqueza maravilhosa, Indra, diariamente. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.

Índice ◄►Hino 15 (Griffith)

Hino 15. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

Deus, Ṛṣi, e métrica, como antes.

Varga 15. **1**. Realmente, eu proclamo os feitos autênticos e grandiosos do poderoso e verdadeiro (Indra); dele que bebeu os sucos derramados nos ritos Trikadruka,[1] e em sua alegria matou Ahi.

2. Que fixou o céu no (espaço) sem suporte, e encheu (de luz) o firmamento espaçoso, e o céu, e a terra; ele é quem tem mantido e tem feito a terra renomada; na alegria do Soma, Indra fez essas (ações).

3. (Ele é) quem mediu os (quadrantes) do leste, com instrumentos para medição como uma câmara; quem cavou com o raio os leitos dos rios, e facilmente os enviou por caminhos longamente continuados; na alegria do Soma, Indra fez essas (ações).

4. Enfrentando os (Asuras) que levavam Dabhīti, ele queimou todas as armas deles em um fogo aceso, e enriqueceu (o príncipe) com o gado, os cavalos, e os carros deles;[2] na alegria do Soma, Indra fez essas (ações).

5. Ele tranquilizou esse grande rio, (de modo que)[3] ele pudesse ser atravessado; ele transportou através dele em segurança (os sábios) que tinham sido incapazes de atravessá-lo, e que, tendo atravessado, continuaram a tornar real a riqueza que eles procuravam; na alegria do Soma, Indra fez essas (ações).

Varga 16. **6**. Por seu grande poder, ele virou o Sindhu em direção ao norte;[4] com seu raio ele moeu em pedaços o vagão da aurora, espalhando o inimigo lento com suas forças rápidas; na alegria do Soma, Indra fez essas (ações).

7. Consciente do desaparecimento das donzelas,[5] o Ṛṣi Parāvṛj, tornando-se manifesto, levantou-se; o homem coxo (as) surpreendeu, o cego (as) contemplou; na alegria do Soma, Indra fez essas (ações).

8. Louvado pelos Aṅgirasas, ele destruiu Bala; ele forçou a abertura das (portas) firmemente fechadas da montanha; ele quebrou suas defesas artificiais; na alegria do Soma, Indra fez essas (ações).

9. Tu mataste os Dasyus, Cumuri e Dhuni, tendo-os lançado em sono (profundo); tu protegeste Dabhīti, enquanto seu camareiro[6] ganhava naquela (disputa) o ouro (dos Asuras); na alegria do Soma, Indra fez essas (ações).

---

[1] Veja 2.11.17 [nota 8].

[2] De acordo com a lenda, os Asuras tinham sitiado e tomado a cidade de um sábio nobre, chamado Dabhīti, mas em sua retirada foram interceptados e derrotados por Indra, que recuperou o saque, e o devolveu ao príncipe.

[3] *Sa īṃ mahīṃ dhunim eto aramṇāt: dhuni*, de acordo com Sāyaṇa, é um sinônimo do Rio Paruṣṇi ou do Irāvatī; veja 1.32.12, nota 11, por ele agitar ou dissipar os pecados dos adoradores.

[4] Ele fez o Sindhu, sendo para o leste, voltado para o norte; não há mais explicações sobre o sentido da passagem, e não aparece se, pelo Sindhu, nós nesse lugar devemos entender o Indo.

[5] É dito que certas moças zombaram do Ṛṣi cego e coxo, que por causa disso rezou para Indra, e recuperou a visão e o uso das pernas; veja 2.13.12.

10. Aquela doação opulenta que procede, Indra, de ti, certamente dá àquele que te louva a bênção (que ele deseja); concede (-a) a (nós), teus louvadores; tu, que és o objeto de adoração, não desconsideres (as nossas preces); para que, abençoados com descendentes dignos, nós te glorifiquemos nesse sacrifício.[7]

Índice ◄►Hino 16 (Wilson)

Hino 15. Indra (Griffith)

1. Agora, realmente, eu vou declarar as façanhas, poderosas e verdadeiras, dele o Verdadeiro e Poderoso. Nos Trikadrukas[8] ele bebeu o Soma; então, em seu êxtase[9] Indra matou o Dragão.
2. O alto céu no espaço sem suporte ele estabeleceu; ele encheu os dois mundos e a região do meio do ar. A terra ele sustentou, e deu-lhe ampla extensão. Essas coisas Indra fez no êxtase do Soma.
3. A partir da frente, como se fosse uma casa,[10] ele governou e mediu; perfurou com seu raio as fontes dos rios, e os fez fluir à vontade por caminhos de longo alcance. Essas coisas Indra fez no êxtase do Soma.
4. Cercando aqueles que levaram Dabhīti,[11] em fogo aceso ele queimou todas as armas deles, e o tornou rico com vacas e carros e cavalos. Essas coisas Indra fez no êxtase do Soma.
5. A poderosa corrente ribombante ele impediu de fluir, e levou aqueles que não nadavam com segurança por cima.[12] Eles tendo atravessado o rio obtiveram riquezas. Essas coisas Indra fez no êxtase do Soma.
6. Com poder imenso ele fez o rio fluir para cima, esmagou com seu raio o carro de Uṣas,[13] despedaçando os corcéis lentos dela com seus corcéis rápidos. Essas coisas Indra fez no êxtase do Soma.
7. Conhecendo o lugar onde as donzelas estavam se escondendo, o pária[14] mostrou-se e ficou diante delas. O aleijado ficou ereto, o cego olhou para elas. Essas coisas Indra fez no êxtase do Soma.
8. Louvado pelos Aṅgirases ele matou Vala, e quebrou em pedaços os bastiões da montanha. Ele arrancou suas defesas habilmente construídas. Essas coisas Indra fez no êxtase do Soma.
9. Tu, com sono dominando Cumuri e Dhuni,[15] mataste o Dasyu, mantiveste seguro Dabhīti. Lá o portador do bastão[16] encontrou o tesouro dourado.[17] Essas coisas Indra fez no êxtase do Soma.

---

[6] *Rambhī cidatra vivide hiraṇyaṃ: Rambhī* é explicado, *vetradhāri*, o portador do bastão [*vetra* significando a vara ou maça de um oficial, o bastão de um guardião de porta]; ou *daūvarika*, porteiro ou guardião de porta.
[7] Esse verso ocorreu como o último de vários Sūktas anteriores, [por exemplo, em 2.11.21], e se repete em vários dos seguintes como um tipo de refrão.
[8] Veja 2.11.17 [notas 8 e 29].
[9] Na alegria produzida por beber o suco fermentado. Veja 1.51.2, nota 22.
[10] A formação do mundo é comparada à construção de uma casa. [Veja a versão de Wilson.]
[11] Veja 2.13.9, nota 4.
[12] Veja 2.13.12.
[13] A destruição da carruagem de Uṣas ou Aurora por Indra é descrita mais completamente em 4.30.8-11.
[14] Parāvṛj, aqui traduzido 'o pária', é considerado por Sāyaṇa como o nome de um Ṛṣi que era coxo e cego. Quando algumas moças zombaram dele ele rezou para Indra e foi curado.
[15] Asuras ou demônios.

10. Agora que aquela tua Vaca opulenta, ó Indra, produza em retorno uma bênção para aquele que te louva. Dá aos teus louvadores; que fortuna não nos falte. Que nós possamos falar alto, com homens valentes, na assembleia.

Índice ◄►Hino 16 (Griffith)

---

[16] O guardião da porta, ou camareiro, de Dabhīti.
[17] De Cumuri e Dhuni.

Hino 16. Indra (Wilson)

(Sūkta V)

Deus, Ṛṣi, e métrica, como antes.[1]

Varga 17. **1**. Eu trago a libação para você o melhor dos santos (deuses, para ser derramada) sobre o fogo aceso, (e eu ofereço a ele) louvor apropriado; nós invocamos para (a nossa) proteção o sempre jovem Indra, o imperecível, o causador de decadência, borrifado (com a libação de Soma).

2. Pois, sem aquele poderoso Indra, esse (mundo) não era nada; nele todos os poderes quaisquer que sejam estão agregados; ele recebe o suco Soma em seu estômago, e em seu corpo (exibe) força e energia; ele carrega o raio em sua mão, e sabedoria em sua cabeça.

3. Teu poder, Indra, não é para ser superado por (aquele do) céu e da terra, nem teu carro pode (ser parado) por oceanos ou por montanhas; ninguém pode escapar do teu raio, quando tu percorres muitas léguas com (cavalos) rápidos.

4. Todos os homens oferecem culto àquele adorável, poderoso, e munificente (Indra), que está associado (com louvor); portanto, (tu), que és generoso e o mais sábio, cultua a ele com oblações; e bebe, Indra, o Soma, juntamente com o Sol, o derramador (de benefícios).[2]

5. O suco do gratificante e alegrador (Soma), o excitador (de) quem o bebe, flui para o derramador (de benefícios), o distribuidor de alimentos, como sua bebida; os dois sacerdotes, os aspersores da oblação; e as pedras (que espremem o suco), oferecem ao melhor (dos deuses), o Soma, o derramador (de bênçãos).[3]

Varga 18. **6**. Teu raio, Indra, é o derramador (de recompensas); teu carro, o derramador (de bênçãos); teus dois cavalos, os derramadores (de desejos); tuas armas, as difusoras (de desejos); tu reinas, derramador (de benefícios), sobre a bebida inebriante que espalha (deleite); sacia-te, Indra, com o Soma de boa difusão.

7. Vitorioso em batalha, (pela) tua (graça) eu me aproximo de ti, que és satisfeito por louvor, em ritos sagrados com prece, como um barco (para me conduzir sobre o infortúnio); que Indra ouça atentamente essas nossas palavras; nós derramamos libações para Indra, (que é um receptáculo) de tesouro, como um poço (é de água).

8. Conduze-nos de antemão para longe do mal, como uma vaca que pasta em um prado leva seu filhote (para longe do perigo); que nós, Śatakratu, te envolvamos, mesmo que apenas uma vez, com louvores aceitáveis, como maridos jovens (são abraçados) por suas esposas.

9. Aquela doação opulenta que provém, Indra, de ti, seguramente concede àquele que te louva, a bênção (que ele deseja); concede (-a) a (nós), teus adoradores; tu, que és o objeto de adoração, não desconsideres (as nossas preces); para que, abençoados com descendentes dignos, nós possamos te glorificar nesse sacrifício.

---

[1] [Segundo Griffith e Gary Holland, a métrica é Jagatī, exceto no último verso, no qual ela é Triṣṭubh.]

[2] *Vṛṣabheṇa bhānunā;* o comentador interpreta *bhānu* por Agni, fogo.

[3] O principal objetivo dessa e da estrofe seguinte parece ser a exemplificação das várias modificações de sentido de que as palavras *vṛṣan* e *vṛṣabha* são suscetíveis; o suco Soma, que é *vṛṣan*, flui, (para) *vṛṣabha*, Indra, que é também *vṛṣabhānna;* os dois sacerdotes, o *Adhvaryu* e *Pratisthātṛ*, é dito, são ambos *vṛṣabhas;* assim são as pedras usadas para esmagar a planta Soma, e o suco da Soma é *vṛṣaṇa;* assim o raio é *vṛṣā;* o carro é *vṛṣā*; os cavalos, *vṛṣaṇau;* as armas, *vṛṣabhāni;* o Soma é *vṛṣan*, e Indra e Soma são ambos designados *vṛṣabha;* essas diferentes formas, *vṛṣan*, *vṛṣaṇa*, *vṛṣabha*, são do radical *vṛṣ*, chover, derramar abundantemente; e significam chover, derramar, despejar, aspergir, literalmente; ou conceder livremente ou generosamente, quando utilizadas, como elas são mais comumente, em sentido figurado.

Índice ◄►Hino 17 (Wilson)

Hino 16. Indra (Griffith)

1. Para ele, o seu próprio, o melhor entre os bons, eu trago louvor, como oblação[4] no fogo aceso. Nós invocamos por auxílio Indra intocado pela velhice, que faz tudo decair, fortalecido, para sempre jovem.
2. Sem o qual nada existe, Indra o Sublime; em quem sozinho todos os poderes heroicos estão combinados. O Soma está dentro dele, em seu corpo grande resistência, o trovão em sua mão e sabedoria em sua cabeça.
3. Por ambos os mundos teu poder não é para ser superado, nem teu carro pode ser parado por montanhas ou por mares. Ninguém se aproxima, ó Indra, do teu raio, quando com corcéis velozes tu voas sobre muitas léguas.
4. Pois todos os homens trazem sua vontade a ele o Resoluto, a ele o Santo, a ele o Forte eles se apegam. Presta culto com oblação, forte e extremamente sábio. Bebe o Soma, Indra, através da chama poderosa.
5. O recipiente do forte[5] derrama a corrente de hidromel para o Forte, que se alimenta do forte, como bebida, Fortes são os dois Adhvaryus, fortes são ambas as pedras.[6] Elas espremem o Soma que é forte para ele o Forte.
6. Forte é teu raio, sim, e teu carro é forte; fortes são teus Cavalos Baios e tuas armas poderosas. Tu, Indra, Touro, és Senhor da bebida forte que alegra; com o forte Soma, Indra, satisfaça-te.
7. Eu, corajoso pela prece, me aproximo de ti nos teus ritos sagrados, de ti como um navio salvador, de ti gritando na guerra. Realmente ele ouvirá e prestará atenção nessa nossa palavra; nós derramaremos Indra por assim dizer uma fonte de riqueza.
8. Volta-te para nós antes que a calamidade se aproxime, como uma vaca cheia de pasto se volta para seu filhote. Senhor dos Cem Poderes, que nós nos agarremos uma vez firmemente aos teus favores justos assim como maridos às suas esposas.
9. Agora que aquela tua Vaca opulenta, ó Indra, produza em retorno uma bênção para aquele que te louva. Dá aos teus louvadores; que fortuna não nos falte. Que nós possamos falar alto, com homens valentes, na assembleia.

Índice ◄►Hino 17 (Griffith)

[4] Louvor que magnifica e fortalece Indra como oblações de manteiga clarificada lançadas no fogo aumentam a chama.
[5] O reservatório que contém o forte Soma. Em relação à repetição da palavra 'forte' nessa estrofe e na seguinte veja 1.177.2,3 [notas 2 e 5].
[6] Para espremer o suco Soma.

Hino 17. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica das duas últimas estrofes é Triṣṭubh; do restante, Jagatī.

Varga 19. **1**. Enderecem, adoradores, à maneira de Aṅgiras, um novo (hino) para aquele Indra, cujas (energias) fulminantes foram desenvolvidas nos tempos antigos; o qual, na alegria do Soma, forçou a abertura das nuvens obstruídas e sólidas.[1]
2. Que seja (exaltado) aquele (Indra) que, manifestando sua energia, exerceu seu poder pela primeira bebida de Soma; um herói, que em combates protegia o seu próprio corpo, e por sua grandeza sustentou o céu sobre sua cabeça.
3. Realmente, Indra, tu mostraste a tua primeira grande proeza quando, (propiciado) pela oração (do adorador), tu empregaste o teu (vigor) fulminante na presença dele; e quando os reunidos inimigos (dos deuses), derrubados por ti em teu carro puxado por teus cavalos, fugiram, dispersos.
4. Ele, de fato, o venerável Indra, fazendo-se por seu poder soberano sobre todos os mundos, tornou-se supremo acima de (todos), e desde então sustentando o céu e a terra, ele os cobriu com refulgência, e, dissipando as trevas malignas, ele permeou (todas as coisas).
5. Por sua força ele fixou as montanhas errantes; ele dirigiu o curso descendente das águas; ele sustentou a terra, a nutridora (de todas as criaturas); e, por sua habilidade, ele impediu o céu de cair.
Varga 20. **6**.[2] Ele foi competente para (a proteção) deste (mundo), o qual ele, seu defensor, fabricou com seus dois braços por causa de toda a humanidade, sobre quem ele era supremo com sua sabedoria; pelo qual, (também), ele, o de grito alto, tendo atingido Krivi[3] com o raio, o entregou ao sono (eterno) na terra.
7. Como uma (donzela) virtuosa, envelhecendo na mesma residência com seus pais, (reivindica deles seu sustento),[4] assim eu venho a ti por riqueza; torna-a visível, mede-a, traze-a (aqui), concede (uma) porção (suficiente) para o meu sustento corporal, (tal como aquela) com a qual tu honras (teus adoradores).
8. Nós te invocamos, Indra, o concessor de alegria; tu dás alimento, Indra, (em retribuição por) obras (piedosas); protege-nos, Indra, com proteções múltiplas; Indra, derramador (de benefícios), torna-nos muito ricos.
9. Aquela doação opulenta que provém, Indra, de ti, seguramente concede àquele que te louva, a bênção (que ele deseja); concede (-a) a (nós), teus adoradores; tu, que és o objeto de adoração, não desconsideres as nossas preces; para que, abençoados com descendentes dignos, nós possamos te glorificar nesse sacrifício.

Índice ◄►Hino 18 (Wilson)

---

[1] *Yad gotrā*, por *gotraṇi*, nuvens; *go*, água e *trā*, preservar ou conter; ou *gotrā* pode significar, rebanhos de gado, as vacas dos Aṅgirasas recuperadas por Indra.
[2] [Veja abaixo a versão desse verso por Griffith.]
[3] Um Asura.
[4] *Amājūr-iva pitroḥ sacā satī samānat: amājūh* é explicado por Sāyaṇa, vivendo em casa durante a vida; *satī* ele interpreta, filha, *duhitā;* o ponto de comparação, ela reivindicando sua parte, é suprido pelo comentador; mas a possibilidade de uma filha estar assim situada sugere uma probabilidade de que os casamentos infantis não eram considerados imperativos nessa época.

Hino 17. Indra (Griffith)

1. Como os Aṅgirases, cantem essa canção nova para ele, pois, como nos tempos antigos, os poderes imensos dele são mostrados,[5] quando no êxtase do Soma ele abriu com força os estábulos sólidos firmemente fechados das vacas.
2. Que ele seja aquele mesmo Deus que, para o primeiro gole medindo o seu poder, aumentou sua majestade; Herói que fortaleceu seu corpo[6] nas guerras, e por sua grandeza colocou o céu sobre sua cabeça.
3. Tu realizaste o teu primeiro grande feito de força heroica quando tu mostraste poder, através da prece, diante desse povo. Derrubados por ti, o Senhor conduzido em carro de Corcéis Fulvos, os velozes congregados[7] fugiram de várias maneiras.
4. Ele tornou-se por força o Senhor de todas as coisas vivas, e forte em poder vital, tornou-se grande acima de todas elas. Ele, levado no alto,[8] cobriu com luz o céu e a terra, e, costurando a escuridão turva, fechou-a dentro.
5. Ele com seu poder firmou as colinas curvadas para frente,[9] a carreira das águas para baixo ele ordenou. Firmemente ele segurou a terra que nutre toda vida, e impediu o céu de cair por sua habilidade extraordinária.
6. Adequado para seus braços empunharem é o que o Senhor fabricou a partir de todo tipo de riqueza preciosa, o raio, com o qual, de estrondo alto, ele atingiu, e golpeando-o até a morte derrubou Krivi[10] na terra.
7. Como aquela que na casa de seus pais está envelhecendo, eu oro a ti como Bhaga[11] a partir do assento de todos.[12] Concede conhecimento, mede-o e traze-o para nós aqui; dá-nos a parte com a qual tu fazes as pessoas contentes.
8. Que nós invoquemos a ti como um doador generoso; tu dás-nos, ó Indra, força e trabalhos. Ajuda-nos com assistência múltipla, Indra; Poderoso, Indra, faze-nos ainda mais ricos.
9. Agora que aquela tua Vaca opulenta, ó Indra, dê em retorno uma bênção para aquele que te louva. Dá aos teus louvadores; que fortuna não nos falte. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.

Índice ◄►Hino 18 (Griffith)

---

[5] Louvem Indra segundo a maneira dos antigos Aṅgirases com uma nova canção, porque as façanhas antigas dele são renovadas continuamente para o nosso benefício.
[6] O protegeu com uma cota de malha.
[7] Segundo Sāyaṇa, os Asuras ou inimigos dos Deuses. Segundo Roth, as águas do céu.
[8] Ou talvez 'luminoso', como o professor Max Müller o traduz.
[9] Prestes a cair até que Indra as fixou.
[10] Originalmente 'uma bolsa de couro', e metaforicamente 'uma nuvem', dito por Sāyaṇa ser um Asura ou demônio.
[11] Como o Deus que distribui riqueza, e também preside o amor e o casamento.
[12] A partir do salão de sacrifício onde assentos de grama sagrada são fornecidos para todos os Deuses.

Hino 18. Indra (Wilson)

(Sūkta VII)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 21. **1**. Um sacrifício louvável e puro[1] foi instituído ao amanhecer; tendo quatro pares (de pedras para esmagar a Soma); três tons (de oração); sete métricas; e dez recipientes; benéfico para o homem, conferindo céu, e santificável com ritos solenes e louvores.
2. Esse (sacrifício) é adequado para ele, (Indra), seja (oferecido) pela primeira, a segunda ou a terceira vez;[2] ele é o portador (de coisas boas) para o homem; outros (sacerdotes) geram o embrião de um (rito) diferente, mas esse (sacrifício) vitorioso, o derramador (de benefícios) se combina com outras (cerimônias).[3]
3. Eu atrelo rapidamente e facilmente os cavalos ao carro de Indra para a sua viagem, pela prece nova e bem recitada; muitos (adoradores) sábios estão presentes aqui; que outros instituidores de ritos sagrados não te atraiam (para longe).
4. Vem, Indra, quando invocado, com dois cavalos, ou com quatro, ou com seis, ou com oito, ou com dez,[4] para beber o suco Soma; objeto de adoração, o suco é derramado; não injuries (a libação).
5. Vem à nossa presença, Indra, tendo atrelado teu carro com vinte, trinta, ou quarenta cavalos; ou com cinquenta corcéis bem treinados; ou com sessenta ou com setenta, Indra, para beber o suco Soma.
Varga 22. **6**. Vem, Indra, à nossa presença, transportado por oitenta, noventa ou cem cavalos; esse Soma foi derramado na taça, Indra, para a tua alegria.
7. Vem para cá, Indra, (tendo ouvido) a minha prece; atrela teus dois corcéis universais à lança do teu carro; tu tens sido objeto de invocação de várias maneiras por muitos (adoradores), mas agora, herói, alegra-te nesse (nosso) sacrifício.
8. Que a minha amizade com Indra nunca seja desfeita; que a generosidade dele (sempre) nos conceda (os nossos desejos); que nós estejamos dentro da defesa excelente dos (seus) braços (protetores); que nós sejamos vitoriosos em cada batalha.[5]
9. Aquela doação opulenta que provém, Indra, de ti, seguramente concede, àquele que te louva, a bênção que ele deseja; concede (-a) a (nós), teus adoradores; tu, que és o objeto de adoração, não desconsideres as nossas preces; para que, abençoados com descendentes dignos, nós possamos te glorificar nesse sacrifício.

Índice ◄►Hino 19 (Wilson)

---

[1] *Prātā ratho navo yoji - ratho-raṇanād yajñah:* é dito que a palavra *ratha*, como derivada de *raṇa*, ir, significa aqui, culto, sacrifício; ela pode ter, no entanto, seu significado mais comum de carruagem, em qual caso as outras palavras e frases devem ser adaptadas à significação; a carruagem foi atrelada, *ayoji;* provida com quatro jugos, *catur yuga;* três chicotes, *trikaśa;* sete rédeas, *saptaraśmi*, e dez lados ou faces, *dāśāritra;* tal carruagem deve ser compreendida, figurativamente, como um transporte para Svarga, em qual sentido ela é também aplicável a *yajña*, sacrifício.
[2] Aludindo aos três sacrifícios diários.
[3] Os termos, *anyasyāh*, *anye* e *anyebhiiḥ*, de outro, outros, com outros, não têm substantivos expressados; os substantivos do texto são fornecidos pelo comentador, exceto no último, que ele interpreta por Indra, e outras divindades.
[4] Embora os cavalos de Indra sejam propriamente apenas dois, no entanto, por causa das faculdades sobrenaturais deles, eles podem se multiplicar sem limite, como diz o comentador.
[5] *Prāye-prāye jighīvāṃsaḥ syāma: prāye* é explicado, em um sentido, *yuddhé*, na guerra ou batalha; também é dito que significa 'entrar'; que nós sejamos vitoriosos em consequência de Indra entrar repetidamente ou frequentar a câmara de sacrifício.

Hino 18. Indra (Griffith)

1. O rico carro novo foi equipado pela manhã, ele tem quatro jugos, três chicotes, sete rédeas para guiá-lo; de dez lados, amigável para a humanidade, ganhador de luz, que deve ser instado a acelerar com preces e desejos.[6]
2. Esse está preparado para ele a primeira, a segunda e a terceira vez;[7] ele é Sacerdote[8] e Arauto do homem. Outros obtêm descendentes de outro pai; ele segue, como um Touro nobre, com outros.[9]
3. Ao carro de Indra os Cavalos Baios eu atrelei, que novas palavras bem faladas possam trazê-lo para cá. Nesse momento que outros adoradores não te detenham, pois entre nós há muitos cantores santos.
4. Indra, vem para cá com dois Corcéis Baios,[10] vem com quatro, com seis quando invocado. Vem com oito, com dez, para beber o Soma. Aqui está o suco, Bravo Guerreiro valente; não o despreza.
5. Ó Indra, vem para cá tendo atrelado teu carro com vinte, trinta, quarenta cavalos. Vem com cinquenta corcéis bem treinados, Indra, sessenta ou setenta, para beber o Soma.
6. Vem para cá até nós, ó Indra, conduzido por oitenta, noventa ou cem cavalos. Esse suco Soma entre os Śunahotras[11] tem sido derramado, com amor, para te alegrar, Indra.
7. Por essa minha prece, ó Indra, vem para cá; prende à lança do teu carro todos os teus dois Corcéis Baios. Tu deves ser invocado em muitos lugares; Herói, regozija-te nessa libação.
8. Que o meu amor nunca seja desunido de Indra; também que a generosa Vaca leiteira dele nos dê riqueza. Assim que nós sob a sua proteção suprema, seguros em seus braços, tenhamos êxito em cada partida.
9. Agora que aquela tua Vaca opulenta, ó Indra, dê em retorno uma bênção para aquele que te louva. Dá aos teus louvadores; que fortuna não nos falte. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.

Índice ◄►Hino 19 (Griffith)

---

[6] *O rico carro novo* é o sacrifício da manhã que viaja até os Deuses e obtém riqueza para o adorador. Os *quatro jugos* são os quatro pares de pedras para espremer o suco Soma; os *três chicotes* são os três tons de prece; as *sete rédeas* são as sete métricas. O significado de *dáśāritraḥ*, de dez lados, não está claro. Sāyaṇa explica *aritrāḥ* como 'protetores contra inimigos, isto é, pecados', os planetas. Grassmann pensa que rodas são aludidas.
[7] Os três sacrifícios diários são mencionados.
[8] Isso deve querer dizer Agni.
[9] O segundo hemistíquio é obscuro. Wilson, seguindo Sāyaṇa, parafraseia. [Veja a versão dele acima.]
[10] Esse é o número usual, a progressiva multiplicação nessa e nas estrofes seguintes talvez pretenda indicar a rapidez sempre crescente com a qual o adorador ávido reza para Indra se aproximar. O comentador diz que pelos poderes sobrenaturais deles os dois cavalos de Indra se multiplicam indefinidamente.
[11] Aparentemente uma família assim chamada; etimologicamente 'aqueles que sacrificam com um resultado feliz'. Segundo Sāyaṇa *śunahotrāḥ* significa certos recipientes nos quais o suco Soma era derramado.

Hino 19. Indra (Wilson)

(Sūkta VIII)

O deus, o Ṛṣi, e a métrica, os mesmos.

Varga 23. **1**. Foi partilhado[1] (por Indra), para a sua alegria, desse alimento (sacrifical) agradável, a libação do seu (adorador) devoto; prosperando por qual (bebida) antiga ele concedeu uma residência (adequada), onde os adoradores condutores (da cerimônia) moram.
2. Animado pelo suco Soma, Indra, armado com o raio, cortou a nuvem que confinava a chuva; depois do que as correntes dos rios procederam (em direção ao oceano), como aves para seus próprios ninhos.
3. O adorável Indra, o matador de Ahi, enviou a corrente das águas para o oceano; ele gerou o sol; ele descobriu o gado; ele efetuou a manifestação dos dias pela luz.[2]
4. Para o apresentador (da libação) Indra dá muitos presentes incomparáveis; ele mata Vṛtra; ele que foi o árbitro entre seus adoradores quando disputando pela posse do sol.[3]
5. O divino Indra, quando louvado (por Etaśa), humilhou o Sol (em nome) do mortal que ofereceu a ele a libação; pois o munificente Etaśa lhe presenteou com riquezas misteriosas e inestimáveis; como (um pai dá) sua parte (a um filho).
Varga 24. **6**. O radiante Indra sujeitou a Kutsa, seu auriga, (os Asuras,) Śuṣṇa, Aśuṣa e Kuyava, e, por causa de Divodāsa, demoliu as noventa e nove cidades da Śambara.[4]
7. Por desejo de alimentos, Indra, nós, contribuindo para o teu vigor, espontaneamente dirigimos a ti (nosso) louvor; seguros de ti, que nós possamos contar com a tua amizade;[5] lança o teu raio contra o ímpio Piyu.[6]
8. Desse modo, herói, os Gṛtsamadas têm fabricado louvores a ti, como aqueles que estão desejosos de viajar (constroem) estradas;[7] que aqueles que te veneram, adorável Indra, obtenham alimentos, força, habitações, e felicidade.
9. Aquela doação opulenta que provém, Indra, de ti, seguramente concede, àquele que te louva, a bênção (que ele deseja); concede (-a) a (nós) teus adoradores; tu, que és o objeto de adoração, não desconsideres as nossas preces; para que, abençoados com descendentes dignos, nós possamos te glorificar nesse sacrifício.

Índice ◄►Hino 20 (Wilson)

---

[1] *Apāyi asya andhasah* é aqui utilizado de forma impessoal, sendo a terceira pessoa do singular, do terceiro pretérito, voz passiva; o comentador afirma que ele pode ser usado para o imperativo, e ser equivalente a *Indra somam pivatu*, que Indra beba o Soma; mas isso não parece ser necessário.
[2] *Aktunā hnāṃ vayunāni sādhat* é explicado pelo comentário, *tejasā prakāśān divasānām asādhayat;* o sentido dado na tradução.
[3] *Atasāyyo bhūt paspṛdhānebhyaḥ sūryasya sātau:* o primeiro é explicado, *prāptihetubhūtah san*, sendo a causa da obtenção, para aqueles que estavam disputando; dizendo: Deixe-me ser o primeiro a ter o sol, – *aham eva prathamam sūryam prāpnuyām;* ou *sāti* pode significar guerra; para aqueles lutando em batalha com o sol; nenhuma lenda é dada em explicação de qualquer sentido, mas uma é sugerida no verso seguinte, que foi mencionada antes, de uma disputa entre Sūrya e Etaśa, na qual Indra apoiou o último. – 1.61.15, nota 9.
[4] Todos esses ocorreram repetidamente antes, exceto Aśuṣa, aquele que não é para ser secado; esse pode ser um epíteto de Śuṣṇa, mas é explicado pelo comentador como um Asura.
[5] *Aśyāma tat sāptam: sāpta,* derivado *sapta*, sete, é considerado um sinônimo de *sāpta padinam*, ou *sakhyam*, amizade.
[6] Ou um Asura em geral, ou o nome de um Asura específico.
[7] *Avasyavo na vayunāni* são explicados, *gamanam icchantah pumānso mārgān yathā kurvante*, como os homens, desejando ir, fazem estradas.

Hino 19. Indra (Griffith)

1. Goles desse suco doce foram bebidos[8] por êxtase, da iguaria oferecida do sábio espremedor de Soma, no qual, tornado poderoso nos tempos de outrora, Indra encontrou deleite, e homens que adoram.
2. Alegrado por esse hidromel, Indra, cuja mão empunha o trovão, despedaçou Ahi que barrou as águas, para que as correntes vivificantes dos rios fluíssem adiante como aves para seus lugares de descanso.
3. Indra, esse Poderoso, o matador do Dragão, mandou a torrente de águas para o oceano. Ele deu ao Sol sua vida, ele encontrou o gado, e com a noite[9] completou as obras dos dias.
4. Para aquele que adora Indra tem dado dádivas numerosas e incomparáveis. Ele mata Vrtra. Justo ele deveria ser procurado com súplicas por homens que lutavam para obter a luz do sol.
5. Para aquele que lhe derramava presentes ele entregou Sūrya, – Indra, o Deus, o Poderoso, para o mortal; pois Etaśa com adoração lhe trouxe riquezas que mantêm a angústia longe, como se fosse a sua porção.[10]
6. Uma vez para o condutor do seu carro, Kutsa, ele entregou o voraz Śuṣṇa, flagelo da colheita; e Indra, por causa de Divodāsa, demoliu os noventa e nove castelos de Śambara.[11]
7. Assim nós trouxemos o nosso hino a ti, ó Indra, fortalecendo-te e desejosos de glória. Que nós com os melhores esforços ganhemos essa amizade, e que tu subjugues as armas do ímpio zombador.
8. Desse modo os Gṛtsamadas, para ti, ó herói, fizeram seu hino e tarefa quando buscando proteção. Que aqueles que te adoram novamente, Indra, ganhem alimento e força, bem-aventurança, e uma residência feliz.
9. Agora que aquela tua Vaca opulenta, ó Indra, dê em retorno uma bênção para aquele que te louva. Dá aos teus louvadores; que fortuna não nos falte. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.

Índice ◄►Hino 20 (Griffith)

---

[8] Por Indra.
[9] Talvez, por dar a noite para o descanso permitiu que os homens realizassem os trabalhos do dia. Ou, como *aktunā* pode significar 'por luz', 'efetuou a manifestação dos dias pela luz', como Wilson traduz conforme Sāyaṇa.
[10] '*Como se fosse a sua porção*': 'como (um pai dá) sua parte (a um filho)', de acordo com Sāyaṇa.
Veja 1.61.15. A lenda diz que certo Rei que desejava um filho adorou Sūrya que, para conceder seu rogo, nasceu ele mesmo como filho do Rei. Posteriormente quando surgiu uma disputa entre o filho desse Rei que se chamava Sūrya e o Ṛṣi Etaśa, Indra tomou o partido do último. Em 1.61.15, uma corrida de carruagem parece ser mencionada, e eu traduzi a passagem conformemente, seguindo Sāyaṇa ao considerar Sūrya como o nome de um homem. Se, no entanto, como é muito possível, Sūrya lá for o Deus-Sol, o significado é que Indra, para favorecer seu fiel adorador Etaśa, forçou Sūrya ou o Sol a trazer sua carruagem e cavalos para o leste; isto é, o retorno do dia em alguma ocasião específica é atribuído à intervenção de Indra em nome de seu favorito. Esse parece ser o significado desse verso também. Veja, além disso, 1.121.13.
[11] Kutsa e Divodāsa, favoritos de Indra; e Śuṣṇa e Śambara, demônios da seca, ocorreram frequentemente no Livro 1.

Hino 20. Indra (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus, o Ṛṣi, e a métrica, como antes.[1]

Varga 25. **1**. Nós trazemos a ti, Indra, alimento (sacrifical), como alguém que deseja alimento traz seu vagão;[2] olha-nos benevolentemente, quando te glorificando, tornando (-te) ilustre por (nosso) louvor, e solicitando tais guias como tu és para a felicidade.
2. (Defende-nos), Indra, com tuas proteções, pois tu és o defensor contra os inimigos daqueles homens que confiam em ti; tu és o senhor do oferecedor (da libação), o repulsor (de inimigos), e com esses atos (proteges) aquele que te adora.
3. Que aquele jovem, adorável Indra, sempre seja o amigo, o benfeitor, e o protetor de nós, seus adoradores; que, com sua proteção, possa conduzir (para o objetivo da sua adoração) aquele que repete (para ele) prece e louvor, que prepara a oblação, e recita (seus) encômios.
4. Eu louvo aquele Indra, eu glorifico a ele, em quem antigamente (seus adoradores) prosperaram e venceram (seus inimigos); que ele, quando solicitado, satisfaça o desejo de riqueza do seu atual adorador piedoso.
5. Propiciado pelos hinos dos Aṅgirasas, Indra concedeu seu rogo, e os guiou no caminho (para recuperar seu gado); levando embora as auroras pela (luz do) sol, ele, animado por louvor, demoliu as antigas cidades de Aśna.
Varga 26. **6**. Que o renomado e gracioso Indra, que é realmente divino, esteja presente sobre os homens; que ele, o vigoroso conquistador de inimigos, derrube a preciosa cabeça do maligno Dāsa.[3]
7. Indra, o matador de Vṛtra, o destruidor de cidades, dispersou (as hostes) servis surgidas do escuro;[4] ele gerou a terra e as águas para Manu; que ele realize toda a prece do sacrificador.
8. Vigor tem sido dado perpetuamente a Indra por seus adoradores (com oblações), para a obtenção de chuva; para qual propósito eles têm colocado o raio em suas mãos, com o qual, tendo matado os Dasyus, ele destruiu suas cidades de ferro.
9. Aquela doação opulenta que provém, Indra, de ti, seguramente concede àquele que te louva a bênção (que ele deseja); concede (-a) a (nós) teus adoradores; tu, que és o objeto de adoração, não desconsideres as nossas preces; para que, abençoados com descendentes dignos, nós possamos te glorificar nesse sacrifício.

Índice ◄►Hino 21 (Wilson)

---

[1] [Segundo Griffith e Gary Holland, a métrica da terceira estrofe é Virāḍrūpā.]
[2] Como um homem, desejando alimentos, providencia sua carroça ou carrinho de mão para levá-los.
[3] *Dāsa*, um escravo, é dito aqui ser o nome de um Asura.
[4] *Kṛṣṇayonīḥ dāsīr airayad-vi*, ele dispersou os exércitos Asura de casta baixa e perturbadores de sacrifícios, é uma explicação, na qual *kṛṣṇayoni* é interpretado por *nikriṣṭajāti*, e *dāsī* por *upakṣapayitrī*, ou *Asurī*, *senā*, exército, estando subentendido; o comentador sugere, como outro sentido, a esposa grávida do Asura chamado *Kṛṣṇa*.

Hino 20. Indra (Griffith)

1. Como alguém traz seu carro quando ansioso por combate,[5] assim nós trazemos poder para ti – considera-nos, Indra – bem hábeis em canto, pensativos em espírito, em busca de grande bem-aventurança de alguém como tu entre os Heróis.
2. Indra, tu és nosso com a tua proteção, um guardião próximo para os homens que te amam verdadeiramente. Tu és ativo, o defensor do homem generoso, dele que se aproxima de ti com devoção genuína.
3. Que Indra, chamado com invocações solenes, o jovem, o Amigo, seja o guardião auspicioso dos homens, aquele que vai favorecer com seu auxílio o cantor, o trabalhador,[6] louvador, preparador de oblações.
4. Com louvor e canção, deixe-me exaltar aquele Indra em quem antigamente os homens prosperaram e eram poderosos. Que ele, rogado, realize a prece por abundância daquele que adora, do mortal vivo.[7]
5. Ele, Indra, a quem os Aṅgirases louvam satisfeitos, fortaleceu a prece deles e fez seus passos prosperarem.[8] Roubando as manhãs com a luz do sol, ele, louvado, subjugou até os poderes antigos de Aśna.[9]
6. Ele, de fato, o Deus, o glorioso Indra, ergueu-se para o homem, o melhor Operador de Prodígios. Ele, autoconfiante, poderoso e triunfante, derrubou a cabeça preciosa[10] do perverso Dāsa.[11]
7. Indra o matador de Vṛtra, destruidor de fortalezas, dissipou as hostes Dāsa que moravam na escuridão.[12] Para os homens ele criou a terra e as águas, e sempre ajudou a oração daquele que adora.
8. A ele em poder os Deuses sempre se renderam, a Indra no tumulto da batalha. Quando nos braços dele eles puseram o raio, ele matou os Dasyus[13] e derrubou seus fortes de ferro.
9. Agora que aquela tua Vaca opulenta, ó Indra, dê em retorno uma bênção para aquele que te louva. Dá aos teus louvadores; que fortuna não nos falte. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.

Índice ◄►Hino 21 (Griffith)

---

[5] Ou, talvez, pela corrida.
[6] O homem que trabalha no cumprimento dos deveres religiosos.
[7] O adorador atual, como distinguido dos homens de antigamente.
[8] Isto é, por recuperar para eles as vacas roubadas, mencionadas frequentemente no Livro 1.
[9] 'O voraz', dito ser o nome de um demônio, um dos muitos inimigos derrotados por Indra.
[10] A própria cabeça do Dāsa.
[11] Dito por Sāyaṇa ser um Asura, ou demônio dessa natureza. A palavra é aplicada frequentemente aos inimigos dos árias, aos demônios malignos do ar bem como aos habitantes bárbaros e hostis da terra, e nem sempre está claro se inimigos humanos ou sobre-humanos são aludidos.
[12] As palavras assim traduzidas são explicadas de modo variado. É incerto se os habitantes primitivos da região são citados, ou os demônios do ar que moram nas nuvens escuras.
[13] Os Asuras ou demônios, segundo Sāyaṇa.

Hino 21. Indra (Wilson)

(Sūkta X)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica é Jagatī, exceto na última estrofe, na qual ela é Triṣṭubh.

Varga 27. **1**. Tragam o Soma desejado para o adorável Indra, o senhor de tudo, o senhor da riqueza, o senhor do céu, o senhor perpétuo, o senhor do homem, o senhor da terra, o senhor dos cavalos, o senhor do gado, o senhor da água.[1]

2. Ofereçam adoração a Indra, o vencedor, o destruidor, o magnânimo, o invencível, o que suporta tudo, o criador, o todo-adorável, o sustentador, o inatacável, o sempre vitorioso.

3. Eu proclamo as poderosas façanhas daquele Indra, que é sempre vitorioso; o benfeitor do homem, o destruidor do homem (forte), o subjugador (de inimigos), o guerreiro; que está satisfeito com nossas libações, o concessor de desejos, o subjugador de inimigos, o refúgio do povo.

4. Inigualável em generosidade, o derramador (de benefícios), o matador dos malévolos, profundo, poderoso, (dotado de) sagacidade impenetrável, o distribuidor de prosperidade, o enfraquecedor (de inimigos), firme (de corpo), vasto (em volume), o realizador de atos piedosos, Indra deu nascimento à luz da manhã.[2]

5. Os sábios Uśijas, celebrando os louvores dele, obtiveram por seu sacrifício, daquele que envia água, (conhecimento) do caminho (do seu gado); procurando a ajuda de Indra, e celebrando seus louvores, eles adquiriram, enquanto proferindo hinos e oferecendo adoração, tesouros (valiosos).

6. Indra, concede-nos os tesouros mais excelentes, (dá-nos) a reputação de competência (para celebrar ritos sagrados); dá-nos prosperidade, aumento de riqueza, segurança pessoal, delicadeza de fala, e auspiciosidade de dias.

Índice ◄►Hino 22 (Wilson)

---

[1] Esses são todos os compostos com *jit*, literalmente, conquistador, como, *viśvajite, dhanajite, svarjite*, etc.; mas o sentido, como Sāyaṇa sugere, é melhor expresso por *Adhipati*, senhor de ou sobre.

[2] *Uṣasaḥ svar janat;* ou *svar* pode significar, o Sol; Indra, ou o céu, torna manifesto o sol da manhã.

Hino 21. Indra (Griffith)

1. Para ele, o Senhor[3] de tudo, o Senhor da riqueza, da luz; ele que é o Senhor para sempre, Senhor dos homens e da lavoura, ele que é o Senhor dos cavalos, Senhor das vacas, das inundações, para Indra, para o Santo tragam o doce suco Soma.
2. Para ele, o Potente, que conquista e derruba, o Vencedor nunca derrotado que ordena tudo, o de voz poderosa,[4] o viajante,[5] inatacável, para Indra que sempre conquista declarem sua prece reverente.
3. Continuamente Vitorioso, amado pelos mortais, soberano sobre os homens, destruidor, guerreiro, ele tem se desenvolvido como ele gostaria; o que reúne tropas, triunfante, honrado em meio ao povo. Os feitos heróicos de Indra eu contarei para todos.
4. O forte que nunca se rende, que matou o demônio furioso,[6] o profundo, o vasto, de sabedoria inalcançável; que ajuda os bons, o derrubador, o firme, o vasto, – Indra cujos ritos trazem alegria fez a luz da Aurora.
5. Por meio de sacrifício os sábios anelantes enviando suas canções encontraram auxílio dele que acelera a torrente. Em Indra buscando auxílio com culto e com hino, eles o atraíram para si mesmos e ganharam vacas e riqueza.
6. Indra, dá-nos o melhor dos tesouros, o espírito de habilidade[7] e fortuna; aumento de riqueza, a segurança dos nossos corpos, o atrativo de fala amável, e dias de clima agradável.

Índice ◄►Hino 22 (Griffith)

---

[3] Literalmente, conquistador de tudo, de riqueza, etc.
[4] Sāyaṇa dá duas explicações: 'tendo uma garganta plena', ou 'louvado por muitos'.
[5] Conduzido através do céu.
[6] Vṛtra.
[7] Para realizar cerimônias sagradas, de acordo com Sāyaṇa.

Hino 22. Indra (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica da primeira estrofe é Aṣṭi; do resto, Atiśakvarī.

Varga 28. **1**. O adorável e poderoso (Indra), compartilhando do Soma, misturado com cevada, derramado nos ritos Trikadruka, bebeu com Viṣṇu tanto quanto ele desejava; a dose estimulou o grande e poderoso Indra a realizar grandes feitos; que aquele (Soma) divino permeie o divino (Indra), o verdadeiro Soma (permeie) o verdadeiro Indra.[1]

2. Então, resplandecente, ele superou Krivi[2] em conflito por sua coragem; ele encheu o céu e a terra (com seu brilho), e tem sido revigorado pela eficácia do gole; uma parte ele tomou para si mesmo;[3] a outra ele distribuiu (para os deuses); que aquele (Soma) divino permeie o divino (Indra), o verdadeiro Soma, o verdadeiro (Indra).[4]

3. Cognato com obras (piedosas) e com poder, tu desejas sustentar (o universo); poderoso com (energias) heroicas, tu és o subjugador dos malévolos; (tu) és aquele que distingue (entre o fazedor do bem e do mal); o doador da riqueza substancial que ele deseja para aquele que te louva; que o (Soma) divino permeie o divino (Indra), o verdadeiro Soma, o verdadeiro Indra.[5]

4. Indra, o alegrador (de todos),[6] o primeiro ato realizado por ti no tempo antigo foi para o bem do homem, e merecedor de renome no céu, quando, detendo pela força a respiração do (inimigo)[7] dos deuses, tu enviaste para baixo a chuva; que Indra prevaleça por sua bravura sobre tudo o que é ímpio; que Śatakratu obtenha vigor, que ele obtenha alimento sacrifical.

Índice ◄►Hino 23 (Wilson)

---

[1] Todos os versos desse hino ocorrem no *Sāma-Veda*, embora dispersos; esse corresponde ao I. 457, e II. 836, do Índice do Sr. Whitney. O professor Benfey traduz o primeiro epíteto de Indra, *Mahiṣa*, que Sāyaṇa interpreta por *Mahān*, grande, ou *pūjya*, adorável, pelo seu sentido mais comum de Búfalo; o refrão de cada verso é, *sa-enaṃ saścad devo devaṃ satyam Indraṃ satya Induḥ,* Sāyaṇa atribui *sa* a *Indu*, ou o Soma, do qual *deva*, bem como *satya*, é um epíteto, e coloca o verbo *saścad*, o qual ele interpreta por *vyāpti karma*, permeando, no imperativo, *vyāpnotu;* o texto segue a interpretação dele.

[2] *Krivim nāmāsuram*, um Asura assim chamado.

[3] *Adhattānyaṃ jaṭhare, prem aricyata;* literalmente, ele tomou o outro na barriga, ele deixou a mais *aquele;* ou seja, de acordo com o comentador, baseando a sua interpretação no *Taittirīya*, Indra, tendo dividido o Soma em duas partes, tomou uma para si mesmo, e deu a outra para os deuses, como é dito por outro texto, uma metade para Indra, uma metade para os outros deuses.

[4] *Sāma-Veda*, II, 838.

[5] *Sāma-Veda*, II, 837.

[6] *Nṛto*, literalmente, dançarino; o epíteto ocorre em outros lugares, como aquele que dança ou exulta em batalha; aqui o comentador o explica por *narttayitṛ*, aquele que faz dançar ou se alegrar.

[7] O texto tem apenas *devasya*, do divino, ou da divindade; o que o comentador explica, *asurasya; asuṃ riṇan* ele interpreta *prānam hinsan*, ferindo ou tirando o alento ou a vida, em consequência do que Indra faz descer a água ou chuva, *prāriṇā apaḥ;* a estrofe ocorre no *Sāma-Veda*, I. 466, onde essa passagem e a conclusiva é traduzida um pouco diferentemente.

Hino 22. Indra (Griffith)

1. Nos Trikadrukas[8] o Grandioso e Forte bebeu bebida misturada com farinha. Com Viṣṇu ele sorveu o suco Soma derramado, tudo o que ele desejava. Que assim fortificou a ele, o Grandioso, o Amplo, para fazer seu trabalho poderoso. Desse modo que o Deus chegue ao Deus, o verdadeiro Indu[9] a Indra que é verdadeiro.
2. Assim, ele resplandecente na batalha superou Krivi[10] por poder. Ele com sua majestade encheu a terra e o céu, e tornou-se forte. Uma parte da libação ele engoliu; uma parte ele deixou. Então que o Deus atenda ao Deus, o verdadeiro Indu a Indra que é verdadeiro.
3. Gerado juntamente com sabedoria e grande poder tu te tornaste grande; com atos heroicos subjugando os malévolos, o mais rápido em ação; dando prosperidade, e riqueza encantadora para aquele que te louva. Então que o Deus atenda ao Deus, o verdadeiro Indu a Indra que é verdadeiro.
4. Este, Indra, foi o teu feito heroico, Dançarino,[11] o teu primeiro e antigo trabalho, digno de ser contado no céu, quando tu mandaste para baixo vida com o próprio poder de um Deus, libertando as torrentes. Tudo o que é ímpio que ele possa conquistar com seu poder, e, Senhor dos Cem Poderes, fornece para nós força e alimento.

Índice ◄►Hino 23 (Griffith)

---

[8] Os primeiros três dias da cerimônia Abhiplava.
[9] Uma gota, especialmente de suco Soma; outro nome do Soma deificado.
[10] Um demônio. Veja 2.17.6.
[11] Ativo em batalha, dançarino da dança da guerra.

Hino 23. Brahmaṇaspati (Wilson)

(Anuvāka 3. Sūkta I)

O hino é dirigido a Brahmaṇaspati, ou a Bṛhaspati quando o último é citado; o Ṛṣi é Gṛtsamada; a métrica das primeiras quinze estrofes e da décima nona é Triṣṭubh; das outras três, Jagatī.[1]

Varga 29. **1**. Nós te invocamos, Brahmaṇaspati,[2] principal líder dos grupos (celestes); um sábio dos sábios; abundante além da medida em (todo tipo de) alimento; o melhor senhor da prece; ouvindo as nossas invocações, vem com tuas proteções, e senta-te na câmara de sacrifício.

2. Bṛhaspati,[3] destruidor dos Asuras, através de ti os deuses inteligentes obtiveram a parte sacrifical; do mesmo modo que o sol adorável gera os raios (solares) por seu esplendor, assim tu és o gerador de todas as orações.

3. Tendo repelido os maldizentes, e (dissipado) a escuridão, tu te encontras, Bṛhaspati, na radiante carruagem do sacrifício, (que é) temível (para inimigos), a que humilha inimigos, a destruidora de maus espíritos, a rachadora das nuvens, a que alcança o céu.

4. Tu guias os homens, Bṛhaspati, por meio de instruções virtuosas; tu os proteges (da calamidade); o pecado nunca surpreenderá aquele que apresenta (oferendas) para ti; tu és o que aflige aquele que odeia preces (sagradas);[4] tu és o punidor da ira; esse é teu grande poder.

5. O homem a quem tu, Brahmaṇaspati, um protetor bondoso, defendes, nem tristeza nem pecado, nem adversários, nem hipócritas jamais prejudicam, pois tu afastas dele todas as (coisas) prejudiciais.

Varga 30. **6**. Tu, Bṛhaspati, és o nosso protetor, e o guia do (nosso) caminho; (tu és) o que discerne (todas as coisas); nós cultuamos com louvores para a tua adoração; que a própria malícia precipitada daquele que pratica fraude contra nós o envolva (em destruição).

7. Desvia para longe (do verdadeiro) caminho, Bṛhaspati, o homem arrogante e selvagem que avança para nos ferir, embora inocentes, e nos mantém no caminho correto para (a conclusão) dessa oferenda aos deuses.

8. Bṛhaspati, o defensor (contra a calamidade), nós invocamos a ti, o protetor dos nossos corpos, o que fala palavras encorajadoras, e bem disposto em relação a nós; destrói os insultadores dos deuses; não deixes que os malevolentes alcancem a felicidade suprema.

9. Através de ti, Brahmaṇaspati, (nosso) benfeitor, que nós obtenhamos riqueza desejável dos homens; destrói os (nossos) inimigos injustos, de perto ou de longe, que prevalecem contra nós.

---

[1] [A métrica é Jagatī; 15 e 19: Triṣṭubh. – Griffith e Gary Holland.]

[2] Brahmaṇaspati é explicado por Sāyaṇa como o protetor ou nutridor de alimentos, ou de grandes ou solenes atos de devoção; ele tem outros atributos no texto, como chefe dos *gaṇas*, o que geralmente denota as classes de divindades inferiores, como o comentador entende aqui; e, também, o melhor senhor dos mantras, ou preces.

[3] Não há distinção marcada entre Bṛhaspati e Brahmaṇaspati em nenhuma das estrofes seguintes; o primeiro é, talvez, algo de caráter mais marcial, e sua proteção é procurada contra inimigos e maus espíritos de uma forma mais especial, mas não há nada muito preciso nas passagens dirigidas a ele para lhe atribuir qualquer ofício ou caráter particular; Mahīdhara explica o termo como nutridor ou protetor dos Vedas - *bṛhatām vedānām pālakah*; mas, no próximo Sūkta, Sāyaṇa interpreta *bṛhat* por *mantra*.

[4] *Brahmadviṣaḥ*, o que pode significar, de acordo com o comentador, aqueles que odeiam ou os brâmanes, ou os mantras, ou orações.

10. Através de ti, Bṛhaspati, (que és) o realizador dos nossos desejos; puro e associado (conosco), nós possuímos alimentos excelentes; não deixes o homem perverso que quer nos enganar ser nosso mestre; mas que nós, nos sobressaindo em louvores (piedosos), obtenhamos prosperidade.

Varga 31. **11**. Tu, Brahmaṇaspati, que não tens retribuidor (da tua generosidade), que és o derramador (de benefícios), o que se dirige para o combate, o destruidor de inimigos, o vencedor em batalhas, és verdadeiro, o que paga dívidas, o que humilha os ferozes e exultantes.

12. Não deixes, Bṛhaspati, chegar até nós a (arma) mortífera daquele homem que, de mente injusta, procura nos prejudicar; que, feroz e arrogante, planeja matar (teus) adoradores; que nós frustremos a ira do forte malfeitor.

13. Bṛhaspati deve ser invocado em batalhas, ele deve ser abordado com reverência; ele que se move em meio a combates, o distribuidor de repetida riqueza; o senhor Bṛhaspati de fato derrubou todas (as tropas) malignas atacantes, como carros (derrubados em batalha).

14. Consome com a tua (arma) mais brilhante os Rākṣasas, que têm desdenhado a tua coragem testemunhada; manifesta, Bṛhaspati, a tua (força) glorificada, tal como ela era (antigamente), e destrói aqueles que falam contra ti.

15. Bṛhaspati, nascido da verdade, dá-nos aquele tesouro esplêndido, com o qual o homem piedoso pode adorar extraordinariamente; aquela (riqueza) que brilha entre os homens, que é dotada de esplendor, (é) o meio de (realização de) ritos (sagrados), e revigora (seu possuidor) com força.[5]

Varga 32. **16**. Não nos entrega aos ladrões, os inimigos que se deleitam na violência, que sempre se apoderam do alimento (dos outros); aqueles que apreciam em seus corações o abandono (dos deuses); (eles), Bṛhaspati, que não conhecem a extensão do (teu) poder (contra maus espíritos).[6]

17. Tvaṣṭṛ gerou a ti (o principal), entre todos os seres, (por isso) tu és o recitador de muitos hinos sagrados;[7] Brahmaṇaspati reconhece uma dívida com o realizador de um rito sagrado;[8] ele é o pagador (da dívida),[9] e o destruidor do opressor.

18. Quando, Bṛhaspati, descendente de Aṅgiras, por tua glória, Parvata havia escondido o rebanho de vacas, tu as libertaste, e com o teu associado, Indra, mandaste para baixo o oceano de água que tinha sido envolvido pela escuridão.

19. Brahmaṇaspati, que és o regulador desse (mundo), entende (o significado) do (nosso) hino, e dá-nos posteridade; pois é próspero tudo o que os deuses protegem; (e, portanto) que nós, abençoados com descendentes excelentes, te glorifiquemos nesse sacrifício.[10]

---

[5] Há diferentes interpretações dessa estrofe, e Sāyaṇa prefere o sentido que é dado à frase, *draviṇaṃ citram*, literalmente, riqueza variada, ou esplêndida, no *Brāhmaṇa*, que considera que ela significa *brāhma-varcas* ou *tejās*, a virtude ou energia bramânicas; o verso ocorre no *Yajush*, xxvi. 3, onde o comentador explica *draviṇaṃ* em sua acepção literal de *dhanam*, riqueza.

[6] *Na paraḥ sāmno viduḥ* é uma frase bastante duvidosa; Sāyaṇa a explica como, aqueles homens que não conhecem nada maior do que a faculdade de destruir Rākṣasas, derivada de ti composto daquela faculdade; a explicação dele não é muito inteligível; *Sāma vai rakṣohā, Sāma* é o matador de Rākṣasas.

[7] *Sāmnaḥ sāmnaḥ kaviḥ* é, de acordo com Sāyaṇa, o declamador ou autor de cada *Sāma;* ou ele atribui *kavi* a Tvaṣṭṛ, e então explica, o sábio que criou Brahmaṇaspati pela eficácia do *Sāma.*

[8] Ele toma a intenção do louvador como se fosse uma dívida, ou obrigação.

[9] *Ṛṇayā* é de significado duvidoso; Sāyaṇa o explica como, o pagador ou removedor da dívida que é da natureza do pecado.

[10] Esse verso ocorre no *Yajush*, xxxiv. 58; Mahīdhara o explica do mesmo modo, exceto no que se refere à palavra *vadema*, no final, traduzida no texto: que nós declaremos ou glorifiquemos a ti; ele a explicaria literalmente: vamos falar, isto é, vamos recitar; que o que nós pedimos seja dado a nós; que seja desfrutado por nós.

Índice ◄►Hino 24 (Wilson)

Hino 23. Brahmaṇaspati (Griffith)

1. Nós te chamamos, Senhor, e Líder dos exércitos celestiais, o sábio entre os sábios, o mais famoso de todos, o Rei supremo das preces, ó Brahmaṇaspati:[11] ouve-nos com auxílio; senta-te no lugar de sacrifício.
2. Bṛhaspati, Deus imortal! realmente os Deuses ganharam de ti, o sábio, uma parte nos ritos sagrados. Como com grande luz o Sol produz os raios da manhã, assim apenas tu és o Pai de toda prece sagrada.
3. Quando tu afugentaste os maldizentes[12] e a escuridão, tu sobes no carro refulgente do sacrifício; o carro terrível, Bṛhaspati, que subjuga o inimigo, mata demônios, racha o estábulo das vacas[13] e encontra a luz.
4. Tu guias os homens com boa orientação e os preservas; a angústia não surpreende aquele que oferece presentes a ti. Aquele que odeia prece tu punes, Bṛhaspati, suprimindo sua ira; nisso está o teu grande poder.
5. Nenhuma tristeza, nenhum infortúnio de qualquer lado, nenhum inimigo, nenhuma criatura de língua dupla tem dominado o homem, – tu afastas todos os demônios sedutores para longe daquele a quem, guarda cuidadoso, tu proteges, Brahmaṇaspati.
6. Tu és nosso guardião, sábio, preparador dos nossos caminhos; nós, para o teu serviço, cantamos a ti com hinos de louvor. Bṛhaspati, quem quer que arme uma cilada para nós, que seu mau destino o impila à ruína, destrua.
7. Aquele, também, que nos ameaça, sem ofensa nossa, o homem malvado, arrogante, ávido, – desvia-o para longe do nosso caminho, Bṛhaspati; dá-nos acesso justo a esse banquete dos Deuses.[14]
8. A ti como protetor dos nossos corpos nós invocamos, a ti, salvador, como o confortador que nos ama. Derruba, ó Bṛhaspati, os maldizentes dos Deuses, e não deixes os injustos chegarem à maior bem-aventurança.
9. Através de ti, bondoso favorecedor, ó Brahmaṇaspati, que nós obtenhamos a riqueza dos homens a qual todos desejam; e todos os nossos inimigos, que próximos ou distantes prevalecem contra nós, esmaga, e deixa-os desamparados.
10. Contigo como nosso próprio aliado rico e generoso que nós possamos, Bṛhaspati, ganhar maior poder de vida. Não deixes o homem perverso traiçoeiro ser soberano sobre nós; – contudo que nós prosperemos, cantando agradáveis hinos de louvor.
11. Forte, nunca submisso, apressando-te em direção ao grito de guerra, destruidor do inimigo, vitorioso na luta, tu és o verdadeiro vingador do pecado, Brahmaṇaspati, que subjugas até o feroz, o agitado desenfreadamente.
12. Quem quer que com mente impiedosa procure nos fazer mal, que, considerando-se um homem de força entre os senhores, mataria, – não deixes seu golpe mortal nos alcançar, Bṛhaspati; que nós humilhemos a ira do forte malfeitor.

---

[11] Alternando com Bṛhaspati, o Deus em quem a ação do adorador sobre os Deuses é personificada. Veja 1.14.3 [nota 8]. Um Deus comparativamente recente, como o representante da hierarquia, ele está invadindo a jurisdição de Indra o Deus Guerreiro dos kṣatriyas, reivindicando as realizações dele como suas próprias e assumindo os atributos dele.
[12] Demônios blasfemos da escuridão.
[13] Abre a prisão onde as vacas ou raios de luz tinham sido trancados.
[14] Sacrifício em geral, e especialmente o sacrifício que está sendo realizado.

13. O movedor em meio aos despojos, o ganhador de toda riqueza, para ser invocado em luta, e adorado reverentemente, Bṛhaspati tem derrubado como carros de guerra todos os inimigos cruéis que de bom grado nos prejudicariam.
14. Queima os demônios com teu tição de chama mais feroz, aqueles que têm te desprezado em teu poder manifesto. Manifesta aquele poder que merecerá o hino de louvor; destrói os que falam mal, ó Bṛhaspati.
15. Bṛhaspati, aquele que o inimigo não merece, que brilha entre o povo eficaz, esplêndido, aquele, Filho da Lei![15] que é de força refulgente – aquele tesouro extraordinário concede a nós.
16. Não nos entregues àqueles que, inimigos em emboscada, estão ávidos pela riqueza daquele que está sentado à vontade, que nutrem em seu coração o abandono dos Deuses. Bṛhaspati, nenhum outro descanso eles obterão.[16]
17. Pois Tvaṣṭar, aquele que conhece cada canção sagrada, te trouxe à vida, preeminente sobre todas as coisas que existem. O que castiga os crimes, o vingador dos crimes é Bṛhaspati, que mata o saqueador e defende a Lei poderosa.
18. A montanha, por tua glória, partiu-se em pedaços quando, Aṅgiras![17] tu abriste o estábulo das vacas. Tu, ó Bṛhaspati, com Indra como aliado lançaste para baixo as torrentes de água que a escuridão tinha cercado.[18]
19. Ó Brahmaṇaspati, sê controlador desse nosso hino e torna prósperos os nossos filhos. Tudo o que os deuses consideram com amor é abençoado. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.

Índice ◄►Hino 24 (Griffith)

---

[15] Que tens tua existência de acordo com *ṛtā*, verdade ou Lei e Ordem eternas.
[16] Essa estrofe é difícil, e a tradução é conjetural. Wilson observa que a explicação de Sāyaṇa não é muito inteligível. [Veja a nota 6.]
[17] Bṛhaspati é aqui chamado pelo nome do antigo patriarca como Agni é em 1.1.6. De acordo com o *Bhāgavata Purāṇa* Bṛhaspati é o filho de Aṅgiras.
[18] A façanha usualmente atribuída a Indra é aqui atribuída a Bṛhaspati como o Senhor da prece eficaz. Veja 1.14.3 e 1.62.3.

Hino 24. Brahmaṇaspati (Wilson)

(Adhyāya 7. Continuação do Anuvāka 3. Sūkta II)

Brahmaṇaspati e Bṛhaspati são novamente os deuses; o primeiro associado com Indra na décima segunda estrofe; o Ṛṣi como antes; a métrica da décima segunda e décima sexta estrofes é Triṣṭubh; do resto, Jagatī.

Varga 1. **1**. Visto, Bṛhaspati, que tu governas (sobre todos), aceita esta nossa propiciação; nós te adoramos com este hino novo e solene; já que este, teu amigo, nosso benfeitor, te celebra, realiza tu os nossos desejos.
2. (Tu és) aquele Brahmaṇaspati que, por seu poder, humilhou aqueles que mereciam humilhação; que em sua ira rachou as nuvens em pedaços; que mandou para baixo as (águas) que não desciam; e abriu caminho para a (caverna) da montanha, opulenta (em gado).
3. Aquela foi a façanha, (realizada) pelo mais divino dos deuses, pela qual os (portões) firmemente (fechados) foram escancarados, as fortes (barreiras) foram afrouxadas, (por ele) que pôs as vacas em liberdade; que, pela (força da) prece sagrada, destruiu Bala; que dissipou a escuridão e revelou a luz.
4. Aquela (nuvem) como pedra, sólida, pendente para baixo, carregada de água, que Brahmaṇaspati dividiu com sua força, os raios solares universais beberam; mas eles juntos novamente derramaram a (chuva) que rega e distribui água.
5. Para vocês, (adoradores), as (dádivas) constantes e múltiplas (de Brahmaṇaspati), por meses e por anos, abriram as portas das chuvas futuras,[1] e ele tem ordenado aqueles resultados da prece, que as duas regiões fornecem mutuamente e sem esforço.[2]
Varga 2. **6**. Aqueles sábios,[3] que, procurando por todos os lados, descobriram o tesouro precioso (de gado) escondido na caverna dos Paṇis, tendo visto através das falsas (ilusões do Asura), e indo novamente (para lá), forçaram uma entrada.
7. Aqueles sábios, eminentes por veracidade, tendo visto através das falsas (ilusões do Asura), seguiram mais uma vez pela estrada principal para lá, e com suas mãos lançaram contra a rocha o fogo destrutivo, o qual, até então, não estava lá.[4]
8. O que quer que Brahmaṇaspati vise com o arco rápido encordoado com verdade, aquele (alvo), ele certamente atinge; sagradas são suas setas com as quais ele atira, (destinadas a) os olhos dos homens, e tendo sua residência no ouvido.[5]
9. Ele, Brahmaṇaspati, é o agregador e subjugador (de objetos), o sacerdote familiar (dos deuses); e o renomado em batalha; o observador (de todos), que concede alimentos e tesouros desejados, por isso o sol brilha radiante, sem esforço.

---

[1] *Bhuvanā bhavītvā* são traduzidas pelo comentário, *udakānām bāvyānām*.
[2] *Vayunā cakāra; jnānāni-mantraviṣayāni*, ele fez o conhecimento, o objeto da oração; que o *ayatamānau-aprayatnau*, ou os dois, dito pelo comentador significar o céu e a terra, que não têm esforço, passam um para o outro; a fraseologia é bastante obscura, mas o significado é que, em virtude de oração e de sacrifício, a chuva é gerada no céu, a qual descendo sobre a terra causa a fertilidade, de onde o alimento para os homens ou para o sacrifício é fornecido; o qual, sendo oferecido, é novamente produtivo de chuva, e assim, como o resultado da oração, uma mútua e espontânea troca de benefícios entre o céu e a terra é perpetuada.
[3] Os Aṅgirasas, de acordo com o comentador; tudo isso é, sem dúvida, alegórico; as vacas escondidas nas cavernas são as chuvas acumuladas nas nuvens, que são libertadas pelas oblações com fogo, das quais os Aṅgirasas foram, sem dúvida, os autores; pelo menos até certo ponto.
[4] A expressão é um tanto obscura*, nakiḥ ṣo asty*, que não é; isto é, de acordo com Sāyaṇa, *so agnih pūrvam tatra nakir asti, na vidyate,* que o fogo anteriormente não está lá, não é conhecido; mas eles, por seu próprio poder, tendo produzido o fogo que não era conhecido, ou não era existente, o jogaram lá; uma provável alusão à disseminação do culto ao fogo pelos Aṅgirasas.
[5] As flechas são oblações e mantras; as primeiras óbvias para a visão, os segundos dirigidos aos ouvidos dos homens.

10. Riquezas extensas, vastas e excelentes, são as (bênçãos) obteníveis de Bṛhaspati, o que manda chuva; essas são as dádivas do adorável dador de alimentos, pelos quais ambos (os tipos de adoradores)[6] entrando aqui desfrutam (de fartura).

Varga 3. **11**. Ele, que é onipresente e encantador, está disposto a sustentar por sua força o nobre (adorador), bem como aquele que está em profunda miséria; aquele Brahmaṇaspati é muito famoso entre os deuses e, portanto, ele é de fato supremo acima de todos (os seres).

12. Toda verdade, senhores da riqueza, (Indra e Brahmaṇaspati), é (inerente) em ambos; as águas não prejudicam seus ritos;[7] venham à nossa presença (para receber) as nossas oblações, como um par de cavalos (para receber) sua forragem.

13. Os cavalos muito rápidos (de Brahmaṇaspati) ouvem (a nossa invocação); o sacerdote da assembleia oferece com louvor a riqueza (sacrifical); que Brahmaṇaspati, o que odeia o opressor, aceite (o pagamento) da dívida, de acordo com sua vontade; que ele seja o aceitante do alimento (sacrifical) apresentado nessa cerimônia.

14. O propósito de Brahmaṇaspati, engajando-se em uma grande obra, tem sido bem sucedido, conforme o seu desejo; pois foi ele quem recuperou o gado (roubado) para (os habitantes do) céu; e os distribuiu; de modo que por sua própria força eles tomaram diferentes direções, como (os braços de) um rio caudaloso.

15. Que nós, Brahmaṇaspati, possuamos diariamente riqueza bem regulada e fornecedora de alimentos; adiciona tu para nós posteridade à posteridade, já que tu, que és o governante (de todos), aceitas a minha invocação com alimento (sacrifical oferecido).

16. Brahmaṇaspati, que és o regulador desse (mundo), compreende (o significado do) nosso hino, e concede-nos posteridade; pois é próspero tudo o que os deuses protegem; (e, portanto) que nós, abençoados com descendentes excelentes, te glorifiquemos nesse sacrifício.

Índice ◄►Hino 25 (Wilson)

Hino 24. Brahmaṇaspati (Griffith)

1. Fica satisfeito com esta nossa oferenda, tu que és o Senhor; nós te adoraremos com esta canção nova e poderosa. Como este teu amigo, nosso benfeitor generoso,[8] te louva, Bṛhaspati, realiza o desejo dos nossos corações.

2. Aquele que com poder prostrou as coisas que deveriam ser prostradas, e em sua fúria despedaçou as fortalezas de Śambara;[9] que derrubou o que não tremia, Brahmaṇaspati, – ele abriu seu caminho dentro da montanha abastecida com riqueza.[10]

3. Esse foi um grande feito para o mais Divino dos Deuses; coisas fortes foram soltas e as firmemente fixadas cederam. Ele conduziu as vacas adiante e partiu Vala através da prece, dissipou as trevas e revelou a luz do céu.

---

[6] Os dois tipos de pessoas são ou o Yajamāna, ou anfitrião, e os sacerdotes oficiantes; ou eles podem ser deuses e homens.

[7] O comentador diz que *āpaḥ* é aqui usado, por metonímia, em lugar de todos os seres.

[8] O instituidor do sacrifício, o adorador fiel do Deus e o recompensador dos sacerdotes.

[9] As grandes nuvens negras antes de elas derramarem sua chuva.

[10] A nuvem cheia de chuva preciosa.

4. O poço com boca de pedra que despejou uma torrente de hidromel, que Brahmaṇaspati abriu com seu poder – todos aqueles que veem a luz beberam lá até se fartar; juntos eles fizeram a fonte aquosa fluir adiante.
5. Antigas serão aquelas criaturas, quaisquer que elas sejam; com luas, com outonos, as portas se abrem para vocês. Sem esforço elas seguem seu caminho para aperfeiçoar isso e aquilo, obras designadas que Brahmaṇaspati ordenou.[11]
6. Eles que com muito esforço buscando em volta obtiveram o tesouro mais nobre dos Paṇis[12] escondido na caverna, – aqueles sábios,[13] tendo notado as falsidades,[14] regressaram de onde eles tinham vindo, e procuraram entrar novamente.
7. Os piedosos voltaram quando eles viram as falsidades, os sábios ficaram novamente nos caminhos elevados. Lançado com ambos os braços deles sobre a rocha, eles deixaram o fogo aceso,[15] e disseram: Ele não é inimigo.[16]
8. Com seu arco rápido, encordoado com verdade, Brahmaṇaspati atinge qualquer que seja o alvo que ele deseja. Excelentes são as flechas com as quais ele atira, de olhos sagazes para olhar para os homens e brotando do seu ouvido.[17]
9. Ele reúne e ele separa,[18] o grande Sumo Sacerdote; exaltado ele é, em batalha, Brahmaṇaspati. Quando, benevolente, para o hino ele traz alimento e riqueza, o Sol brilhando imperturbado envia calor fervente.
10. Principais e preeminentes, que superam todos também são os presentes bondosos do generoso Bṛhaspati. Essas são as bênçãos dele, o Forte, que deve ser amado, pelas quais ambas as classes[19] e as pessoas têm prazer.
11. Tu, que, supremo em poder terreno em todos os aspectos, regozijante, por tua força imensa tens te tornado grande, – ele é o Deus estendido em amplitude contra os deuses;[20] ele, Brahmaṇaspati, abarca isso Tudo.
12. De vocês, dois Maghavans, toda verdade procede; nem as águas[21] violam sua ordem. Venham a nós, Brahmaṇaspati e Indra, para a nossa oblação como cavalos atrelados para a forragem.
13. As chamas sacrificais ouvem o chamado mais rapidamente; o sacerdote da assembleia ganha riqueza por hinos. Odiando o ríspido, perdoando à sua vontade a dívida, forte no choque da luta é Brahmaṇaspati.
14. A ira de Brahmaṇaspati segundo a sua vontade tinha pleno efeito quando ele ia fazer uma grande façanha. As vacas ele impeliu adiante e distribuiu para o céu, como uma inundação copiosa com força flui por diversos caminhos.
15. Ó Brahmaṇaspati, que nós sejamos sempre donos de riqueza bem guiada, cheia de força vital. Heróis mais heróis envia abundantemente para nós, quando tu onipotente através da prece procuras o meu chamado.

---

[11] Essa estrofe é difícil. Ludwig considera *tā bhuvanā*, 'aquelas criaturas', cuja natureza é conhecida imperfeitamente, como o sol e a lua, os pais dos meses e anos, que sem qualquer esforço de sua parte fazem acontecer tudo o que Brahmaṇaspati decreta.
[12] Os Paṇis são os demônios-ladrões que levam e escondem as vacas ou raios de luz.
[13] Os Aṅgirases, a quem é dito que as vacas roubadas pertenciam.
[14] Ou seja, tendo visto através das artimanhas dos demônios que buscavam enganá-los.
[15] As vacas, ou águas e a luz que segue a efusão delas, foram libertadas por oblações de fogo das quais os Aṅgirases são considerados os primeiros instituidores.
[16] Isto é, o maior amigo do homem. A estrofe é obscura, e a explicação de Sāyaṇa é insatisfatória.
[17] A corda do arco sendo puxada até o ouvido direito. A palavra pode, talvez, significar também, 'encontrando seu lar em, isto é, chegando aos ouvidos' dos homens, e pode ser traduzida, 'niveladas para o ouvido'.
[18] Reúne amigos em culto, e dispersa inimigos em batalha.
[19] De acordo com Sāyaṇa, os instituidores do sacrifício e os sacerdotes, ou Deuses e homens.
[20] Em sua grandeza o representante de todos os Deuses.
[21] Toda a natureza, até mesmo as correntes de água fortes e rápidas.

16. Ó Brahmaṇaspati, sê controlador desse nosso hino, e torna prósperos os nossos filhos. Tudo o que os deuses consideram com amor é abençoado. Que nós possamos falar alto, com heróis, na assembleia.

Índice ◄►Hino 25 (Griffith)

Hino 25. Brahmaṇaspati (Wilson)

(Sūkta III)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica é Jagatī.

Varga 4. **1**. Acendendo o fogo, que (o adorador) domine os malévolos (perturbadores do rito); que ele, repetindo preces, e carregado com oblações, prospere; aquele a quem Brahmaṇaspati faz seu associado vive para ver o filho de seu filho.
2. (Cercado) por seus descendentes, que ele supere os descendentes malévolos (de seus adversários), pois ele é famoso pela grande abundância de gado, e compreende (todas as coisas) por si mesmo; seus filhos e netos prosperam daquele a quem Brahmaṇaspati faz seu associado.
3. Como um rio (arrasta) suas margens, assim o adorador devoto, (de Brahmaṇaspati), domina seus inimigos por sua força, como um touro (vence) um boi; como a chama de fogo se espalhando, é impossível parar a ele, a quem Brahmaṇaspati faz seu associado.
4. Para ele, as chuvas desimpedidas descem do céu; o primeiro entre os devotos, ele adquire (riqueza) em gado; de vigor irresistível; ele destrói seus inimigos por sua força, a quem Brahmaṇaspati faz seu associado.
5. Realmente, para ele todos os rios fluem; prazerem ininterruptos e numerosos o esperam; abençoado com a felicidade dos deuses, ele sempre prospera, a quem Brahmaṇaspati faz seu associado.

Índice ◄►Hino 26 (Wilson)

Hino 25. Brahmaṇaspati (Griffith)

1. Ele acendendo a chama conquistará os inimigos; forte será aquele que oferece oração e traz seu presente. Ele com sua semente se espalha além da semente de outro, a quem Brahmaṇaspati aceita como seu amigo.
2. Com heróis ele derrotará seus inimigos heróis, e expandirá sua riqueza com vacas, sábio por si mesmo ele é. Seus filhos e os filhos de seus filhos crescem em força, a quem Brahmaṇaspati aceita como seu amigo.
3. Ele, poderoso como a corrente revolta de um rio furioso, como um touro vence bois, domina com força. Como o avanço ardente de Agni ele não pode ser contido, a quem Brahmaṇaspati aceita como seu amigo.
4. Para ele as correntes do céu fluem nunca falhando; o primeiro com os heróis ele parte para a guerra por vacas. Ele mata em vigor inabalável com grande poder, a quem Brahmaṇaspati aceita como seu amigo.

5. Todos os rios ribombantes despejam suas águas para ele, e muitos refúgios perfeitos têm sido concedidos a ele. Abençoado com a felicidade dos Deuses ele prospera bem, a quem Brahmaṇaspati aceita como seu amigo.

Índice ◄►Hino 26 (Griffith)

Hino 26. Brahmaṇaspati (Wilson)

(Sūkta IV)

Deus, Ṛṣi, e métrica, como antes.

Varga 5. **1**. Que o louvador sincero (de Brahmaṇaspati) realmente supere (seus inimigos); que o adorador dos deuses vença seguramente aquele que não os reverencia; que o propiciador (de Brahmaṇaspati) derrote aquele que é difícil de derrotar em batalhas; que aquele que oferece sacrifício se aproprie do alimento daquele que não sacrifica.
2. Ofereça culto, ó homem, (a Brahmaṇaspati); proceda resolutamente contra aqueles que estão pensando (em hostilidade); mantenha a sua mente firme ao lutar contra inimigos; ofereça oblações pelas quais você possa ser próspero; nós também pedimos a proteção de Brahmaṇaspati.
3. Aquele que com uma mente piedosa adora Brahmaṇaspati, o pai dos deuses,[1] com oblações, ele de fato recebe alimento, junto com seus filhos, seus parentes, seus descendentes, seu povo, e (obtém) riquezas, junto com (todos) os homens.
4. Brahmaṇaspati guia por um caminho direto (para sua recompensa), o adorador que o propicia com oferendas de manteiga; ele o guarda contra o pecado; ele o protege dos inimigos e da aflição, e, extraordinário (em poder), lhe dá muitos (auxílios).

Índice ◄►Hino 27 (Wilson)

Hino 26. Brahmaṇaspati (Griffith)

1. O cantor virtuoso derrotará seus inimigos, e aquele que serve os Deuses subjugará o homem ímpio. O homem zeloso vencerá o invencível, o adorador compartilhará o alimento daquele que não adora.
2. Adora, tu herói;[2] afugenta os arrogantes; assume coragem auspiciosa para a luta com inimigos. Prepara oblação para que tu possas ter sucesso; nós almejamos o auxílio favorecedor de Brahmaṇaspati.
3. Ele com seu povo, sua casa, sua família, seus filhos, ganha espólio para si mesmo, e, com os heróis, riqueza, que com oblação e um coração verdadeiramente piedoso serve Brahmaṇaspati o Pai dos Deuses.[3]
4. Quem quer que o tenha honrado com oferendas ricas em óleo, a ele Brahmaṇaspati conduz para frente em seu caminho, o salva da tristeza, o liberta de seu inimigo, e é o seu extraordinário salvador da aflição.

---

[1] *Devānāṃ pitaraṃ;* o comentador interpreta esse último, *pālayitāram*, o protetor ou nutridor.
[2] O Ṛṣi dirige a exortação para ele mesmo.
[3] Veja a nota 1 acima.

Índice ◄►Hino 27 (Griffith)

Hino 27. Ādityas (Wilson)

(Sūkta V)

Os deuses são os Ādityas; o Ṛṣi é ou Gṛtsamada, ou seu filho, Kūrma; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 6. **1**. Eu ofereço continuamente, com a concha (da fala), esses hinos que derramam oblação para os nobres Ādityas; que Mitra, Aryaman, Bhaga, o multipresente Varuṇa, o poderoso Anśa, nos ouçam.[1]
2. Que aqueles de façanhas iguais, Mitra, Aryaman, Varuṇa, sejam satisfeitos hoje por esse meu louvor; eles que são Ādityas, luminosos, purificados por chuvas,[2] que não abandonam ninguém (que os adora), que são irrepreensíveis, inatacáveis.
3. Aqueles Ādityas, poderosos, profundos, indômitos, subjugadores, de muitos olhos,[3] veem os (pensamentos) mais profundos (dos homens),[4] sejam perversos ou virtuosos, estejam longe ou perto daqueles nobres (deuses).
4. Os Ādityas divinos são os sustentadores (de todas as coisas), móveis e imóveis; os protetores do universo; os providentes em atos; os coletores de chuva,[5] os possuidores de veracidade; os pagadores das nossas dívidas.[6]
5. Que eu seja consciente, Ādityas, dessa sua proteção, a causa da felicidade (e segurança) em perigo; Aryaman, Mitra, e Varuṇa, que eu, através da sua orientação, escape dos pecados que são como armadilhas[7] (no meu caminho).
Varga 7. **6**. Aryaman, Mitra, e Varuṇa, fácil é o caminho (que vocês nos mostram), e livre de espinhos, e agradável; portanto, Ādityas, (nos conduzam) por (ele); falem favoravelmente para nós, e nos deem felicidade difícil de ser perturbada.
7. Que Aditi, a mãe de filhos nobres, nos coloque além da malícia (dos nossos inimigos); que Aryaman nos guie por caminhos fáceis, e que nós, abençoados com muitos descendentes, e longe do perigo, alcancemos a grande felicidade de Mitra e Varuṇa.
8. Eles sustentam os três mundos,[8] os três céus;[9] e em seus sacrifícios três cerimônias (estão incluídas);[10] pela verdade, Ādityas, o seu grande poder foi (produzido), tal como é o mais excelente; Aryaman, Mitra, e Varuṇa.

---

[1] Os Ādityas, ou filhos de Aditi, aqui enumerados, são apenas cinco; o comentador cita o *Taittirīya* para oito, acrescentando Dhātṛ, Indra e Vivaśvat àqueles do texto, e adicionando Anśu em lugar de Anśa. A enumeração purânica é universalmente doze, Viṣṇu, Pūṣan, Tvaṣṭṛ, e Savitṛ, sendo somados aos oito do *Taittirīya*.
[2] *Dhārapūtā*, purificados pela água, limpos, *nirmalā*, de acordo como comentário; mas, sem dúvida, o termo se refere à conexão dos Ādityas com a queda da chuva.
[3] *Bhūryakṣāḥ*, com muitos olhos, é a tradução literal do epíteto, que é, sem dúvida, usado figurativamente, implicando a penetração universal dos raios de luz, ou, como o comentador diz, muito brilhante.
[4] Eles olham dentro, é a frase do texto, mas o comentador a explica, nos corações dos seres vivos, ou homens; as expressões seguintes confirmam a interpretação dele.
[5] *Asuryaṃ rakṣamānāḥ;* asura, o comentador aqui explica, uma nuvem; de *asu*, água, como igual à vida; e *ra*, o que produz; por isso, *asuryaṃ* é a água da nuvem, ou a chuva, que os Ādityas mantêm acumuladas até a estação da sua repleção.
[6] As dívidas, na avaliação do comentador, são literalmente assim, aquelas que devem ser pagas pelos adoradores para outras pessoas; veja também o verso nove do próximo *Sūkta*.
[7] Como locais de terra que têm buracos ou covas.
[8] *Tisro bhūmīr dhārayan;* é dito que *bhūmi* aqui significa *loka*, mundo ou esfera, terra, firmamento, e céu; os quais os Ādityas sustentam por lhes fornecerem chuva.
[9] *Trīh dyūn*, os três objetos luminosos, que, de acordo com o comentador, podem ser os três *lokas* acima do céu, Mahar, Jana, Satya, ou os três deuses luminosos, Agni, Vāyu, e Sūrya.

9. Os Ādityas, enfeitados com ornamentos dourados, brilhantes, purificado por chuvas, que nunca dormem, nem fecham suas pálpebras, que são inatacáveis, e louvados por muitos, sustentam as três regiões celestiais brilhantes para o bem do homem correto.

10. Varuṇa, destruidor de inimigos, tu és o soberano sobre todos, sejam eles deuses ou mortais; permite-nos contemplar cem anos, e que nós possamos desfrutar de vidas tais como eram desfrutadas pelos (sábios) antigos.[11]

Varga 8. **11**. Nem a direita é conhecida por nós, Ādityas, nem a esquerda; nem o que está na frente, nem o que está atrás, (é discernido por mim); concessores de residências, que eu, que sou imaturo (em conhecimento), e tímido (em espírito), obtenha, quando guiado por vocês, a luz que está livre de medo.[12]

12. Aquele que apresenta oferendas aos nobres e verdadeiros (Ādityas); ele a quem seus favores constantes exaltam; ele prossegue, rico, famoso, generoso, e honrado, para sacrifícios, em seu carro.

13. Puro, tranquilo, possuindo alimento (abundante) e descendentes virtuosos, ele reside em meio às águas fertilizantes;[13] ninguém, de perto ou de longe, prejudica aquele que está (seguro) sob a boa orientação dos Ādityas.

14. Aditi, Mitra, Varuṇa, tenham piedade de nós, mesmo que nós possamos ter cometido alguma ofensa contra vocês; que eu possa obter, Indra, aquela grande luz que está livre de perigo; não deixem as trevas prolongadas (da noite) nos envolver.

15. Ambos (o céu e a terra), combinados, nutrem a ele (a quem os Ādityas protegem); verdadeiramente bem sucedido, ele prospera, com a chuva do céu; vitorioso em batalhas, (ele defende) a sua própria residência (e assalta) aquela do seu inimigo;[14] para ele ambas as partes (da criação) são propícias.[15]

16. Adoráveis Ādityas, que eu passe (seguro) em seu carro pelas ilusões que (vocês concebem) para os malignos, as armadilhas que estão espalhadas para seus inimigos, (do mesmo modo como) como um cavaleiro (passa por uma estrada); e assim que nós permaneçamos seguros em felicidade infinita.

17. Que eu nunca (tenha que) descrever, Varuṇa, o desamparo de um (uma vez) opulento, querido, e magnânimo parente;[16] que eu nunca, nobre Varuṇa, seja desprovido de riquezas bem reguladas; (e) que nós, abençoados com descendentes excelentes, te glorifiquemos dignamente nesse sacrifício.[17]

Índice ◄►Hino 28 (Wilson)

---

[10] A expressão é bastante obscura, – *trīṇi vratā vidathe antar eṣām*, literalmente, as três cerimônias no sacrifício, no meio deles; o comentador a explica como no texto, as três cerimônias diárias sendo essencialmente um culto dos Ādityas; ou ele sugere que poderia ser interpretado, no meio daqueles mundos, há três atos planejados especialmente como os atos dos Ādityas, a absorção, retenção e redistribuição de orvalho ou chuva.

[11] O texto tem apenas *pūrvā*, anteriores, antigos; o comentador explica por *purvair-devaih*, por antigos deuses ou sábios divinos.

[12] Ou a luz do dia, ou a luz do conhecimento.

[13] Ele mora perto de águas que são produtivas de grãos; isto é, ele obtém chuva quando necessário.

[14] 'Ele vai, conquistando, para ambas as habitações', é a tradução literal, que é amplificada pelo comentário como no texto.

[15] As duas partes, do mundo, de acordo com o comentador, as coisas ou móveis e imóveis, ou seres mortais e imortais.

[16] O sentimento é assim ilustrado pelo comentador: que eu não tenha a necessidade de mendigar de diferentes príncipes, dizendo: meus filhos, ou outros parentes, estão com fome.

[17] O refrão da última estrofe do Hino 15.

Hino 27. Ādityas (Griffith)

1. Esses hinos que derramam abundância, com a concha[18] eu sempre ofereço aos reis Ādityas.[19] Que Mitra, Aryaman e Bhaga[20] nos ouçam, os poderosos Varuṇa, Dakṣa[21] e Aṁśa.[22]
2. De comum acordo que Aryaman e Mitra e Varuṇa hoje aceitem essa canção de louvor – Ādityas brilhantes e puros como correntes de água,[23] livres de toda malícia e falsidade, irrepreensíveis, perfeitos.
3. Esses Deuses, Ādityas, vastos, profundos e fiéis, com muitos olhos, desejosos de enganar os perversos,[24] olhando para dentro[25] contemplam o bem e o mal; perto dos Reis está até a coisa mais distante.
4. Sustentando o que se move e o que não se move, Ādityas, Deuses, protetores de toda existência,[26] Providentes, guardando bem o mundo dos espíritos,[27] fiéis à Lei Eterna, os exatores de dívida.[28]
5. Que eu, Ādityas, compartilhe desse seu benefício, o qual, Aryaman, traz vantagem[29] até no perigo. Sob a sua orientação, Varuṇa e Mitra, que eu possa passar em torno das dificuldades, como lugares acidentados.[30]
6. Plano é o seu caminho, ó Aryaman e Mitra; excelente[31] ele é, Varuṇa, e sem espinhos. Nisso, Ādityas, mandem-nos sua bênção; concedam-nos um abrigo difícil de ser demolido.[32]
7. Mãe de Reis,[33] que Aditi nos transporte, por caminhos justos, Aryaman, para além de todo ódio. Que nós ilesos, cercados por muitos heróis, ganhemos a grande proteção de Varuṇa e de Mitra.
8. Com seu apoio eles sustentam três terras, três céus; três são as funções deles[34] na assembleia dos Deuses.[35] Poderosa por meio da Lei, Ādityas, é sua grandeza; justa ela é, Aryaman, Varuṇa e Mitra.
9. Dourados e esplêndidos, puros como correntes de água,[36] eles seguram no alto as três regiões celestes brilhantes. Eles nunca dormem, nunca fecham suas pálpebras, fiéis,[37] governando ao longe para o mortal íntegro.[38]

---

[18] Isto é, com a língua que profere louvores enquanto a concha sacrifical derrama as oblações de manteiga clarificada.
[19] Veja 1.14.3 [nota 11].
[20] O nome desse Deus antigo ainda sobrevive nos idiomas eslavos como um nome para Deus em geral. Ele é frequentemente invocado junto com Pūṣan e os Ādityas. Veja 1.14.3.
[21] Energia ativa, poder espiritual personificado, e chamado de Āditya ou filho de Aditi. Sāyaṇa toma a palavra como um epíteto de Anśa, poderoso.
[22] Outro dos Ādityas, o Distribuidor. Veja 2.1.4.
[23] ['Os radiantes Ādityas, como lâminas reluzentes de espadas' – Macdonell, *Hymns From The Rig Veda*, *Selected and Metrically Translated*.]
[24] ['Com muitos olhos, não enganados, mas enganando' – Macdonell.]
[25] Dos corações dos homens.
[26] [*Criação* – Macdonell.]
[27] ['Nutrindo sua força de espírito' – Macdonell.]
[28] Os punidores de pecado.
[29] [*Conforto* – Macdonell.]
[30] ['Que eu evite todas as épocas turbulentas, como armadilhas' – Macdonell.]
[31] [*Reto* – Macdonell.]
[32] [A última frase por Macdonell: 'Por isso, ó Adityas, falem em nosso favor; concedam-nos proteção invencível'.]
[33] Aditi, o Infinito, mãe dos Ādityas.
[34] Talvez a absorção, retenção, e efusão de chuva.
[35] [*No nosso sínodo* – Macdonell.]
[36] [*Brilhantes como lâminas de espada* – Macdonell.]
[37] [*Infalíveis* – Macdonell.]
[38] ['Eles governam de longe para ajudar o mortal sincero' – Macdonell.]

10. Tu, acima de todos, ó Varuṇa, és Soberano, sejam eles deuses, Asura![39] ou sejam mortais. Permite-nos ver cem outonos; que sejam nossas as vidas longas abençoadas dos nossos antepassados.[40]
11. Nem a direita nem a esquerda eu distingo, nem o leste nem o oeste,[41] Ādityas. Simples e guiado por sua sabedoria, Vasus! que eu alcance a luz que não traz nenhum perigo.[42]
12. Aquele que dá presentes aos Reis, os verdadeiros Líderes, ele a quem as bênçãos eternas deles tornam próspero, se move com seu carro como o primeiro em posição e rico, generoso e elogiado em assembleias.
13. Puro, fiel, muito forte, com heróis à sua volta, ele mora ao lado das águas ricas em pastos. Ninguém mata, de perto ou de longe, aquele que está sob a orientação dos Ādityas.
14. Aditi, Mitra, Varuṇa, perdoem-nos embora nós tenhamos errado e pecado contra vocês.[43] Que eu obtenha a ampla luz livre de perigo; ó Indra, não deixes a escuridão duradoura[44] nos apanhar.
15. Para ele os Dois unidos[45] derramam sua plenitude, a chuva do céu; ele prospera o mais altamente favorecido. Ele vai para a guerra dominando ambas as mansões;[46] para ele as duas partes do mundo[47] são benevolentes.
16. Suas artimanhas, ó Santos, para suprimir os opressores, suas armadilhas se espalham contra o inimigo, Ādityas, que eu conduzido em carro passe como um cavaleiro hábil; ilesos que nós residamos em um abrigo espaçoso.[48]
17. Que eu não viva, ó Varuṇa, para testemunhar o desamparo do meu amigo querido, rico, e generoso.[49] Rei, que eu nunca careça de riquezas bem ordenadas. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.[50]

Índice ◄►Hino 28 (Griffith)

---

[39] Um ser divino e imortal; aparentemente um título maior do que *devāḥ*, Deuses ou Brilhantes.
[40] [*Que nós obtenhamos vidas prolongadas e felizes* – Macdonell.]
[41] [Aqui Macdonell concorda com Wilson.]
[42] Eu não sei nada por mim mesmo e não posso obter a luz do dia, ou a luz do verdadeiro conhecimento, sem a sua ajuda.
[Essa última frase por Macdonell: "Que eu, orientado por vocês, alcance com segurança, deuses brilhantes, a luz por inocência ou sabedoria".]
[43] [*Perdoem-nos qualquer pecado que nós tenhamos cometido* – Macdonell.]
[44] Morte, noite, a escuridão a ser temida; a luz do dia é comparativamente livre de perigo.
[45] O céu e a terra que juntos compõem o mundo.
[46] Isto é, ele mantém a posse da sua própria residência e ganha a posse daquela do seu inimigo.
[47] Céu e terra.
[48] ["**16**. Suas artimanhas, planejadas, deuses sagrados, para os conspiradores, seus laços, Ādityas, não desatados por inimigos; esses que eu passe, como um motorista com seu carro; que nós incólumes estejamos sob a sua ampla proteção". – Macdonell.]
[49] Que eu nunca veja o meu rico benfeitor, o instituidor da cerimônia, reduzido à pobreza.
[50] ["**17**. Que eu nunca careça de um patrão amigável, nem, Varuṇa, de um companheiro generoso. Ó Rei, que eu não sinta falta de riquezas bem administradas, que nós falemos alto, com heróis, no sínodo". – Macdonell.]

Hino 28. Varuṇa (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus é Varuṇa; o Ṛṣi e a métrica são os mesmos como antes.

Varga 9. **1**. (O adorador repete) este louvor do sábio, o Āditya auto-radiante; que ele presida todos os seres por seu poder; eu peço fama do soberano Varuṇa, um deus que, quando muito satisfeito, (é propício) para seu adorador.
2. Que nós, Varuṇa, meditando profundamente sobre ti, louvando-te sinceramente, e (engajados) em tua adoração, sejamos prósperos; glorificando-te diariamente, como os fogos (que são acesos em tua honra) na chegada das auroras luminosas.
3. Varuṇa, principal guia (dos homens), que nós permaneçamos na felicidade de ti, que és dotado de grande coragem e és glorificado por muitos; filhos divinos de Aditi, não feridos (por inimigos), tenham compaixão de nós por sua benevolência.
4. O Āditya, o sustentador, criou toda essa água;[1] os rios fluem pelo poder de Varuṇa; eles nunca se cansam, eles nunca param; eles têm descido com rapidez, como aves sobre a (terra) circundante.[2]
5. Tira de mim o pecado, Varuṇa, como se fosse uma corda; que nós obtenhamos de ti um canal (cheio) com água; não cortes o fio de mim (empenhado em) tecer obras piedosas; não arruínes os elementos de ritos sagrados antes da época (de sua maturidade).
Varga 10. **6**. Afasta todo perigo de mim, Varuṇa; monarca supremo, dotado de veracidade, concede tua graça a mim; tira (de mim) o pecado, como uma corda de um bezerro; ninguém governa por um piscar de olhos, separado de ti.
7. Não nos firas, Varuṇa, com aquelas (armas) destrutivas, que, repulsoras (de inimigos), destroem aquele que faz mal ao teu sacrifício; não nos deixes partir (antes do nosso tempo) das regiões de luz; dispersa os malévolos, para que nós possamos viver.
8. Como nós oferecemos adoração a ti, Varuṇa, antigamente, do mesmo modo como nós a oferecemos agora, assim que nós possamos oferecê-la no futuro (a ti), que estás presente em toda parte; pois em ti, que és difícil de alcançar, como em uma montanha (imóvel), todos os atos sagrados estão reunidos, e não são para ser separados.
9. Paga, Varuṇa, as dívidas (contraídas) pelos meus progenitores, e aquelas agora (contraídas) por mim; e, nobre Varuṇa, que eu não seja dependente (das dívidas contraídas) por outro;[3] muitas são as manhãs que, por assim dizer, não amanheceram de fato;[4] faze-nos, Varuṇa, vivos nelas.

---

[1] *Pra sīm asṛjad ṛtaṃ;* a expressão é indeterminada, por causa dos vários sentidos da *ṛtaṃ*, que pode significar verdade, ou sacrifício, bem como a água; a frase seguinte, *sindhavo varuṇasya yanti*, rios seguem por causa de Varuṇa, ou por sua vontade ou poder, confirma o sentido de água na precedente.
[2] *Paptū raghuyā parijman*; o último significa meramente aquele que segue em volta ou ao redor, e pode ser traduzido, revolvendo; o comentador o considera como um epíteto de *bhūmi*, subentendido, *parijmani bhūmyām*.
[3] Que eu não possa desfrutar pelo que é feito por outro; o que o comentador explica, que eu não obtenha prazer com a riqueza que é adquirida por outro; mas a frase anterior, feitas por mim, refere-se a dívidas, e assim, provavelmente, aqui também é assim.
[4] De acordo com Sāyaṇa, isso significa que as pessoas envolvidas em dívidas ficam tão dominadas pela ansiedade que elas não estão conscientes do amanhecer do dia, para elas a manhã não raiou, elas estão mortas para a luz do dia; a passagem é digna de nota, indicando um estado avançado, bem como corrompido, de sociedade – a ocorrência de dívida e a severidade de sua opressão.

10. Protege-nos, Varuṇa, contra todos os perigos com os quais um parente ou um amigo me ameace alarmado em sono; ou de um ladrão ou de um lobo que tente nos destruir.[5]
11. Que eu nunca (tenha que) descrever, Varuṇa, o desamparo de um (uma vez) opulento, querido, e magnânimo parente; que eu nunca, nobre (Varuṇa), seja desprovido de riquezas bem reguladas; (e) que nós, abençoados com descendentes excelentes, te glorifiquemos dignamente nesse sacrifício.

Índice ◄►Hino 29 (Wilson)

Hino 28. Varuṇa (Griffith)

1. Esse louvor do sábio Āditya auto-radiante será supremo sobre tudo o que há em grandeza.[6] Eu suplico renome de Varuṇa o Poderoso, o Deus extremamente bondoso para aquele que adora.
2. Tendo te exaltado, Varuṇa, com atenção cuidadosa que nós tenhamos grande fortuna em teu serviço, cantando os teus louvores como os fogos na chegada, dia após dia, das manhãs ricas em gado.
3. Que nós estejamos sob a tua guarda, ó tu Líder, Varuṇa extensamente dominante, Senhor de muitos heróis. Ó filhos de Aditi, eternamente leais, perdoem-nos, Deuses, aceitem-nos em sua amizade.
4. Ele os fez fluir, o Āditya, o Sustentador; os rios correm por ordem de Varuṇa. Esses não sentem cansaço, nem cessam de fluir; rápidos eles têm fluído como pássaros no ar ao nosso redor.
5. Liberta-me do pecado como de um laço que me amarra; que nós aumentemos, Varuṇa, a tua fonte de Ordem.[7] Não deixes o meu fio, enquanto eu teço a canção, ser cortado, nem a soma do meu trabalho, antes do tempo, ser danificada.
6. Remove para longe de mim, Varuṇa, todo o perigo; me aceita bondosamente, ó Santo Soberano. Desamarra, como cordas que seguram um bezerro, meus problemas; eu não sou senhor nem mesmo da minha pálpebra sem ti.
7. Não nos atinjas, Varuṇa, com aquelas armas terríveis que, Asura, por tua ordem ferem o pecador. Não nos deixes passar da luz para o exílio. Dispersa, para que nós possamos viver, os homens que nos odeiam.
8. Ó poderoso Varuṇa, agora e no futuro, assim como no passado, nós exprimiremos a nossa adoração. Pois em ti mesmo, Deus invencível, os teus estatutos para nunca ser movidos estão fixos como em uma montanha.
9. Move para longe de mim aqueles pecados que eu cometi; não me deixes sofrer, Rei, por culpa de outros. Muitas manhãs plenas restam para despontar sobre nós; nessas, ó Varuṇa, guia-nos enquanto nós vivermos.
10. Ó rei, quem quer que, seja ele amigo ou parente, me ameace amedrontado em meu sono – se algum lobo ou ladrão ávido quiser nos ferir, disso, ó Varuṇa, dá-nos proteção.

---

[5] A construção é bastante inconsistente com *mahyam*, a mim, no singular, na primeira linha, e *asmān*, nós, no plural, na segunda; de acordo com uma autoridade citada por Sāyaṇa, esse hino afasta o pecado e o perigo, a dívida e a pobreza, e neutraliza sonhos ruins.
[6] O poeta magnifica a importância do culto que ele oferece ao Āditya Varuṇa, o grande Rei sobre todos, o rei da ordem natural, pacífica e moral como contrastado com Indra o Deus das batalhas.
[7] Isto é, observemos e fortaleçamos os teus estatutos e ordenanças dos quais a vida e todas as bênçãos fluem.

11. Que eu não viva, ó Varuṇa, para testemunhar o desamparo do meu amigo querido, rico, e generoso. Rei, que eu nunca careça de riquezas bem ordenadas. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.

Índice ◄►Hino 29 (Griffith)

Hino 29. Viśvedevas (Wilson)

(Sūkta VII)

Os deuses são os Viśvedevas; o Ṛṣi e a métrica como antes.

Varga 11. **1**. Ādityas, mantenedores de obras piedosas, e que devem ser procurados por todos, afastem o pecado para longe de mim, como uma mulher que deu à luz em segredo;[1] sabendo, Mitra, Varuṇa, e deuses (universais), o bem que provém de vocês ouvirem as nossas preces, eu os invoco para (a nossa) proteção.

2. Vocês, deuses, são inteligência, você são vigor; afastem os malevolentes subjugadores (de inimigos), os derrotem completamente, e concedam-nos felicidade, agora e no futuro.

3. O que nós podemos fazer por vocês, deuses, ou agora, ou no futuro;[2] o que nós podemos fazer, Vasus, por perpétuos e praticáveis (atos de devoção); Mitra, Varuṇa, Aditi, Indra, e os Maruts, mantenham o nosso bem-estar.

4. Ó deuses, vocês, de fato, são nossos parentes; sendo assim, concedam felicidade para mim o suplicante; que a sua carruagem não tarde a chegar ao sacrifício; que nós nunca nos cansemos de parentes tais como vocês são.

5. Sozinho entre vocês, eu cometi muitas ofensas, (as quais corrigem) como um pai corrige um (filho) desobediente; deuses, que os grilhões fiquem longe de mim; que os pecados fiquem longe de mim; não se apoderem de mim (seu) filho como (um caçador) apanha uma ave.

6. (Deuses) adoráveis, estejam presentes hoje, para que, receoso do perigo, eu possa me sentir seguro do seu (apoio) caloroso; protejam-nos, deuses, da voracidade do lobo; protejam-nos, (deuses) adoráveis, daquele que nos causaria infortúnio.[3]

7. Que eu nunca (tenha que) descrever, Varuṇa, o desamparo de um (uma vez) opulento, querido, e magnânimo parente; que eu nunca, nobre (Varuṇa), seja desprovido de riquezas bem reguladas; (e) que nós, abençoados com descendentes excelentes, te glorifiquemos dignamente nesse sacrifício.

Índice ◄►Hino 30 (Wilson)

---

[1] *Rahasūriva*, como uma mulher livre que tem uma criança privadamente, e que a abandona em algum lugar distante, é a explicação do comentador; e é necessária para justificar a comparação com a remoção distante do pecado solicitada; essa não é uma indicação insignificante de costumes.

[2] Ou seja, nós somos incapazes de prestar-lhes qualquer serviço adequado.

[3] O verso ocorre no *Yajush*, xxxiii. 51. A explicação da expressão, *nijuro vṛkasya*, varia um pouco, o primeiro sendo considerado como o adjetivo, concordando com *vṛkasya*, protejam-nos do lobo nocivo; e novamente, *kartāt avapado*, é explicado por Mahīdhara, protejam-nos de um poço no qual nós possamos cair.

Hino 29. Viśvedevas (Griffith)

1. Defensores da Lei, ó fortes Ādityas, removam o meu pecado como aquela que dá à luz em segredo.[4] Vocês, Varuṇa, Mitra e todos os Deuses que ouvem, eu chamo para me ajudar, eu que conheço a sua bondade.
2. Vocês, Deuses, são providência e vocês são poder; eliminem totalmente todos aqueles que nos odeiam. Como dadores de coisas boas nos tratem amavelmente; sejam bondosos para nós hoje e no futuro.
3. Qual serviço nós podemos fazer a vocês com a nossa futura, qual serviço, Vasus, com a nossa antiga amizade? Ó Aditi, e Varuṇa e Mitra, Indra e Maruts, nos tornem afortunados e felizes.
4. Vocês, ó Deuses, são realmente nossos parentes; como tais sejam amáveis para mim, que agora lhes imploro. Que o seu carro não venha lentamente para o nosso culto; de parentes como vocês que nós nunca nos cansemos.
5. Eu sozinho tenho cometido muitos pecados contra vocês, e vocês me castigaram como um pai o jogador.[5] Que suas redes[6] estejam longe, deuses, que estejam longe as minhas ofensas; não me apanhem como uma ave sua prole.
6. Dirijam-se para cá hoje, ó Santos, para que temendo em meu coração eu possa me aproximar de vocês. Protejam-nos, Deuses; não deixem o lobo nos destruir. Salvem-nos, ó Santos, do fosso e da queda.
7. Que eu não viva, ó Varuṇa, para testemunhar o desamparo do meu amigo querido, rico, e generoso. Rei, que eu nunca careça de riquezas bem ordenadas. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.

Índice ◄►Hino 30 (Griffith)

---

[4] Como uma mãe solteira abandona seu filho nascido secretamente em algum lugar distante.
[5] Como um pai pune seu filho por jogar.
[6] Os laços ou armadilhas que vocês espalham para os perversos.

Hino 30. Indra e Outros (Wilson)

(Sūkta VIII)

Os deuses são vários; Indra e Soma são aqueles da sexta estrofe; Sarasvatī da oitava; Bṛhaspati da nona; os Maruts da última; Indra do resto; o Ṛṣi é Gṛtsamada; a métrica é Triṣṭubh, exceto no último verso, no qual ela é Jagatī.

Varga 12. **1**. As águas não cessam (de fluir em libações) para o divino Indra, o que manda chuva, o animador (de todos),[1] o matador de Ahi; dia a dia procede a corrente das águas, em qual período de tempo foi a sua primeira criação?[2]
2. A mãe dele, (Aditi), declarou-lhe o homem que tinha oferecido alimento (sacrifical) para Vṛtra; obedientes à vontade dele, os rios, traçando seus caminhos, fluem dia a dia para seu objetivo, (o oceano).
3. Visto que ele elevou-se no alto acima do firmamento, Indra lançou contra Vṛtra seu (raio) destrutivo; envolto em uma nuvem, ele avançou sobre Indra, mas o manejador da arma de gume afiado triunfou sobre seu adversário.
4. Perfura, Bṛhaspati,[3] com uma flecha radiante, como com um raio, os filhos do Asura que guardam os portões dele; da mesma maneira como tu antigamente mataste Vṛtra por tua destreza, assim destrói agora o nosso inimigo.
5. Lança, tu que estás no alto, do céu o (raio) adamantino, com o qual, quando estimulado, tu mataste teu inimigo, e faze-nos ricos na posse de muitos filhos, e netos, e gado.
Varga 13. **6**. Indra e Soma, erradiquem o causador (do mal), a quem vocês odeiam; sejam os incentivadores do generoso instituidor do rito; protejam-nos neste lugar de perigo, e façam o mundo (livre do medo).[4]
7. Que Indra não me atormente, ou me canse, ou me torne indolente; que nós nunca digamos (a outro:) não ofereça a libação de Soma; (pois é Indra), que realizará (meus desejos), que (me) dará (riquezas), que ouvirá (as minhas preces), que recompensará a mim, que ofereço libações, com gado.
8. Sarasvatī, protege-nos; associada com os Maruts, e (de propósito) firme, vence os nossos inimigos, enquanto Indra mata o chefe dos Śaṇḍikas,[5] desafiando-o e confiando em sua força.
9. Detectando aquele que está em emboscada (contra nós), que está pretendendo a nossa morte, perfura-o, Bṛhaspati, com teu (raio) afiado, e derruba os (nossos) inimigos com (tuas) armas; lança, monarca, tua (flecha) destrutiva contra o opressor.
10. Realiza, herói, junto com nossos heróis valentes, as façanhas que devem ser realizadas por ti; por muito tempo os (nossos inimigos) têm sido cheios (de orgulho), mata-os; e traze para nós os tesouros deles.
11. Desejoso de felicidade, Maruts, eu glorifico com louvor e homenagem a sua força divina, manifesta, e congregada; para que nós possamos, assim, desfrutar diariamente de riqueza notável, acompanhados por dependentes destemidos e posteridade.

---

[1] O texto tem *savitre*, que pode significar, para o sol, como o mesmo que Indra; o comentador o interpreta, no entanto, por *sarvasya prerakāya*, para o instigador, impulsor, ou animador de todos.
[2] O sentido da questão, de acordo com o comentador, é a não-criação ou a eternidade das águas.
[3] Bṛhaspati é aqui obviamente identificado com Indra.
[4] *Kṛṇutam-u-lokam*, é, literalmente, façam o mundo, mas o verbo não é usado no sentido de criar, e requer a especificação do que é feito, que o comentário supre por *bhayarahitam*, livre do medo.
[5] *Vṛṣabhaṃ śaṇḍikānām;* é dito que os Śaṇḍikas são os descendentes de Ṣaṇḍa, que, com Amarka, é o Purohita, ou sacerdote dos Asuras.

Índice ◄►Hino 31 (Wilson)

Hino 30. Indra e Outros (Griffith)

1. Os rios incessantes fluem para Indra, matador de Ahi, Savitar,[6] Deus, cumpridor da Lei, dia após dia prossegue o brilho das águas. Quanto tempo passou[7] desde que elas foram colocadas para fluir pela primeira vez?
2. Sua Mãe[8] – pois ela sabia – falou e proclamou aquele que estava prestes a lançar seu raio em Vṛtra.[9] Abrindo seus caminhos de acordo com a vontade dele dia após dia os rios fluem para sua meta.
3. No alto ele[10] permaneceu acima da região aérea, e contra Vṛtra atirou seu míssil mortal. Envolvido em uma nuvem[11] ele avançou sobre ele. Indra subjugou o inimigo com armas afiadas.
4. Como com um raio, Bṛhaspati, flamejando ferozmente, perfura os heróis de Vṛkadvaras,[12] do Asura. Assim como nos tempos antigos com poder tu mataste, assim mata agora mesmo o nosso inimigo, ó Indra.
5. Lança do céu no alto o teu raio de trovão com o qual em alegria tu mataste o inimigo. Por ganho de filhos faze-nos teus, ó Indra, de muitos filhos de filhos e de gado.
6. Quem quer que vocês amem, seu poder vocês ajudam e fortalecem, vocês dois são os impulsores ricos do adorador. Favoreçam-nos benevolentemente, Indra e Soma; deem-nos firme posição nesse momento de perigo.
7. Que não me aflija, me canse, me torne preguiçoso, e que nunca digamos: Não esprema o Soma; para ele, que cuida de mim, dá presentes, me apóia, que vem com vacas[13] a mim que derramo libações.
8. Sarasvatī, protege-nos; aliada com os Maruts tu corajosamente conquistas os nossos inimigos, enquanto Indra mata o ousado chefe dos Śaṇḍikas exultante em sua bravura.
9. Aquele que fica de emboscada, sim, aquele que nos destruiria, – mira nele, perfura-o com tua arma afiada. Bṛhaspati, com armas tu matas inimigos, ó Rei, entrega o saqueador à destruição.
10. Realiza, ó Herói, com nossos heróis valentes os feitos heroicos que tu tens que terminar. Eles têm estado cheios de presunção por muito tempo; mata-os, e traze para cá para nós as posses deles.
11. Eu almejando por alegria me dirijo com hino e homenagem ao seu exército celestial, a companhia de Maruts, para que nós possamos ganhar riqueza com plena abundância de heróis, cada dia mais famosos, e com tropas de filhos.

Índice ◄►Hino 31 (Griffith)

---

[6] O Sol, como idêntico a Indra. O comentador explica a palavra aqui como o instigador ou o impulsor de todos.
[7] Querendo dizer que as águas são eternas.
[8] Aditi, a mãe de Indra.
[9] O primeiro hemistíquio é obscuro. Eu sigo a interpretação conjetural de Ludwig (*Der Rigveda* V. 63), que lê *viduṣa* em vez de *viduṣe*, e se refere à lenda narrada em 4.18.
[10] Indra. Veja 1.32.
[11] Referindo-se a Vṛtra.
[12] Suposto por Ludwig ser o Rei dos Śaṇḍikas, o hino sendo uma prece em uma batalha próxima com ele. *O Asura* então significaria Rei.
[13] Referindo-se a Indra que recompensa seus adoradores com doações de gado.

Hino 31. Viśvedevas (Wilson)

(Sūkta IX)

Os deuses e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica da última estrofe é Triṣṭubh; do resto, Jagatī.

Varga 14. **1**. Mitra e Varuṇa, associados com os Ādityas, os Rudras, e os Vasus, protejam a nossa carruagem (sacrifical),[1] quando (ela segue) em volta (de um lugar para outro); como os pássaros que voam para baixo, buscando por alimento, regozijando-se, e repousando na floresta.

2. Divindades propiciadas, protejam o nosso carro, que partiu em busca de alimento entre o povo, quando os (cavalos) rápidos, erguendo a poeira com seus passos, pisam com seus pés sobre os lugares altos da terra.[2]

3. Ou, que Indra que tudo vê, o realizador de grandes feitos, pelo vigor coletivo dos Maruts, (vindo) do céu, proteja a nossa carruagem com proteção inatacável, (para assegurar para nós) ampla riqueza e comida abundante.

4. Ou, que o divino Tvaṣṭṛ, o defensor do mundo, junto com as esposas (dos deuses),[3] bem satisfeito, incite adiante a carruagem; ou que Iḷā, o resplandecente Bhaga, o Céu e a Terra, o sagaz Pūṣan, e os Aśvins, os dois maridos (de Suryā), incitem adiante a carruagem.

5. Ou, que os dois divinos auspiciosos Dia e Noite que se contemplam mutuamente, os animadores de (criaturas) moventes, (a incitem adiante); e, Terra e Céu, enquanto eu louvo ambos com um novo hino, eu lhes ofereço alimento dos (grãos) parados, embora provido com os três (tipos de) iguarias (sacrificais).[4]

6. Nós desejamos, deuses, repetir o louvor a vocês, que são propiciados por louvor; que Ahirbudhnya, Aja-Ekapād, Trita, Ṛbhukṣin, Savitṛ,[5] nos deem alimento, e que o neto, de movimento rápido, das águas, (Agni, seja satisfeito por) nossos louvores e nossa adoração.

7. Adoráveis (deuses), eu desejo que esses (meus) louvores sinceros os (agradem); homens que desejam alimentos, desejosos de vigor, construíram (hinos) para a sua celebração; que vocês se apressem como um (veloz) cavalo de carruagem para o nosso rito (piedoso).

Índice ◄►Hino 32 (Wilson)

---

[1] *Asmākaṃ avataṃ ratham;* o último aqui quer dizer a carroça, ou vagão usado, como se depreende da estrofe seguinte, para trazer alimento, provavelmente significando a planta Soma, para a preparação da libação.

[2] *Pṛthivyāḥ sānau jaṅghananta pāṇibhiḥ;* seguindo pesadamente sobre o precipício da terra com seus pés; literalmente, com suas mãos.

[3] O texto tem apenas *ghnābhiḥ*, com as esposas; mas, porque acompanham Tvaṣṭṛ, elas devem ser *devapatnīḥ*, as esposas dos deuses, as métricas personificadas do Veda, de acordo com o *Taittarīya*.

[4] A passagem é bastante obscura; de acordo com o comentador, ela significa: eu, que sou capaz de lhes oferecer três tipos de alimento sacrifical, substâncias vegetais, vítimas animais, ou o suco Soma, espalho o alimento, ou iguarias finas e manteiga, a partir daquilo que é estacionário, ou seja, arroz e outros grãos.

[5] Os dois primeiros desses nomes ocorrem, nos *Purāṇas*, como aqueles de dois dos Rudras; de acordo com o comentador, o primeiro é o mesmo que *ahi*, sozinho; *budhnya* implicando apenas sua origem no firmamento; o segundo é um nome do sol, o não nascido, que anda com um pé; *trita* ele trataria como um epíteto, *tritastīrnatama*, mais expandido, um epíteto de Indra; Ṛbhukṣin é um apelativo comum da mesma divindade; Savitṛ ele explica como o gerador de todos.

Hino 31. Viśvedevas (Griffith)

1. Ajudem, Varuṇa e Mitra, ó vocês Dois aliados com os Vasus, Rudras e Ādityas, ajudem o nosso carro,[6] para que, como as aves selvagens da floresta a partir de sua casa, os nossos cavalos possam voar adiante, alegres, ávidos por renome.
2. Sim, agora vocês Deuses de comum acordo acelerem o nosso carro quando entre o povo ele busca um ato de poder; quando, acelerando pela região com a marca dos cascos, os nossos corcéis velozes pisam nos cumes da terra.
3. Ou que o nosso Indra aqui, o Amigo de toda a humanidade, vindo do céu, o mais sábio, cercado pela hoste Marut, acompanhe, com auxílio imperturbável por um inimigo, o nosso carro para o ganho poderoso, para ganhar o galardão de força.
4. Ou que esse Tvaṣṭar, Deus que governa o mundo com poder, concordante com as Deusas acelere nosso carro; Iḷā e Bhaga o divino, Terra e Céu, Pūṣan, Purandhi,[7] e os Aśvins, Senhores dominantes.
5. Ou, vistas alternadas, aquelas duas Deusas abençoadas, Manhã e Noite que incitam todas as coisas vivas a agir; enquanto com a minha mais nova canção eu louvo vocês dois, ó Terra,[8] para que daquilo que não se move[9] vocês possam distribuir alimento triplo.
6. A sua bênção como uma dádiva para suplicantes nós desejamos; o Dragão das Profundezas,[10] e Aja-Ekapād,[11] Trita,[12] Ṛbhukṣan, Savitar se alegrarão em nós, e o Filho veloz das Torrentes[13] em nosso culto e nossa prece.
7. Essas preces fervorosas eu rezo para vocês, ó Santos; para prestar-lhes honra, os homens que vivem as formaram, homens ávidos para ganhar o prêmio e a glória. Que eles ganhem, como um cavalo de carro poderoso, a meta, sua atenção.

Índice ◄►Hino 32 (Griffith)

---

[6] *Ajudem nosso carro:* na corrida de carruagem. Segundo o professor Windisch, 'carro' é uma expressão simbólica para 'hino de louvor'. Veja a exaustiva discussão daquele estudioso sobre esse hino em *Festgruss na Rudolf von Roth*, 1893, pp. 139 – 144.
[7] Significando o audaz, ou o inteligente, pode ser ou um epíteto de Pūṣan ou o nome de um deus separado.
[8] Isto é, ó Céu e Terra; o par sendo sempre considerado estritamente conectado, a menção de um é suficiente.
[9] A partir das plantas como distinguidas dos animais.
[10] Ahirbudhnya, que reside nas profundezas do ar. Veja 1.186.5.
[11] 'O não-nascido de um pé', o Sol. Veja 6.50.14, nota.
[12] Um Deus védico, aparecendo em conexão com Indra.
[13] Agni.

Hino 32. Várias Divindades (Wilson)

(Sūkta X)

Os deuses da primeira estrofe são Céu e Terra; das duas seguintes, Indra ou Tvaṣṭṛ; Rākā, a lua cheia, das duas seguintes; e Sinīvālī, a lua nova, das próximas duas; e do último verso, os seis personificações femininas lá especificadas; o Ṛṣi é como antes, a métrica das primeiras cinco estrofes é Jagatī; das três últimas, Anuṣṭubh.

Varga 15. **1**. Céu e Terra, sejam os protetores de mim – seu adorador, ansioso para propiciá-los por culto e adoração, pois de vocês dois é alimento abundante; desejando riquezas, eu os glorifico, e os celebro com grande (louvação).

2. Não deixes a fraude secreta do homem, (Indra), nos prejudicar de dia (ou de noite); não nos deixes sujeitos ao malévolo, não nos desunas da tua amizade; considera-nos com os pensamentos favoráveis que (surgem) dela; nós pedimos essa (benção) de ti.

3. Traze para nós, com mente benigna, a vaca leiteira bem nutrida e de membros compactos, produzindo leite, e conferindo felicidade; diariamente eu glorifico a ti, que és adorado por muitos, ligeiro em (teus) passos, e rápido em (tuas) palavras.[1]

4. Eu invoco, com louvor adequado, Rākā, que é invocada dignamente; que ela, que é auspiciosa de boa sorte, nos ouça, e entenda espontaneamente (o nosso objetivo); que ela costure seu trabalho com uma agulha infalível;[2] que ela nos conceda descendentes excelentes e opulentos.

5. Rākā, com aquelas tuas intenções amáveis e benevolentes, com as quais tu concedes riquezas ao doador (de oblações), aproxima-te de nós hoje; tu que és auspiciosa de boa sorte, inclinada favoravelmente, e concedendo mil bênçãos.

6. De quadris largos, Sinīvālī,[3] que és a irmã dos deuses, aceita a oblação oferecida, e concede-nos, deusa, progênie.

7. Oferece a oblação para aquela Sinīvālī, a protetora da humanidade, que tem belos braços, belos dedos, que é a mãe de muitos filhos, e que tem numerosos filhos.

8. Eu invoco a ela que é Gangū,[4] que é Sinīvālī, que é Rākā, que é Sarasvatī; (eu invoco) Indrāṇī por proteção, Varuṇānī por bem-estar.

Índice ◄►Hino 33 (Wilson)

---

[1] *Padyābhir-āśuṃ vacasā ca vājinaṃ*, explicado como no texto, mas, de acordo com o comentador, é duvidoso se essa e a estrofe anterior aplicam-se a Indra ou a Tvaṣṭṛ.

[2] Que ela costure a obra com uma agulha que não é capaz de ser cortada ou rompida; com uma, da qual os pontos irão durar, do mesmo modo como roupas e semelhantes feitas com uma agulha duram um longo tempo, de acordo com o comentador.

[3] Sinīvālī é a lua no primeiro dia no qual ela é visível; é dito que ela é ou a irmã dos deuses, ou aquela que é independente deles; o verso ocorre no *Yajush*, xxxiv. 10; para o epíteto, *pṛthuṣṭuke*, o qual Sāyaṇa explica por *pṛthu jaghane*, Mahīdhara propõe, ou, *pṛthu keśabhāre*, de cabelo abundante, ou muito louvada, ou desejada por muitos; *stukā,* significando uma cabeleira, louvor, ou desejo.

[4] Dito ser um sinônimo de Kuhu, o dia da conjunção, quando a lua nasce invisível; parece como se essas fases da lua fossem identificáveis com Indrāṇī ou Varuṇānī, ou com ambas.

Hino 32. Várias Divindades (Griffith)

1. Favoreçam benevolentemente, ó Céu e Terra, esse discurso que se esforça para ganhar recompensa, de mim o seu adorador. A primeira posição eu dou a vocês, Imortais, altamente exaltados! Eu, desejoso de ganhar riqueza, para vocês o Par poderoso.
2. Não deixes a artimanha do homem nos incomodar, secreta ou de dia; não nos dês como presa para essas calamidades.[5] Não rompas a nossa amizade; pensa nisso por nós. Isso, com um coração que anseia por felicidade, nós buscamos de ti.[6]
3. Traze para cá com mente benigna a Vaca disposta cheia de leite abundante, repleta, inesgotável. Ó tu invocado por muitos, dia a dia eu te incito com minhas palavras, um cavalo de batalha rápido em seu passo.
4. Com louvor eu invoco Rākā[7] rápida para ouvir; que ela, auspiciosa, nos ouça, e ela mesma observe. Com agulha que nunca quebra que ela possa costurar seu trabalho, e dar um filho herói muitíssimo rico, adequado para elogio.
5. Todos os teus pensamentos bondosos, ó Rākā, amáveis em sua forma, com os quais tu concedes riqueza para aquele que oferece presentes – com esses vem tu a nós neste dia benevolente, ó Abençoada, dando alimento de mil tipos.
6. Ó Sinīvālī[8] de amplas madeixas, tu que és a Irmã dos Deuses, aceita o sacrifício oferecido, e, Deusa, concede-nos descendência.
7. Com dedos graciosos, braços encantadores, Mãe prolífica de muitos filhos – oferece os presentes sagrados para ela, para Sinīvālī Rainha dos homens.
8. Ela, Sinīvālī, ela, Gungū,[9] ela, Rākā, ela, Sarasvatī, Indrāṇī[10] para meu auxílio eu chamo, e Varuṇānī para o meu bem-estar.

Índice ◄►Hino 33 (Griffith)

---

[5] Alguns problemas prementes ou perigos iminentes não especificados mais além.
[6] Provavelmente Indra.
[7] A Deusa que preside o dia real da lua cheia, e aparentemente associada com o nascimento de crianças.
[8] Uma deusa lunar semelhante, que ajuda o nascimento de crianças.
[9] Identificada por Sāyaṇa com Kuhū, outra Deusa lunar, ou o dia da conjunção quando a lua nasce invisível.
[10] Indrāṇī e Varuṇānī são as consortes respectivamente de Indra e Varuṇa.

Hino 33. Rudra (Wilson)

(Anuvāka 4. Sūkta I)

O deus é Rudra; o Ṛṣi como antes; a métrica, Triṣṭubh.

Varga 16. **1**. Pai dos Maruts,[1] que a tua felicidade se estenda a nós; não nos excluas da visão do sol; (permite que) os nossos valentes (descendentes) possam superar (estes) inimigos, e que nós possamos ser multiplicados, Rudra, por (nossa) progênie.
2. Nutrido pelos vegetais salutares que são concedidos por ti, que eu viva cem invernos; extirpa os meus inimigos, o meu pecado excessivo, e as minhas várias enfermidades.
3. Tu, Rudra, és o principal dos seres em glória; tu, manejador do raio, és o mais poderoso dos poderosos; leva-nos em segurança sobre (o oceano) do pecado; repele todos os ataques da iniquidade.
4. Não nos deixes provocar-te, Rudra, à ira por nossas adorações (imperfeitas); nem, derramador (de benefícios), por nosso louvor indigno, nem por nossa invocação (de outras divindades); revigora os nossos filhos por meio das tuas plantas medicinais, pois eu sei que tu és o médico mais notável entre os médicos.[2]
5. Que eu pacifique pelos meus louvores aquele Rudra, que é adorado com invocações e oblações; e que ele que é de abdômen liso, de uma cor fulva, e queixo belo[3] – que é reverentemente invocado; nunca nos sujeite àquela disposição malévola (que pretende a nossa destruição).
Varga 17. **6**. Que o derramador de benefícios, o senhor dos Maruts, gratifique a mim seu suplicante com alimento revigorante; que eu, livre do pecado, desse modo propicie Rudra, para que eu possa alcançar a felicidade dele, como um homem, angustiado pelo calor, (encontra alívio) na sombra.
7. Onde, Rudra, está a tua mão distribuidora de alegria, que é a curadora e alegradora (de todos); derramador (de benefícios), que és o dissipador dos pecados dos deuses,[4] rapidamente tem compaixão de mim.
8. Eu dirijo louvor infinito e sincero ao derramador (de benefícios), o nutridor (de todos), o de cor branca;[5] adoramos o destruidor (do pecado), com prostrações; nós glorificamos o nome ilustre de Rudra.
9. (Firme) com membros fortes, assumindo várias formas, feroz, e de cor fulva, ele resplandece com ornamentos brilhantes dourados; vigor[6] é inseparável de Rudra, o governante supremo e senhor deste mundo.
10. Digno[7] (de reverência), tu carregas flechas e um arco; digno (de louvor), tu usas um colar[8] adorável e que tem todas as formas; digno (de adoração), tu preservas todo esse vasto universo; não há ninguém mais poderoso do que tu.

---

[1] Veja 1.114.6, nota 7.
[2] Nós temos aqui uma afirmação inequívoca dos atributos esculapianos de Rudra.
[3] *Ṛdūdara babhruvarṇa suśipra;* Yāska interpreta o primeiro, *mṛdu udara*, tendo uma barriga lisa. - *Nir*. vi. 4.
[4] Aquele que tira o pecado cometido por uma divindade; no entanto, o sentido exato de *daivya* aqui pode ser questionável, e pode implicar o pecado contra os deuses.
[5] *Śvitīce-śvaityam ancate,* ele que vai para ou obtém brancura, a cor branca de Śiva, o representante posterior de Rudra, tem, portanto, sua origem no Ṛc.
[6] *Asuryam*, de acordo com o comentário, significa *bala*, força; ou pode-se pensar que ele conecta Rudra com os Asuras.
[7] *Arhan* equivalente a *arha* ou *yogya*, adequado para, ou digno de; o termo é algo notável, como especialmente aplicável, embora não exclusivamente, a um Buda.
[8] O texto tem *niṣka* [ornamento dourado para o pescoço ou peito], que Sāyaṇa interpreta aqui como, *hāra* [guirlanda].

Varga 18. **11**. Glorifica o renomado Rudra, viajando em seu carro, sempre jovem, destrutivo, feroz como uma fera formidável; Rudra, propiciado por louvor, concede felicidade àquele que (te) louva, e que as tuas tropas destruam aquele que é nosso adversário.
12. Eu me curvo, Rudra, a ti, te aproximando (do nosso rito), como um menino a seu pai quando pronunciando uma bênção sobre ele; eu glorifico a ti, o dador de muita (riqueza), o protetor dos virtuosos; assim glorificado, concede tu ervas curativas a mim.
13. Maruts, eu peço de vocês aqueles medicamentos que são puros; aqueles, derramadores (de benefícios), que dão grande prazer; aqueles que conferem felicidade; aqueles que (nosso) pai, Manu, selecionou;[9] e aqueles (medicamentos) de Rudra que são o alívio (da doença), e a defesa (contra o perigo).
14. Que o dardo de Rudra nos evite; que o grande desagrado do deus radiante passe longe (de nós); derramador de benefícios, desvia o teu forte (arco) dos ricos (oferecedores de oblações) e concede felicidade aos (nossos) filhos e netos.[10]
15. Nutridor do mundo, derramador (de benefícios), onisciente e divino (Rudra), ouvinte da nossa invocação, assim nos considera nessa ocasião, para que tu não possas ficar irado, nem nos matar; mas para que, abençoados com descendentes excelentes, nós possamos te glorificar dignamente nesse sacrifício.

Índice ◄►Hino 34 (Wilson)

Hino 33. Rudra (Griffith)

1. Pai dos Maruts, que a tua felicidade se aproxime de nós;[11] não nos excluas de olhar para a luz do Sol. Benevolente para o nosso corcel veloz seja o Herói;[12] que nós nos transplantemos, Rudra, para os nossos filhos.[13]
2. Com os medicamentos mais salvadores que tu dás, Rudra, possa eu chegar a cem invernos.[14] Para longe de nós bane inimizade e ódio, e para todos os quadrantes[15] doenças e problemas.
3. O principal de todos os que nascem tu és em glória, Rudra, armado com o trovão, o mais poderoso dos poderosos. Transporta-nos sobre a dificuldade para o bem-estar; afasta de nós todos os ataques de injúria.
4. Que nós não te enfureçamos com culto,[16] Rudra, louvor impróprio, Deus Forte! ou invocação misturada.[17] Com bálsamos fortalecedores incita tu nossos heróis; eu ouvi dizer que tu és célebre como o melhor de todos os médicos.

---

[9] *Yāni Manur avṛṇītā pitā nah;* isso alude, sem dúvida, às sementes vegetais que Manu, de acordo com o *Mahābhārata* [*Vana Parva*, cap. 186], foi ordenado levar consigo para o navio no qual ele foi protegido na época do dilúvio; a alusão é a mais digna de nota, visto que esse incidente específico não é mencionado na narrativa que é dada do evento no *Śatapatha Brāhmaṇa;* veja Weber, *Indische Studien*.
[10] A estrofe ocorre no *Yajush*, xvi. 50; o fim da primeira metade do verso lê *durmatir-aghāyoḥ*, o desprazer dos pecaminosos ou malévolos, em vez de *durmatir mahī gāt*, que o grande desprazer passe longe.
[11] ['Que a tua benevolência desça sobre nós' – Macdonell, *Hymns From The Rig Veda*, *Selected and Metrically Translated*.]
[12] Rudra. De acordo com Ludwig: que o nosso filho valente seja poderoso com o cavalo de batalha. [E, de acordo com Macdonell: 'Em piedade que o herói poupe os nossos cavalos'.]
[13] ['Que nós tenhamos prole abundante' – Macdonell.]
[14] [*Outonos* – Macdonell.]
[15] [*Amplamente dispersas* – Macdonell.]
[16] Isto é, com culto imperfeito.
[17] Na qual outros Deuses também, que não têm direito à adoração particular, são abordados.

5. Que eu com canções de louvor ganhe aquela proteção de Rudra que é adorado com presentes e invocações. Que o Deus fulvo, de bela face, e benevolente, rápido em ouvir, não nos entregue a este mau propósito.[18]
6. O Forte,[19] cercado por Maruts, tem revigorado a mim, suplicante, com o alimento mais fortalecedor. Como aquele que encontra uma sombra na luz solar fervente que eu, ileso, ganhe a felicidade[20] de Rudra.
7. Onde está aquela tua mão bondosa, ó Rudra, a mão que dá saúde e traz conforto, removedor da aflição que os Deuses nos enviaram? Ó Forte, olha-me com compaixão.
8. Para ele o forte, grandioso, fulvo, de cor clara,[21] eu profiro um poderoso hino de louvores.[22] Nós servimos o Deus brilhante com adorações,[23] nós glorificamos o nome esplêndido de Rudra.
9. Com membros firmes, multiforme, o forte, o fulvo se enfeita com brilhantes adornos[24] dourados; a força da Divindade nunca se afasta de Rudra, aquele que é Soberano deste mundo, o poderoso.[25]
10. Digno, tu carregas teu arco e flechas, digno, teu colar de muitas cores e venerado. Digno, tu cortas aqui cada demônio em pedaços;[26] um mais poderoso do que tu não há, Rudra.
11. Louva a ele o conduzido em carruagem, o jovem, o famoso, feroz, que mata como um animal temível[27] da floresta. Ó Rudra, louvado, sê bondoso para o cantor; que tuas tropas nos poupem e atinjam outros.[28]
12. Eu me curvo a ti enquanto tu te aproximas, Rudra, assim como um menino diante do pai que o cumprimenta. Eu louvo a ti Doador Generoso, Senhor dos heróis; dá remédios para nós conforme tu és louvado.[29]
13. Dos seus medicamentos puros, ó Maruts potentes, aqueles que são os mais salutares e concessores de saúde, aqueles que nosso pai Manu escolheu,[30] eu suplico de Rudra para o nosso benefício e bem-estar.[31]
14. Que o míssil de Rudra se desvie e nos poupe, que a grande ira do Impetuoso nos evite. Desvia, Deus Generoso, o teu forte arco dos nossos príncipes,[32] e sê benevolente para nossa semente e prole.[33]

---

[18] Não nos abandones à malícia de nosso inimigo.
[**5**. 'Convocado com invocações e oblações Rudra eu gostaria de apaziguar com meus louvores; que ele, compassivo, fácil de invocar, de cor parda, de lábios belos, não nos sujeite à sua ira'. – Macdonell.]
[19] Ou o Touro, Rudra, acompanhado por seus filhos os Maruts.
[20] [*Boa vontade* – Macdonell.]
[21] A cor branca de Śiva, o representante posterior de Rudra, tem, portanto, como Wilson observa, [na nota 5 acima] sua origem no Ṛgveda.
[22] ['Eu profiro um poderoso panegírico do poderoso'. – Macdonell.]
[23] ['Eu adorarei o deus radiante com homenagem'. – Macdonell.]
[24] [*Joias* – Macdonell.]
[25] [A última frase por Macdonell: 'De Rudra, governante deste grande universo, que não seja cortado o seu domínio divino'.]
[26] ['Digno, tu controlas todo esse poder imenso' – Macdonell.]
[27] [*Matador* – Macdonell.]
[28] ['Que os teus dardos passem por nós e abatam outros'. – Macdonell.]
[29] [Essa última metade do verso por Macdonell: 'Eu louvo o verdadeiro senhor, de muita riqueza o doador; para nós tu dás remédios quando louvado'.]
[30] [Veja a nota 9.]
[31] [**13**. 'Aqueles remédios de vocês, os puros, ó Maruts, que são os mais saudáveis, poderosos e potentes, que Manu escolheu nos tempos antigos, nosso Pai; aqueles eu desejo, e o bálsamo e a bênção de Rudra'. – Macdonell.]
[32] Nossos ricos benfeitores, os instituidores dos nossos sacrifícios.
[33] [Essa última metade do verso por Macdonell: 'Relaxa o teu arco rígido para salvar os nossos benfeitores; poupa, ó Deus de bondade, filho e neto'.]

15. Ó Touro fulvo, mostrando assim a tua natureza, de modo a nem estar irado, ó Deus, nem nos matar. Aqui, Rudra, ouve a nossa invocação. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.[34]

Índice ◄►Hino 34 (Griffith)

Hino 33. Rudra, o Pai dos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṆḌALA 2, HINO 33.
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 7, VARGA 16-18.

1. Ó pai dos Maruts, que a tua proteção se aproxime,[35] e não prives da visão do sol; que o herói (Rudra) seja bondoso para o nosso cavalo,[36] e que nós aumentemos em descendência, ó Rudra!
2. Que eu chegue a cem invernos por meio dos medicamentos mais beatíficos que tu tens dado! Afasta de nós todo ódio, afasta angústia, afasta doenças para todas as direções![37]
3. Em beleza tu és o mais belo de tudo o que existe,[38] ó Rudra, o mais forte dos fortes, tu manejador do raio! Leva-nos alegremente para a outra margem da nossa angústia, e repele todos os ataques de injúria.[39]
4. Não nos deixes te enfurecer, ó Rudra, pela nossa adoração, nem por louvor imperfeito, ó herói, e nem por louvor dividido! Fortalece os nossos homens por teus medicamentos, pois eu ouço que tu és o melhor de todos os médicos.
5. Ele que é invocado por nossas invocações e libações, que eu pague aquele Rudra[40] com meus hinos de louvor. Que ele que tem coração bondoso, que prontamente ouve o nosso apelo, o fulvo, com bela face,[41] não nos entregue a esta ira![42]
6. O herói valoroso com os Maruts tem alegrado a mim, o suplicante, com saúde mais vigorosa. [43]Que eu sem prejuízo encontre sombra, como se da luz do sol, que eu ganhe a proteção de Rudra!
7. Ó Rudra, onde está a tua mão que afaga gentilmente e que cura e alivia? Tu, o removedor de todo dano enviado dos céus, tu, ó herói forte, terás paciência comigo?[44]
8. Eu envio um grande, grande hino de louvor ao touro fulvo brilhante.[45] Deixe-me reverenciar o deus ardente[46] com prostrações; nós celebramos o nome[47] deslumbrante de Rudra.

---

[34] [**15**. 'Assim de cor parda, poderoso Rudra, muito famoso, fica atento às nossas invocações aqui, ó Deus, para não erguer-te em ira e nos matar. Que nós possamos falar alto com heróis no sínodo'. – Macdonell.]
[35] ['Que a tua bênção venha (a nós)'. Muir - *Original Sanskrit Texts*, vol. 4, p. 308.]
[36] ['Poupe os nossos cavalos' – Muir.]
[37] [*Para longe* – Muir.]
[38] [Aqui Muir concorda com Wilson.]
[39] [*Do mal* – Muir.]
[40] ['Que eu evite (aplaque) aquele Rudra' – Muir.]
[41] [*Queixo* – Muir.]
[42] ['Não nos entregue a esta má vontade (de nossos inimigos)'. – Muir.]
[43] [Daqui Muir continua: 'Que eu, livre de danos, obtenha (a tua proteção), como se fosse sombra no calor (do verão); que eu busque a bênção de Rudra'.]
[44] [**7**. 'Onde, Rudra, está aquela tua mão gentil que é curadora e restauradora? Removendo o mal que vem dos deuses, poupa-me, tu (deus) vigoroso'. – Muir.]
[45] ['Eu envio alegremente um grande encômio a esse deus fulvo, vigoroso, luminoso'. – Muir.]
[46] O significado de *kalmalīkin* é desconhecido.
[47] Eu acho que é melhor traduzir *nāma* por *nome*, embora, sem dúvida, signifique mais do que o mero nome.

9. Ele, o deus feroz, com membros fortes, assumindo muitas formas, o fulvo Rudra, enfeitou-se com brilhantes ornamentos dourados. De Rudra, que é o senhor deste mundo extenso, o poder divino nunca se afastará.[48]
10. Dignamente tu portas setas e arco, dignamente, ó venerável, a corrente dourada, matizada; dignamente tu cortas cada demônio aqui em pedaços,[49] pois não há nada de fato mais forte do que tu, ó Rudra.[50]
11. Louva a ele o famoso, sentado em seu carro,[51] o jovem, que é feroz e ataca como uma fera terrível (o leão).[52] E quando tu fores louvado, ó Rudra, sê bondoso para aquele que te engrandece, e que os teus exércitos ceifem outros que não nós!
12. Ó Rudra,[53] um menino de fato faz reverência a seu pai, que vem para cumprimentá-lo; eu louvo o Senhor dos homens corajosos, o dador de muitos presentes, e tu, quando tu fores louvado, nos darás teus medicamentos.[54]
13. Ó Maruts, aqueles seus remédios puros, os mais benéficos e agradáveis, ó heróis, aqueles que Manu,[55] nosso pai, escolheu,[56] aqueles eu anseio de Rudra, assim como saúde e riqueza.[57]
14. Que a arma[58] de Rudra nos evite, que a grande ira do resplandecente passe por nós. Desencordoa os teus arcos fortes para o bem dos nossos senhores generosos, ó bondoso Rudra, sê benevolente para os nossos amigos e parentes.[59]
15. Assim, ó deus fulvo e varonil, mostrando-te, de modo a nem ficar com raiva nem matar, fica atento à nossas invocações,[60] e, ricos em filhos valentes, nós te louvaremos calorosamente na congregação.

Índice ◄►Hino 34 (Müller)

---

[48] ['O poder divino nunca pode ser tirado de Rudra, o senhor deste vasto mundo'. – Muir.]
[49] 'Tu possuis todo este vasto mundo' – Muir.
[50] [**10**. 'Tu, adequadamente, seguras flechas e um arco; adequadamente, tu (usas) um colar glorioso de todas as formas (de beleza). Adequadamente, tu possuis todo esse vasto (mundo). Não há nada, Rudra, mais poderoso do que tu'. – Muir.]
[51] *Gharta-sad*, literalmente, sentado na cova, provavelmente o lugar do carro onde o rei se sentava, separado do motorista. Esses carros divididos podem ser vistos nos antigos monumentos da Assíria e da Babilônia. O rei parece estar em uma cabina própria, lutando, enquanto o auriga segura as rédeas, de modo a não interferir com o rei.
[A partir daqui Muir lê: 'terrível como uma fera, destrutivo, e feroz.']
[52] O *mṛghá bhīmá* provavelmente quer dizer o leão, compare com 1.154.2 [nota 4].
[53] [Aqui Muir acrescenta: 'assim como'.]
[54] [Muir põe essa frase no tempo presente.]
[55] Que o pai Manu obteve saúde e riqueza de Rudra foi mencionado antes, 1.114.2.
[56] [*Desejou* – Muir.]
[57] [*Bênção e proteção* – Muir.]
[58] [*Dardo* – Muir.]
[59] [Essa última metade do verso por Muir: 'Afrouxa os teus fortes (arcos para não atingir) teus adoradores ricos. Dispensador de benefícios, sê bondoso para nossos filhos e descendentes'.]
[60] Muir parece traduzir *bodhi*, que Sāyaṇa explica por *budhyasva*, 'pensa em nós agora'. [E continua a frase deste modo: 'vamos com nossos homens vigorosos proferir um grande hino no sacrifício'.]

Hino 34. Maruts (Wilson)

(Sūkta II)

Os deuses são os Maruts; o Ṛṣi como antes; a métrica é Jagatī, exceto no último verso, no qual ela é Triṣṭubh.

Varga 19. **1**. Os Maruts, derramadores de chuvas, dotados de poder irresistível, como leões formidáveis, reverenciando (o mundo) por suas energias, resplandecentes como fogos, carregados de água, e soprando em volta a nuvem errante, dão vazão à sua chuva (coletada).

2. Visto que, Maruts de peito dourado, o vigoroso (Rudra) os gerou do ventre puro de Pṛśni,[1] portanto eles, os devoradores (de seus inimigos), são conspícuos (por seus ornamentos), como os céus são pelas constelações; e, remetentes de chuva, eles são brilhantes como os nascidos das nuvens (relâmpagos).

3. Eles borrifam com água as (terras) amplamente estendidas, como (homens borrifam) cavalos (quando aquecidos) em batalhas; e eles avançam em companhia com (cavalos) rápidos nas margens da (nuvem) ressonante;[2] Maruts, de elmo dourado,[3] e de uma só mente, agitando (as árvores), vêm com seus cervos pintalgados para (receber o) alimento (sacrifical).

4. Os Maruts que dão prontamente sempre conferem ao (oferecedor de alimento sacrifical), como a um amigo, todas essas águas (sustentadoras do mundo); eles que têm cervos pintados em lugar de cavalos, que são possuidores de riquezas inesgotáveis, e que, sentados em suas carruagens, (procedem) entre as (nuvens) moventes, como cavalos indo direto (para a meta).

5. Maruts, que são de uma só mente, e estão armados com lanças reluzentes, venham com as vacas brilhantes, de úberes cheios, por caminhos desobstruídos, para compartilhar da alegria do suco (Soma), como cisnes (voam) para seus ninhos.

Varga 20. **6**. Maruts, que são unânimes, venham até o alimento que é oferecido em (nossos) sacrifícios, como (vocês vêm) para os louvores dos homens; nutram a vaca leiteira, (a nuvem), para que ela possa ser como uma égua com um úbere cheio, e tornem o rito piedoso produtivo de alimento abundante para o adorador.

7. Concedam a nós, Maruts, aquele (filho), que desfrutará de abundância, e que estará repetindo seus louvores apropriados dia a dia para (induzir) a sua vinda; deem alimento àqueles que os louvam, àquele que os glorifica em batalhas; (deem a ele) generosidade, inteligência e vigor intato insuperável.

8. Quando os Maruts magnânimos de peito dourado atrelam seus cavalos aos seus carros em uma (ocasião) auspiciosa, eles derramam em suas (direções) peculiares alimento abundante sobre aquele que lhes oferece oblações, como uma vaca leiteira (dá leite) para seu bezerro.

9. Maruts, concessores de residências, nos protejam da malignidade do homem que nutre inimizade como lobo contra nós; cerquem-no com suas doenças ardentes; desviem a (arma) mortífera do devorador.

---

[1] *Pṛśnyāḥ śukra ūdhani*, literalmente, no puro úbere de Pṛśni, isto é, nos lugares elevados da terra, nas montanhas; ou, de acordo com o comentador, alusão é feita à lenda de a terra assumir a forma de uma vaca malhada, e Rudra gerar os Maruts dela em forma de um touro, mas essa é uma lenda mais purânica do que védica.

[2] Literalmente, eles se apressam com rápidos ouvidos do som; o comentador supre, *cavalos* rápidos, e explica que *ouvidos* significa as partes centrais daquilo que emite som, isto é, a nuvem.

[3] *Hiraṇyaśiprāḥ; śipra*, em outros lugares, o nariz ou a mandíbula inferior, é aqui explicado como, *śiras-trāṇa*, uma proteção para a cabeça, um capacete.

10. Maruts, sua energia admirável é bem conhecida, pela qual, agarrando o úbere do céu, vocês o ordenharam (da chuva,[4] destruíram) o difamador de seu adorador, e (vieram), filhos irresistíveis de Rudra, a Trita[5] para a destruição dos inimigos dele.
Varga 21. **11**. Nós os invocamos, poderosos Maruts, que frequentam tais sacrifícios[6] (como esse, para estarem presentes) no oferecimento da (libação) difusiva e desejável; erguendo nossas conchas, e recitando seu louvor, nós procuramos os Maruts majestosos e de cor dourada em busca de riqueza excelente.
12. Que eles, que, os primeiros celebrantes do rito de dez meses, realizaram esse sacrifício,[7] nos reanimem na aurora nascente; pois como a aurora com raios purpúreos afasta a noite, assim (eles dissipam a escuridão), com esplendor grandioso e puro, e dissipador da névoa.
13. Eles, os Rudras, (equipados) com melodiosos (alaúdes),[8] e enfeitados com ornamentos purpúreos, exultam nas residências das águas; e espalhando as nuvens com vigor rápido, eles são dotados de formas agradáveis e belas.
14. Implorando a eles por ampla riqueza, e (tendo recorrido a ele) por proteção, nós os glorificamos com esse louvor; como os cinco sacerdotes principais a quem Trita deteve para a (realização do) sacrifício, e para protegê-lo com as armas deles.[9]
15. Maruts, que aquela proteção com a qual vocês transportam o adorador para além do pecado, com a qual vocês resgatam o recitador de seu louvor do escarnecedor, esteja presente conosco; que a sua disposição benigna se mova em direção a nós, como uma (vaca) mugindo (em direção ao seu bezerro).

Índice ◄►Hino 35 (Wilson)

---

[4] *Pṛśnyā yad ūdhar api āpayo duhuḥ;* Pṛśni é aqui identificada com o firmamento e o úbere é a nuvem; no texto a pessoa é mudada abruptamente: sua energia é conhecida, pela qual eles ordenharam, etc.
[5] É dito que Trita é um Ṛṣi.
[6] *Evayāvnaḥ* é dito ser derivada de *eva*, aquilo para o qual se deve ir, *gantavyam*, ou seja, adoração, ou um sacrifício, *stotram*, *yajñam vā* e *yāvan*, que vai para; ela é uma palavra puramente védica.
[7] *Te daśagvāḥ prathamā yajñam ūhire;* [em 1.62.4], nós tivemos *daśagvāḥ* explicado como aqueles que originalmente, pelo menos, eram sacerdotes da família ou escola de Aṅgiras, conduzindo cerimônias que duravam nove ou dez dias [*meses*, em 1.62.4]; nós temos aqui o ofício atribuído aos Maruts, como os primeiros celebradores do rito, e que são, portanto identificados pelo comentador com os Aṅgirasas, que foram os primeiros, ou anteriores aos Ādityas; de acordo com a lenda, que é aqui mais completamente detalhada no comentário, havia uma competição por precedência em ir para Svarga, entre os Ādityas e os Aṅgirasas, e os últimos a obtiveram, por instituírem primeiro sacrifícios com o fogo; segundo o texto, *Adityāscaiva iha-āsann-aṅgirasaśca te agre agninā agnim ayajanta;* os Ādityas também estavam aqui, e os Aṅgirasas; eles (os últimos), adoraram primeiro Agni com fogo; isso está em harmonia com a inferência tirada de outras passagens, que Aṅgiras e seus discípulos foram as pessoas que estabeleceram pela primeira vez as várias formas de adoração com fogo.
[8] Sāyaṇa explica *kṣoṇībhiḥ* por, 'com instrumentos de som, chamados *vīṇīs',* uma espécie de *vīṇās;* a *vīṇā* é um instrumento de corda, bem conhecido.
[9] A passagem é obscura, especialmente porque a lenda que é mencionada não é narrada pelo comentador; na verdade, ele está disposto a considerá-la como aludindo à prática de misticismo, ou *yoga;* os cinco *hotṛs,* ou oferecedores de Soma, sendo os cinco ares vitais, a quem Trita, como um *yogi*, suprimiu, e obrigou a se concentrarem no *cakra*, ou região umbilical, para a obtenção de faculdades sobre-humanas; isso deixaria o termo *avarān* inexplicado, embora o comentador proponha interpretá-lo: os principais oferecedores de Soma; a explicação dele continua dessa maneira: ele obrigou os ares vitais, desejosos de sair dele mesmo, a voltar à presença dele mesmo, e a se concentrar com o *cakra* umbilical, para a total conclusão do rito; (aqueles ares sendo) os principais ofertantes de oblação residentes no espírito, como *prāṇa*, *apāna*, e o resto, que constituem os cinco sacerdotes ministrantes; uma interpretação menos mística gira em torno do sentido de *cakriyā*, com um arpão ou lança.

Hino 34. Maruts (Griffith)

1. Os Maruts de poder irresistível que amam a chuva, resplandecentes, terríveis como feras em sua força, brilhando como chamas de fogo, impetuosos na carreira, soprando a nuvem de chuva errante, revelaram as vacas.[10]
2. Eles cintilam com braceletes como os céus são enfeitados com estrelas, como relâmpagos nascidos das nuvens fazem brilhar as torrentes de sua chuva, visto que o forte Rudra, ó Maruts com peitos brilhantes, ganhou vida por vocês no colo radiante de Pṛśni.[11]
3. Eles gotejam como cavalos nas corridas de corcéis velozes, com os ouvidos rápidos da torrente[12] eles se apressam em seu caminho. Maruts com elmos de ouro, vocês que fazem todas as coisas tremer, vêm com seus cervos pintalgados, unânimes, para o nosso alimento.
4. Eles têm concedido a Mitra todos os que vivem, para alimentar, eles que para sempre fazem suas gotas rápidas fluir;[13] Cujos corcéis são veados pintalgados, cujas riquezas nunca falham, como cavalos em plena velocidade, amarrados à lança em trabalhos.[14]
5. Com vacas brilhantemente flamejantes[15] cujos úberes se avolumam com leite, com lanças resplandecentes em seus caminhos desobstruídos, ó Maruts, de uma só mente, como cisnes que procuram seus ninhos, venham para o gozo arrebatador do hidromel.
6. Para essas nossas preces, ó Maruts, venham unânimes, venham às nossas libações como o louvor dos homens.[16] Façam-na crescer[17] como uma égua, em úbere como uma vaca, e para o cantor agraciem a música com força abundante.
7. Deem-nos um corcel, ó Maruts, poderoso no carro; prece prevalecente que traz lembrança[18] dia-a-dia; alimento aos seus louvadores, ao seu bardo em atos de força deem sabedoria vencedora, poder incólume, insuperável.
8. Quando os Maruts de peito brilhante, pródigos em seus presentes, ligam no momento de êxtase seus cavalos aos carros, então, como a vaca leiteira alimenta seu bezerro dentro dos estábulos, eles derramam alimento para todos os homens que trazem oblação.
9. Salvem-nos, ó Maruts, Vasus, do ofensor, do inimigo mortal que nos faz olhados como lobos.[19] Com carro todo em chamas cerquem-no em volta; ó Rudras, lancem longe o dardo mortal do inimigo.
10. Bem conhecida, ó Maruts, é aquela trajetória extraordinária de vocês, quando eles ordenharam o úbere de Pṛśni, semelhantes de perto a ela.[20] Ou quando a humilhar o bardo que louvou, Filhos de Rudra, vocês os infalíveis levaram Trita à decadência.[21]

---

[10] 'Dão vazão à sua chuva (coletada)' – Wilson.
[11] Pṛśni a mãe dos Maruts, provavelmente, 'a nuvem pontilhada' é, de acordo com Sāyaṇa, a Terra que na forma de uma vaca malhada foi fecundada por Rudra.
[12] 'As ondas erguidas pela chuva forte podem ser consideradas como os ouvidos com os quais a torrente ouve o rugido da tempestade' – Ludwig. Wilson, de acordo com Sāyaṇa, parafraseia: 'e eles avançam em companhia com (cavalos) rápidos nas margens da (nuvem) ressonante'.
[13] O sentido da primeira linha não está claro. [Veja a versão de Wilson].
[14] Isto é, exercendo seus deveres designados como cavalos puxam a carruagem a cuja lança eles estão atrelados.
[15] Nuvens que emitem lampejos de relâmpago antes de derramarem seus estoques de chuva fertilizante.
[16] Que acompanha adoradores virtuosos.
[17] Tornem efetiva a nossa canção sagrada, metaforicamente cheia de leite. O professor Müller leria *asvām* em vez de *áśvām:* 'Completa (a nossa prece) como o úbere de uma vaca estéril'.
[18] Faz os Deuses se lembrarem de nós.
[19] [Veja a nota 40.]
[20] Pṛśni aqui é o firmamento, e seu úbere é a nuvem da qual os Maruts tiram a chuva. Há uma mudança muito abrupta da segunda pessoa para a terceira, de 'vocês' para 'eles'.

11. Nós os chamamos, assim, grandes Maruts, seguindo caminhos costumeiros, para a oblação prestada a Viṣṇu que acelera adiante.[22] Com conchas erguidas, com prece, nós buscamos deles preeminentes, de tons dourados, a riqueza que todos exaltam.
12. Eles, os Daśagvas,[23] antes de todos trouxeram sacrifício; eles ao romper das manhãs nos inspirarão. A aurora com seus raios purpúreos descobriu as noites, com grande luz brilhando como um mar revolto de leite.
13. Os Rudras têm se regozijado em grupos reunidos em lugares de culto como em ornamentos purpúreos. Eles com vigor impetuoso, enviando a chuva para baixo, têm tomado para si mesmos uma cor brilhante e encantadora.
14. Solicitando a grande proteção deles em nosso auxílio, com essa nossa adoração nós cantamos louvores a eles, a quem, por assistência, como os cinco sacerdotes terrestres, Trita tem trazido para cá para nos ajudar no carro dele.[24]
15. Então, que o seu auxílio favorecedor seja voltado em nossa direção, a sua bondade como uma vaca mugindo se aproxime de nós, com a qual vocês levam o seu servo acima dos problemas, e libertam seu adorador do escárnio e zombaria.

Índice ◄►Hino 35 (Griffith)

Hino 34. Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṆḌALA 2, HINO 34.
AṢṬAKA 2, ADHYĀYA 7, VARGA 19-21.

1. Os Maruts carregados com chuva,[25] dotados de força violenta, terríveis como feras,[26] resplandecentes em sua força, brilhantes como fogos, e impetuosos, descobriram as vacas (que dão chuva), por soprarem a nuvem para longe.
2. Os (Maruts) com seus anéis[27] apareceram como os céus com suas estrelas,[28] eles brilharam amplamente como correntes das nuvens, logo que Rudra, o homem forte, nasceu por vocês, ó Maruts de peito dourado, no colo brilhante de Pṛśni.[29]

---

[21] Eu não posso fazer nada do segundo hemistíquio. Wilson o parafraseia [veja a versão dele acima]. Sāyaṇa diz que Trita era um Ṛṣi. Ludwig em sua nota sobre a passagem considera Trita como um nome do Soma. [Veja a nota 41 abaixo.]
[22] Que faz seu percurso rápido em volta do céu. Sāyaṇa diz que Viṣṇu significa 'o difusivo e desejável Soma'. Talvez, como Ludwig pensa, o sacrifício em geral seja aludido, do qual Viṣṇu é o representante.
[23] É dito aqui que os Maruts foram os primeiros realizadores de sacrifício, os verdadeiros Daśagvas. Os sacerdotes assim chamados pertenciam originalmente à linhagem ou escola de Aṅgiras.
[24] O segundo hemistíquio é muito obscuro. A explicação de Sāyaṇa (veja Wilson [nota 9 acima]) é completamente insatisfatória.
[25] *Dhārāvarāḥ*, uma palavra de significado duvidoso, possivelmente significando 'desejando chuva', ou os requerentes das correntes de chuva. Os Maruts às vezes são representados como *varas* ou pretendentes; compare com 5.60.4.
[26] Compare com 2.33.11.
[27] Sobre *khādin*, consulte 1.166 9, nota 13. 'De peito dourado' se entende por armados com placas de peito douradas. O significado parece ser que os Maruts com seus *khādis* brilhantes aparecem como os céus com suas estrelas brilhantes. Os Maruts não são eles próprios raios e chuva, mas eles são vistos neles, como Agni não é o fogo, mas presente no fogo, ou o deus do fogo. Assim, nós lemos, 3.26.6: 'o esplendor de Agni, a força dos Maruts', isto é, o relâmpago. Deve-se admitir, entretanto, que uma conjetura, proposta por Bollensen (Z. D. M. G *[Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft* (Jornal da Sociedade Oriental Alemã)] XLI, p. 501), melhoraria o verso. Ele propõe ler *ṛṣṭayaḥ* em vez de *vṛṣṭayaḥ*. Nós teríamos, então, que traduzir, 'Suas lanças brilhavam como relâmpagos das nuvens'. Estes *ṛṣtis* ou lanças são mencionados ao lado de *khādi* e *rukma* em 5.54.11, e o composto *ṛṣṭividyutaḥ* é aplicado aos Maruts em 1.168.5 e 5.52.13. A dificuldade que permanece é *abhriyāḥ*.
[28] Veja 1.87.1.

3. Eles lavam[30] seus cavalos como corredores nas corridas, eles apressam com as pontas do junco[31] seus corcéis rápidos. Ó Maruts de mandíbula dourada,[32] estremecendo violentamente (as suas mandíbulas), vocês seguem depressa com seus cervos pintalgados,[33] sendo amigos de uma só mente.
4. Aqueles Maruts cresceram para alimentar todos esses seres, ou, pode ser, (que eles vieram) para cá por causa de um amigo, eles que sempre trazem chuva vivificante. Eles têm cavalos manchados, suas bênçãos não podem ser tiradas, eles são como aurigas impetuosos em seus caminhos.
5. Ó Maruts, empunhando suas lanças brilhantes, venham para cá em estradas planas[34] com suas vacas ardentes[35] (nuvens) cujos úberes estão se avolumando; (venham para cá), sendo de uma só mente, como cisnes em direção aos seus ninhos, para desfrutar a oferenda doce.
6. Ó Maruts unânimes, venham para as nossas preces, venham para as nossas libações, como (Indra)[36] louvado por homens! Completem (a nossa prece) como o úbere de uma vaca estéril,[37] e tornem a prece gloriosa por recompensa para o cantor.
7. Concedam-nos este cavalo forte para o nosso carro, um gole[38] que desperta as nossas preces, dia a dia, alimento para os cantores, e, para o poeta em nossas herdades, sorte, sabedoria, força inviolável e invencível.

---

[29] A segunda linha é cheia de dificuldades. Sem dúvida, os Maruts são representados como os filhos de Rudra (5.60.5; 6.66.3), e, como os filhos de Pṛśni, fem., sendo chamados de *Pṛśni-mātaraḥ*. Seu nascimento é às vezes mencionado como desconhecido (7.56.2), mas dificilmente tão misterioso. Quem conhece o seu nascimento, mal significa mais que 'o vento sopra onde ele quer, e tu ouves o som do mesmo, mas não podes dizer de onde ele vem'. Pṛśni como feminino é o céu salpicado, e a nuvem pode ter sido concebida como o úbere ao mesmo tempo que Pṛśni foi concebida como uma vaca (1.160.3). Nada parece, portanto, mais natural do que traduzir: 'Quando Rudra os tinha gerado no colo brilhante de Pṛśni'. 'O colo brilhante' é uma expressão idiomática (6.66.1; 4.3.10). A verdadeira dificuldade está em *ájani*. Ela pode significar 'ele gerou' como Bergaigne (*Religião Védique*, III, 35) a interpreta? Onde quer que *ájani* ocorra ela significa 'ele nasceu', e eu duvido que possa significar qualquer outra coisa. E, como o verso se encontra agora, nós devemos traduzir: 'Quando Rudra nasceu para vocês, ele o mais forte no úbere brilhante de Pṛśni'. Poderia Rudra aqui ser concebido como o filho, ele que em outras passagens é representado como o marido de Pṛśni?

[30] *Ukṣante* é explicado por lavar, limpar os cavalos, antes que eles comecem uma nova corrida. Veja 5.59.1.

[31] *Nadásya kárṇaiḥ* é muito difícil. A melhor explicação é aquela sugerida por Pischel, *Ved. Stud.*, p. 189. Ele toma *nada* como junco, e salienta que chicotes eram feitos de juncos. O *karṇa* seria a ponta afiada do junco, muito útil como um chicote.

[32] *Hiraṇyaśiprā. Śiprā,* no dual *śipre*, significa mandíbulas, as mandíbulas superiores e inferiores, como em 1.101.10: 'abre as mandíbulas'. No plural, no entanto, *śiprāḥ*, 5.54.11; 8.7.25, quer dizer algo usado na cabeça, feito de ouro ou fios de ouro. Como nós falamos das orelhas de um gorro, ou seja, das abas que protegem as orelhas, ou das faces de uma máquina, igualmente, nesse caso, as mandíbulas parecem significar o que protege as mandíbulas, e não necessariamente os verdadeiros ossos da mandíbula de um animal; usado como um elmo, e depois imitado em algum tipo de metal. Quanto a *śiprin,* ele pode significar protegido com capacete ou possuidor de mandíbulas. Ser dotado de mandíbulas não é distinção peculiar, mas em várias das passagens onde ocorre *śiprin*, há uma referência clara a comer e beber; veja 4.44.14; 8.2.28 e 17.4, 32.24, 33.7, 92.4. É possível, portanto, que como *suśipra*, *śiprin* também fosse usado no sentido de possuidor de ossos da mandíbula, isto é, de fortes ossos da mandíbula. A decisão entre 'de mandíbula dourada' ou 'de elmo dourado' é difícil, mas 'de mandíbula dourada' é aplicável em todos os casos.

[33] A tradição explica os *pṛṣatīs* como cervos manchados, mas *pṛṣadaśva*, como um epíteto dos Maruts, não precisa significar 'tendo *pṛṣatīs* como seus cavalos', mas 'tendo cavalos manchados'. Veja Bergaigne, *Rel. Ved.* II, p. 378, nota. [E também a nota 12 do hino 37 do Livro 1.]

[34] *Adhvasmabhiḥ* parece significar desimpedido ou plano. Veja 9.91.3.

[35] O significado de *indhanvabhiḥ* é muito duvidoso.

[36] *Narāṃ na śaṃsaḥ,* a forma original de *Narāśaṁsaḥ*, eu tomo aqui como um nome próprio, referente a Indra.

[37] *Aśvām iva* oferece um sentido, mas um bastante inapropriado para o Veda. Ele significaria, 'encham a vaca em seu úbere como uma égua'. Eu proponho, portanto, ler *asvām̃ iva* (*asuam iva*), a partir de *asū*, uma vaca que é estéril, ou uma vaca que ainda não pariu.

[38] *Āpāna* pode significar uma bebida ou farra, e eu não vejo por que nós não devemos tomá-lo nesse sentido. Os sacrifícios nos tempos antigos eram frequentemente festivais. Se nós supusermos que *āpāna* se refere ao consumo de Soma, então não há nada mais apropriado do que chamar a bebida de *citayat*, que excita, *brahma,* um hino. De qualquer modo eu não posso descobrir um significado melhor nessa linha.

8. Quando os Maruts de peito de ouro atrelam os cavalos aos seus carros, abundantes em riqueza, então é como se uma vaca nos currais derramasse[39] alimento copioso para seu bezerro, para cada homem que ofereceu libações.
9. Qualquer inimigo mortal que possa ter nos colocado no meio de lobos,[40] protejam-nos do mal, ó Vasus! Virem as rodas com calor ardente contra ele, e derrubem a arma do demônio ímpio, ó Rudras!
10. Sua marcha, ó Maruts, parece brilhante, se amigos serenos ordenharam o úbere de Pṛśni ou se, ó filhos de Rudra, vocês pretendem repreender aquele que os louva, e enfraquecer aqueles que estão enfraquecendo Trita, ó heróis não enganados.[41]
11. Nós invocamos vocês, os grandes Maruts, os viajantes constantes, na oferenda do rápido Viṣṇu;[42] segurando conchas (cheias de libações) e compenetrados nós pedimos aos Maruts de cor dourada e exaltados por riqueza gloriosa.
12. Os Daśagvas (Maruts?)[43] realizaram o sacrifício primeiro; que eles nos despertem ao romper do dia. Como o amanhecer, eles descobrem as noites escuras com os (raios) vermelhos, os fortes, com sua luz brilhante, como com um mar de leite.
13. Com as nuvens (da manhã), como se com brilhantes enfeites vermelhos,[44] esses Maruts tornaram-se grandes nos lugares sagrados.[45] Fluindo para baixo com esplendor impetuoso, eles assumiram sua cor brilhante e esplêndida.
14. Aproximando-nos deles por sua grande proteção para nos auxiliar, nós os invocamos com essa adoração, eles a quem Trita pode trazer para perto, como os cinco sacerdotes Hotṛ para a vitória, descendo na carruagem deles para ajudar.
15. Que a graça de vocês pela qual vocês ajudam os infelizes a passar pela angústia, e pela qual vocês libertam do maldizente o adorador, venham para cá, ó Maruts; que a sua proteção se aproxime de nós como uma vaca (indo até seu bezerro)!

Índice ◄

---

[39] *Pinvate*, literalmente, fazer crescer ou abundar.
[40] *Vṛkatāti* é um antigo locativo de *vṛkatāt*, capa de lobo. Colocar-nos em capa de lobo significa tratar-nos como lobos, ou como criminosos. Outros julgam que significa tratar-nos como um lobo nos trataria.
[41] A segunda linha é obscura. Nem Grassmann nem Ludwig nem Sāyaṇa podem extrair qualquer significado inteligível dela. Eu a traduzi, mas estou longe de estar satisfeito. Pode haver uma antítese entre os amigos (os próprios Maruts), ordenhando o úbere de Pṛśni, e os Maruts vindo para repreender seus amigos por não lhes oferecer sacrifícios, ou por lhes oferecer sacrifícios em comum com Indra. No primeiro caso quando eles, como amigos, ordenham a nuvem, a sua aproximação é brilhante e auspiciosa. No segundo caso, quando eles vêm para censurar aqueles que deveriam celebrá-los, ou aqueles que são realmente hostis a eles por causarem a ruína ou a decadência de um amigo dos Maruts, como Trita, a sua aproximação é igualmente brilhante, mas não auspiciosa. Trita é um amigo dos Maruts a quem eles auxiliam em batalha, e é possível que essa lenda possa ser aqui aludida. Às vezes Trita parece também conectado com a terceira libação que era oferecida ao pôr do sol, assim como Viṣṇu representava a segunda libação que era oferecida ao meio-dia. Assim, nós lemos, 8.12.16: 'se você, Indra, desfruta do Soma perto de Viṣṇu, ou perto de Tṛta Āptya, ou entre os Maruts'. [...] Mas tudo isso deixa o verdadeiro significado do verso tão insondável como sempre.
[42] *Viṣṇor eṣasya prabhṛthe* é obscuro. Supõe-se que 'na oferenda do rápido Viṣṇu' significa, quando o rápido Viṣṇu oferece Soma. A mesma frase ocorre novamente, 7.40.5. Em 8.20.3, nós podemos traduzir, 'nós conhecemos a força dos Maruts, e do apressado Viṣṇu, os deuses generosos'. Em 7.39.5, a leitura é *viṣṇum eṣāṃ*. Bergaigne (II, 419) está disposto a considerar *viṣṇu eṣa* como Soma. Nós devemos então traduzir, 'no oferecimento de Soma'.
[43] Os Daśagvas são mencionados como uma antiga família sacerdotal, como os Aṅgiras, e eles parecem também, como os Aṅgiras, ter os seus protótipos ou seus ancestrais entre as hostes divinas. Eles poderiam aqui ser identificados com os Maruts? É dito que eles foram os primeiros a levar adiante o sacrifício, e eles são pedidos para despertar os homens ao romper do dia. O mesmo pode ser dito dos Maruts.
[44] As nuvens brilhantes da manhã, ou os relâmpagos.
[45] *Ṛtasya sadanāni* é quase impossível de traduzir; pode ser os lugares no céu onde se supõe que os Maruts estão, ou os locais onde sacrifícios são oferecidos a eles.

Hino 35. Apām Napāt (Wilson)

(Sūkta III)

O deus é Apāmnapāt; o Ṛṣi como antes; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 22. **1**. Desejando alimento, eu desenvolvo este hino laudatório; que o neto das águas,[1] sonoro e de movimento rápido, dê alimento abundante a mim seu adorador; que ele nos torne de aparência agradável, pois realmente ele é propiciado por louvor.

2. Vamos dirigir a ele a prece que é concebida em nossos corações, e que ele possa compreender plenamente (o seu significado), pois ele, o senhor, o neto das águas, gerou todos os seres pela grandeza do seu poder.

3. Algumas águas coletadas (da chuva); outras, (já coletadas na terra); se unem com elas; como rios, elas fluem juntas para propiciar o fogo do oceano;[2] as águas puras estão reunidas em volta do puro e brilhante neto das águas.[3]

4. As jovens e modestas (águas) servem o jovem, assíduas em banhá-lo, e ele, embora não alimentado com combustível, contudo purificado com manteiga clarificada, resplandece com raios brilhantes no meio das águas,[4] que (possa haver) abundância para nós.

5. Três fêmeas divinas[5] oferecem alimento para aquele deus imune à injúria; como se formadas nas águas elas se espalham amplamente, e ele bebe a ambrosia do primeiro (elemento) a ser criado.[6]

Varga 23. **6**. Nele acontece o nascimento do cavalo;[7] dele é (a origem) do mundo;[8] neto das (águas), protege tu os adoradores virtuosos da malevolência do opressor; aqueles que não dão oferendas, aqueles que praticam inverdades, não alcançam a divindade inconcebível, habitando nas águas imaturas ou nas águas perfeitas.

7. Ele, o neto das águas, que permanece em sua própria residência; de quem é a vaca prontamente ordenhada; que aumenta o néctar (dos céus), e (dali) come o alimento sacrifical; ele, reunindo força em meio às águas, brilha para conferir riqueza ao seu adorador.

8. Todos os outros seres são, por assim dizer, ramos dele, que, verdadeiro, eterno e vasto, brilha em meio às águas com (esplendor) puro e divino; e os arbustos, com os seus produtos, nascem (dele).

---

[1] Apām Napāt, o filho das árvores ou do combustível, que são a progênie das chuvas; uma etimologia diferente faz do termo um epíteto do sol: 1.22.6 [nota 3].

[2] *Ūrvaṃ nadyaḥ pṛṇanti; ūrva* é explicado por Sāyaṇa em sua acepção usual de fogo submarino.

[3] O comentador sugere também uma explicação diferente da estrofe, como se referindo a dois tipos de água: um denominado *ekadhanāh*, outro *vasatīvaryah*, aparentemente o suco da Soma, como distinguido por seu emprego no sacrifício Agniṣomīya, depois de coletar a gordura da vítima, e que devem ser misturadas para a conclusão da cerimônia; o mantra usado na ocasião ocorre no *Yajush*, vi. 23, onde Mahīdhara explica o significado de Vasativarī; detalhes mais específicos devem ser encontrados nos *Sūtras* de Kātyāyana, viii. 9; vii. 10.

[4] Aludindo ou ao fogo submarino ou ao relâmpago no meio das nuvens de chuva.

[5] Elas são, de acordo com o comentador, Iḷā, Sarasvatī, e Bhāratī, personificações da prece sagrada ou louvor.

[6] *Kṛtā iva upa hi prasarsre apsu*, elas procederam ou emergiram, como se feitas, nas águas, é a explicação do comentador; mas isso é tudo. *Sa pīyūṣaṃ dhayati pūrvasūnām*, ele bebe o néctar, ou seja, o Soma, daquelas nascidas primeiro; a essência das águas que foram as primeiras coisas criadas por Brahmā.

[7] *Aśvasya atra janimā*, aqui, ou nele acontece o nascimento do cavalo; aludindo, de acordo com o comentador, à produção de Uccaiśravas, o cavalo de Indra, entre as coisas preciosas obtidas pelo batimento do oceano; mas isso é purânico, aparentemente não védico; e o nascimento do cavalo a partir da água, seja do oceano ou não, é uma lenda, cuja origem ainda é duvidosa.

[8] A divindade que reside em meio às águas, ou as chuvas, pode ser considerada como a origem de todas as coisas terrenas.

9. O neto das águas subiu ao firmamento acima (da região) das (nuvens) de movimento tortuoso, adornado em relâmpago; os (rios) largos e de cor dourada se espalharam em volta, levando (para todos os quadrantes) a glória superior dele.
10. O neto das águas é de forma dourada, de aspecto dourado, de cor dourada, e (brilha) sentado em um assento de ouro; os doadores de ouro (em ritos solenes) oferecem a ele alimento (sacrifical).
Varga 24. **11**. Bela é sua forma (de brilho agregado, belo) é o nome do neto das águas; (ambos) florescem, embora escondidos[9] (pelas nuvens); as águas jovens acendem coletivamente o deus de cor dourada no firmamento, pois água é o alimento dele.
12. Para ele, o nosso amigo, o primeiro de muitos[10] (deuses), nós oferecemos adoração com sacrifícios, oblações, e prostração; eu adorno o lugar alto (de sua presença); eu o alimento com combustível; eu o sustento com iguarias (sacrificais); eu o glorifico com hinos.
13. Vigoroso, ele gerou a si mesmo como um embrião naquelas (águas); ele é seu bebê; ele as suga; elas o orvalham (com umidade); o neto das águas de esplendor imaculado tem descido para esta (terra) na forma de um (fogo) diferente.[11]
14. As águas abundantes, trazendo sustento para seu neto, fluem em volta dele com movimentos espontâneos; quando permanecendo em sua esfera suprema, e brilhando diariamente com (raios) imperecíveis.
15. Eu venho, Agni, a ti, (o dador) de boas residências, por causa de descendência; eu venho com um hino propiciatório por causa dos opulentos (oferecedores de oblações); que todo o bem que os deuses defendem (seja nosso); para que, abençoados com descendentes excelentes, nós possamos te glorificar dignamente nesse sacrifício.

Índice ◄►Hino 36 (Wilson)

---

[9] Aumenta embora oculto pelas nuvens; é a interpretação do comentário.
[10] *Bahūnām avamāya*, o melhor de muitos, isto é, dos deuses, como no *Aitareya Brāhmaṇa*, *agnir-vai devānām avamaḥ*, isto é,de acordo com o comentador, *devānām madhye prathamaḥ*, o primeiro entre os deuses; qualificando a expressão como referente ao sacrifício no qual oblações devem ser apresentadas para Agni, ou fogo, em primeiro lugar.
[11] *Anyasya iva iha tanvā viveṣa*, entrou aqui, realmente, com o corpo de outro; o substantivo, fogo, está subentendido; isto é, o fogo, originalmente etéreo, tem descido sobre a terra como fogo culinário e sacrifical.

Hino 35. Filho das Águas (Griffith)

1. Ávido por espólio o meu fluxo de palavra eu profiro;[12] que o Filho das Torrentes[13] aceite as minhas canções com benevolência.[14] O rápido Filho das Águas não as tornará encantadoras,[15] pois ele é quem as apreciará?
2. Para ele, vamos endereçar a canção bem formada, a partir do coração. Ele não a compreenderá?[16] O amigável Filho das Águas pela grandeza da Divindade[17] produziu todas as coisas existentes.
3. Algumas torrentes se unem e outras se juntam a elas; os rios retumbantes enchem um depósito comum.[18] Por todos os lados as Torrentes brilhantes cercaram o resplandecente brilhante Filho das Águas.
4. As águas nunca taciturnas, Donzelas jovens, enfeitando cuidadosamente, servem a ele o jovem. Ele com raios brilhantes resplandece em beleza esplêndida, não alimentado com madeira, nas águas, envolto em óleo.[19]
5. Para ele três Damas[20] estão oferecendo alimento para nutri-lo, Deusas para o Deus a quem ninguém pode ferir. Dentro das águas[21] ele pressionou, como ocos, e bebe o leite delas, que agora são feitas primeiro mães.[22]
6. Aqui foi o nascimento do cavalo;[23] dele[24] era a luz do sol. Salva tu nossos príncipes do ataque do opressor. A ele, indestrutível, residindo à distância em fortalezas não trabalhadas,[25] mentiras e maus espíritos não alcançam.[26]
7. Ele, em cuja mansão se encontra a abundante Vaca leiteira, aumenta o néctar dos Deuses e come iguarias nobres. O Filho das Águas, reunindo força nas águas, brilha por seu adorador para lhe dar tesouros.[27]
8. Ele que nas águas com sua própria Divindade pura[28] resplandece amplamente, cumpridor da lei, eterno – os outros mundos[29] são de fato os seus ramos, e as plantas nascem dele com toda a sua prole.
9. O Filho das Águas se ergueu, e vestido em relâmpago subiu até o seio da nuvem enrolada;[30] e levando com elas a glória mais suprema dele as Jovens,[31] de cor dourada, se movem em volta dele.

---

[12] [*Essa eloquência eu profiro* – Macdonell, *Hymns from the Rigveda*.]
[13] O Filho das Águas, Apāmnapāt, um nome de Agni como nascido na forma de relâmpago das águas do oceano aéreo ou firmamento.
[14] [*Alegria* – Macdonell.]
[15] Isto é, as agraciará com aceitação. ['Por acaso as recompensará bem?' é a leitura de Macdonell.]
[16] [*Talvez ele a considere* – Macdonell.]
[17] [*Da regra divina* – Macdonell.]
[18] ['Alguns fluem juntos, alguns se aproximam do oceano; os rios, assim, enchem a cisterna comum'. – Macdonell.]
[19] [**4**. 'As águas, donzelas jovens, nunca sorrindo, fazendo-o brilhante, cercam a ele o jovem. Ele com chamas claras, generosamente, sobre nós, não alimentado com madeira, brilha enfeitado com ghee nas águas'. – Macdonell.]
[20] [Veja a nota 5.]
[21] Agni morava dentro das águas como seu bebê não nascido.
[22] [**5**. 'Três damas divinas para ele o deus, o destemido, desejam ansiosamente oferecer alimento para nutrir. Ele parece buscar seus peitos dentro das águas; ele bebe o leite delas que primeiramente são mães'. – Macdonell.]
[23] A produção do relâmpago rápido, ou talvez do Sol; mas o significado é duvidoso. A expressão pode, como Ludwig sugere, se referir à criação do cavalo natural como um descendente do cavalo celestial original.
[24] De Apāmnapāt ou de Agni.
[25] Nos castelos de nuvens como opostos às fortalezas de pedra dos homens.
[26] [**6**. 'O local de nascimento desse cavalo é a terra e o céu. Protege do mal e da malícia os nossos benfeitores. A ele para não ser esquecido, morando longe em fortalezas construídas de nuvens, nem inimigos nem falsidades alcançarão.' – Macdonell.]
[27] [**7**. 'Ele, em cuja casa há uma vaca leiteira produtiva, aumentando força vital, se alimenta de boa nutrição. O filho das Águas, expandindo-se nas águas, brilha sobre os piedosos, concedendo riquezas'. – Macdonell.]
[28] [*Com brilho celestial* – Macdonell.]
[29] [Aqui a versão de 1889 lê *seres*, concordando com Wilson e Macdonell.]

10. Dourado em forma[32] é ele, como o ouro para se contemplar, sua cor é como o ouro, o Filho das Águas. Quando ele está sentado recém saído do lugar de nascimento dourado aqueles que oferecem seu ouro[33] dão alimento para nutri-lo.
11. Esse o belo nome e esse o aspecto encantador dele o Filho das Águas aumentam em segredo.[34] A quem aqui as jovens Donzelas acendem juntas, seu alimento é o óleo sagrado de cor dourada.[35]
12. A ele, o Amigo mais próximo de muitos,[36] nós adoraremos com sacrifício e reverência e oblação. Eu faço as costas dele brilharem,[37] o abasteço com lascas;[38] eu ofereço alimento e com minhas canções[39] o exalto.
13. O Touro[40] colocou seu próprio germe de vida dentro delas.[41] Ele as suga como uma criança, e elas o beijam. Ele, o Filho das Águas, de cor que não desbota, entrou aqui como no corpo de outro.[42]
14. Enquanto aqui ele habita no lugar mais sublime, resplandecente com os raios que nunca perecem, as Águas, trazendo óleo para alimentar sua prole, fluem, Jovens,[43] em andanças[44] em volta dele.
15. Agni, eu dei um bom abrigo para o povo, e para os príncipes grande preparação.[45] Abençoado é tudo o que os Deuses consideram com benevolência. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.[46]

Índice ◄►Hino 36 (Griffith)

---

[30] [Essa primeira frase por Macdonell: 'O filho delas subiu no colo da prostrada, permanecendo ereto e coberto em volta com relâmpago'.]
[31] Os rios ou águas do oceano aéreo. [Macdonell lê *correntes rápidas*.]
[32] Quando usando a forma de relâmpago.
[33] Os instituidores de sacrifício que recompensam os sacerdotes.
[34] Apāmnapāt, o Agni celeste, aumenta e se torna forte sem os homens verem o processo. O Agni terrestre é aceso e cuidado pelos dedos irmãs e alimento com óleo ou manteiga clarificada.
[35] [O último trecho Macdonell lê: 'dele, o de cor dourada, o alimento é manteiga'.]
[36] O mais baixo, e assim o mais próximo dos homens, de todos os Deuses. [Macdonell especifica: 'de muitos *mortais*'.]
[37] Com manteiga oferecida em sacrifício.
[38] [*Aparas de madeira* – Macdonell.]
[39] [*Com estrofes* – Macdonell.]
[40] Aparentemente o próprio Agni.
[41] Dentro das águas.
[42] Isto é, o fogo, originalmente celestial como Apāmnapāt, veio aos homens como fogo terrestre e sacrifical, contido na broca de madeira da qual ele é produzido por fricção. [Macdonell lê: 'opera aqui como com o corpo de outro'.]
[43] [*Rápidas* – Macdonell.]
[44] [*Com seus mantos* – Macdonell.]
[45] Como o resultado dos meus hinos para Agni o nosso povo tem vivido em segurança, e os nossos homens ricos têm sido habilitados a oferecer sacrifícios bem conduzidos.
[46] [**15**. 'Eu tenho concedido residência segura ao nosso povo, um hino bem-feito, também, Agni, aos nossos benfeitores; tudo o que é favorecido pelos deuses é abençoado. Que nós possamos falar alto, com heróis, no sínodo' – Macdonell.]

Hino 36. Vários Deuses (Wilson)

(Sūkta IV)

O Ṛṣi e a métrica são os mesmos como no anterior,[1] os deuses são vários; a primeira estrofe é dirigida a Indra, a segunda aos Maruts, a terceira a Tvaṣṭṛ, a quarta a Agni, a quinta a Indra, e a sexta a Mitra e Varuṇa; de acordo com o comentador, cada um está associado com um mês deificado, conforme a nomenclatura do antigo calendário, ou Indra com Madhu, os Maruts com Mādhava, Tvaṣṭṛ com Śukra, Agni com Śuci, Indra com Nabha e Mitra e Varuṇa com Nabhasya.[2]

Varga 25. **1**. (A libação), que está sendo oferecida, Indra, a ti, inclui os (produtos da) vaca, e a água (consagrada); e os líderes (do rito) a espremeram com pedras, e a coaram através de (filtros) feitos de lã;[3] Indra, que és o primeiro (dos deuses), e dominas (todo o mundo), bebe o Soma oferecido pelo Hotṛ,[4] e santificado pelas exclamações Svāhā e Vaṣaṭ.

2. Maruts, juntos adorados com sacrifícios, permanecendo no carro puxado por éguas manchadas, radiantes com lanças, e alegrados por ornamentos, filhos de Bharata,[5] líderes no firmamento, sentados na grama sagrada, bebam o Soma oferecido pelo Potṛ.

3. Vocês,[6] que são invocadas com devoção, venham a nós juntas, e, sentadas na grama sacrifical, apreciem seu descanso; e então, Tvaṣṭṛ, que chefias uma coorte brilhante, (vem) com os deuses e suas esposas, e regozija-te, estando satisfeito com o alimento (sacrifical).

4. Sábio Agni, traze os deuses para cá, e sacrifica para eles; invocador dos deuses, benigno para nós, senta-te nos três altares;[7] aceita a libação de Soma que é oferecida a ti, do Āgnīdhra, e fica satisfeito com a tua porção.

5. Essa (libação), Indra, é a aumentadora do teu (vigor) corpóreo, favorável desde antigamente à força irresistível (teus braços); é derramada, Maghavan, para ti; ela é trazida para ti do Brāhmana; bebe e fica satisfeito.

6. Mitra e Varuṇa, fiquem ambos satisfeitos com o sacrifício; ouçam a minha invocação enquanto o Hotṛ sentado repete sucessivamente os louvores antigos; o alimento (sacrifical), rodeado (pelos sacerdotes), serve ao par nobre; bebam, vocês dois, a doce libação de Soma, oferecida pelo Praśāstṛ.

Índice ◄►Hino 37 (Wilson)

---

[1] [A métrica é Jagatī. – Griffith e Gary Holland.]

[2] ["Outro sistema de nomear os meses conforme as estações do ano também se originou durante o período das *Saṁhitās* e dos *Brāhmaṇas*. De acordo com o *Kṛṣṇa Yajurveda*, tais meses sazonais ou solares são: *meses de primavera:* Madhu e Mādhava; *meses de verão:* Śukra e Śuci; *meses de chuva:* Nabha e Nabhasya; *meses de outono:* Iṣa e Ūrja; *meses orvalhosos ou Hemanta:* Saha, e Sahasya; *meses de inverno:* Tapa e Tapasya". - *Hindu Astronomy,* por P.D. Sharma.]

[3] O texto tem apenas *avibhiḥ*, com as ovelhas, o comentador amplia a frase, com filtros purificadores feitos do pelo das ovelhas.

[4] *Piba hotrād ā somaṃ;* nesse e nos versos seguintes, *hotra* e termos análogos, *potra*, *Āgnīdhra*, etc., são explicados como o *Yāga*, ou sacrifício do Hotṛ, e o resto, aquelas partes da cerimônia que são atribuídas aos diferentes sacerdotes oficiantes, ou as oblações que cada um deve, por sua vez, oferecer.

[5] *Bharatasya sūnavaḥ;* o primeiro é dito ser um nome de Rudra, como o nutridor ou soberano, *bharttrī*, do mundo.

[6] O verso ocorre no *Yajush*, xxvi. 24, e, de acordo com Mahīdhara, é, em primeiro lugar, dirigido às *Devapatnyah*, as esposas dos deuses, e depois a Tvaṣṭṛ junto com elas; a interpretação dele é, em outros aspectos, a mesma que a de Sāyaṇa.

[7] Aqueles dos fogos Gārhapatya, Āhavanīya, e Dakṣiṇā.

Hino 36. Vários Deuses (Griffith)

1. Água e leite ele forneceu, enviou para ti; os homens o drenaram com os filtros e as pedras.[8] Bebe, Indra, da tigela do Hotar[9] – o primeiro privilégio é teu – Soma santificado e derramado com Vaṣaṭ e Svāhā.[10]
2. Ocupados com sacrifício, com cervos pintalgados e lanças, brilhando em seu caminho com ornamentos, sim, nossos Amigos, sentados na grama sagrada, ó filhos de Bhārata,[11] bebam Soma da taça do Potar,[12] ó Homens do céu.
3. Venham a nós, ó rápidos para ouvir; como em casa sobre a grama sagrada sentem-se e divirtam-se. E, Tvaṣṭar, bem satisfeito alegra-te no suco com Deuses e Deusas em companhia agradável.
4. Traze os Deuses para cá, Sábio,[13] e oferece sacrifício; nos três altares[14] senta-te prontamente, ó sacerdote. Aceita para o teu deleite o hidromel Soma oferecido; bebe da taça do Acendedor[15] e sacia-te com a tua parte.
5. Esse é o fortalecedor do poder varonil do teu corpo; força, vitória desde sempre são colocadas nos teus braços. Espremido para ti, Maghavan, ele é oferecido a ti; bebe do cálice deste Brahman, aproveita o máximo.
6. Aceitem o sacrifício; prestem atenção, vocês dois, no meu chamado; o Sacerdote sentou-se conforme os textos antigos. A minha prece que os convida a vir vai para ambos os Reis;[16] bebam o hidromel Soma da taça do Diretor.[17]

Índice ◄►Hino 37 (Griffith)

---

[8] O suco Soma foi espremido com as pedras, coado através dos filtros, e então misturado com água e leite antes de ser oferecido a Indra.
[9] O recipiente sagrado segurado pelo Hotar ou Hotṛ, um dos principais sacerdotes oficiantes.
[10] Significando respectivamente 'que ele (Agni) a leve (para os Deuses)' e Ave! ou Salve! são palavras de consagração e bênção usadas quando oblações são oferecidas.
[11] Os Maruts, filhos de Rudra o Guerreiro.
[12] Etimologicamente, Purificador, o título de outro dos sacerdotes.
[13] Agni.
[14] [Veja a nota 6.]
[15] O Agnīdh, o sacerdote que acende o fogo.
[16] Mitra e Varuṇa.
[17] Praśāstar, outro sacerdote, o primeiro assistente do Hotar.

Hino 37. Vários Deuses (Wilson)

(Adhyāya 8. Continuação do Anuvāka 4. Sūkta V)

O deus das quatro primeiras estrofes é Draviṇodas; da quinta, os Aśvins; e da sexta, Agni; a métrica[1] e o Ṛṣi são os mesmos que antes.

Varga 1. **1**. Sê satisfeito, Draviṇodas,[2] pelo alimento sacrifical apresentado como a oferenda do Hotṛ; Ele deseja, sacerdotes, uma libação completa; ofereçam-na a ele, e, influenciado (por ela, ele será seu) benfeitor; bebe, Draviṇodas, junto com os Ṛtus,[3] o Soma, a oferenda do Hotṛ.
2. Ele, a quem eu invocava antigamente, e a quem eu invoco agora, é verdadeiramente digno de invocação, pois ele é famoso como um benfeitor; a libação de Soma foi trazida pelos sacerdotes; bebe, Draviṇodas, junto com os Ṛtus, o Soma, a oferenda do Potṛ.
3. Que esses teus carregadores, por quem tu és transportado, estejam satisfeitos; senhor da floresta, sê firme, não causando dano, de resolução fixa; vem, e sendo benevolente, bebe, Draviṇodas, junto com os Ṛtus, o Soma, a oferenda do Neṣṭṛ.
4. Tenha ele bebido o Soma da oferenda do Hotṛ; tenha ele sido alegrado pela oferenda do Potṛ; tenha sido ele satisfeito com o alimento (sacrifical) apresentado como o ato do Neṣṭṛ; ainda que Draviṇodas beba da taça ambrosíaca não coada, a quarta oferecida pelo sacerdote.[4]
5. Atrelem hoje, Aśvins, seu carro rodante, que transporta (vocês), os líderes (do rito); e os coloca diante de nós; misturem as oblações com o suco doce; venham, vocês são muito ricos com alimento (abundante), e bebam o Soma.
6. Fica satisfeito, Agni, com o combustível; fica satisfeito com a oblação; fica satisfeito com a prece sagrada que é boa para o homem; fica satisfeito com louvor sagrado, refúgio de todos; Agni, desejando (aceitar oblações), torna todos os grandes deuses desejosos (do mesmo), e com todos eles, e com o Ṛtu bebe a oblação.

Índice ◄►Hino 38 (Wilson)

---

[1] [Veja a nota 1 do hino anterior.]
[2] Veja 1.15.7 [nota 6].
[3] *Somaṃ draviṇodaḥ piba ṛtubhiḥ;* esse é o refrão das duas próximas estrofes também, e do último do hino; o comentador entenderia os Ṛtus, propriamente as estações, como sendo as divindades que presidem os meses, continuando a série do *Sūkta* anterior, e adicionando ao número respectivamente, os meses chamados Iṣa, Ūrja, Sahas, e Tapasya. [Veja a nota 2 do hino anterior.]
[4] Literalmente, que Draviṇodas beba da taça de Draviṇodas; mas no segundo lugar a palavra é explicada como *ritvij*, um sacerdote.

Hino 37. Vários Deuses (Griffith)

1. Desfruta[5] o máximo do hidromel da taça do Hotar; Adhvaryus,[6] ele deseja uma dose inteira derramada para ele. Tragam-na para ele; buscando isso ele presenteia. Concessor de riqueza, bebe Soma com os Ṛtus[7] da taça do Hotar.
2. Aquele a quem antigamente eu invocava, a ele eu invoco agora. Ele deve ser invocado, seu nome é Aquele que Dá. Aqui trazido pelos sacerdotes está o hidromel Soma. Concessor de riqueza, bebe Soma com os Ṛtus da taça do Potar.
3. Que sejam gordos os cavalos com os quais tu aceleras; Senhor da Floresta,[8] não causando dano, fortalece-te a ti mesmo. Puxando e segurando, Corajoso, tu que outorgas riqueza, bebe Soma com os Ṛtus da taça do Neṣṭar.[9]
4. Da taça do Hotar e do Potar ele tem bebido e se alegrado; o alimento oferecido o tem satisfeito da taça do Neṣṭar. A quarta taça imperturbável, imortal, que ele que dá riqueza beba, a taça do Deus que dá riqueza.
5. Atrelem, ó vocês dois,[10] hoje o seu carro que traz heróis, de movimento rápido para cá; o seu local de desprender está aqui. Misturem as oblações, então venham para cá com o hidromel, e bebam o Soma, vocês ricos em força abundante.
6. Agni, aceita o combustível e o nosso presente oferecido; aceita a oração do homem, aceita o nosso louvor. Com todos, com Ṛtu,[11] ó tu Excelente, desejosamente, faze os grandes Deuses todos desejosos de saborear o presente que nós trazemos.

Índice ◄►Hino 38 (Griffith)

---

[5] Agni é abordado como Draviṇodas ou Concessor de Riqueza.
[6] Sacerdotes ministrantes.
[7] As Estações ou os deuses que presidem as Estações. Veja 1.15.
[8] Agni, considerado como o Rei das plantas.
[9] O Neṣṭar é o sacerdote que leva para a frente a esposa do sacrificador.
[10] Aśvins.
[11] O significado é, aparentemente, com todos os Ṛtus; mas Ṛtu no texto está no singular.

Hino 38. Savitṛ (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus é Savitṛ; o Ṛṣi e a métrica são os mesmos.

Varga 2. **1**. Na verdade, o divino Savitṛ, o condutor (do mundo), tem estado presente perpetuamente para a geração (da humanidade), pois esse é seu ofício;[1] realmente ele concede riqueza aos (adoradores) piedosos;[2] que ele, portanto, dê ao oferecedor da oblação (o suficiente) para o seu bem-estar.
2. O divino, de mão vasta (Savitṛ), tendo surgido, estende seus braços para o deleite de todos; as águas purificadoras (fluem) para (a realização dos) ritos dele, e esse ar circundante se diverte (no firmamento).
3. O movente (Sol) é liberado por seus raios rápidos; realmente, ele impediu o viajante de sua jornada;[3] ele reprime os desejos dos guerreiros por combate, pois a noite segue (a cessação da) função de Savitṛ.
4. Ela, (Noite), envolve o (mundo) estendido como (uma mulher) tecendo (uma roupa); o homem prudente deixa de lado a obra que ele é capaz (de executar) no meio (do seu trabalho); mas tudo brota (do repouso), quando o divino, incansável Sol, que dividiu as estações, aparece novamente.
5. O esplendor doméstico gerado de Agni se espalha por várias residências, e preside (todos os tipos de) alimento (sacrifical); a mãe, (Aurora), designou para seu filho, (Agni), a melhor parte (nos sacrifícios), que é a manifestação dele transmitida por Savitṛ.[4]
Varga 3. **6**. O guerreiro, ávido pela vitória, que saiu (para a batalha), volta; (pois) o lar é o desejo de todos os seres moventes; abandonando sua labuta metade feita, o trabalhador retorna (para casa), quando a função do divino Savitṛ (é suspensa).
7. Os animais procuram em lugares secos pelo elemento aquoso que foi coletado no firmamento por ti; os bosques são designados (por ti) para as aves; ninguém obstrui essas funções do divino Savitṛ.
8. O sempre andante Varuṇa concede um lugar (de descanso) fresco, acessível e agradável, para todas as (criaturas) moventes, ao fechamento dos olhos (de Savitṛ);[5] e toda ave e todo animal se dirige para a sua toca quando Savitṛ dispersou (todos) os seres em várias direções.
9. Eu convido para este lugar, com saudações reverentes, para o meu bem, aquele divino Savitṛ, cujas funções nem Indra, nem Varuṇa, nem Mitra, nem Aryaman, nem Rudra, nem os inimigos (dos deuses), impedem.
10. Que ele, que é adorado pelos homens, o protetor das esposas (dos deuses),[6] nos preserve; quando adorando a ele, que é auspicioso, o objeto de meditação, e o onisciente; que nós sejamos os amados do divino Savitṛ, para que possamos (daí ser bem sucedidos) na acumulação de riqueza e na aquisição de gado.

---

[1] Isso parece ser sugerido pela etimologia de Savitṛ, como derivada da raiz *Sū*, produzir, *prasavāya lokānāṃ;* pois tal é o seu trabalho, – *tadapā, tat prasava karmā*.
[2] *Devebhyaḥ*, aos deuses; mas o comentador o interpreta aqui, *stotṛbhyaḥ*, para os louvadores.
[3] Ou, literalmente, o seguidor, de seguir.
[4] O rito *Agnihotra* deve ser realizado ao amanhecer, o que pode, portanto, ser considerado como ordenado ou instigado pelo sol nascente.
[5] Varuṇa presidindo especialmente a noite.
[6] *Gnāspati, devapatnīnāṃ patiḥ;* ou *gnāḥ* pode significar as métricas dos *Vedas*.

11. Que aquela riqueza desejável que é concedida a nós, Savitṛ, por ti, proceda do céu, das águas, da terra; e que a felicidade (que pertence) ao povo daqueles que te louvam recaia sobre mim, repetindo diligentemente os teus louvores.

Índice ◄►Hino 39 (Wilson)

Hino 38. Savitar (Griffith)

1. Savitar surgiu, este Deus, para vivificar,[7] sacerdote[8] que não negligencia esse dever mais constante. Para os Deuses, de fato, ele dá rico tesouro, e abençoa aquele que os chama para o banquete.
2. Tendo subido ao alto, o Deus de mão vasta estende seus braços amplamente para que todos possam notá-lo. Até as águas se curvam ao seu serviço; até este vento repousa na região que circunda.
3. Embora conduzido por corcéis rápidos ele ainda os desjungirá; até a carruagem veloz ele impediu de prosseguir. Ele deteve até a pressa daqueles que deslizam como serpentes.[9] A noite seguiu de perto o domínio de Savitar.
4. O que estava espalhado ela tece mais uma vez; tecendo novamente; o hábil deixa seu trabalho metade concluído. Ele ergueu-se do repouso, e separou as estações; Savitar se aproximou, Deus, de mente santa.[10]
5. Por várias residências, pela existência inteira, se propaga, manifestada, a luz doméstica de Agni. A mãe dá para seu Filho a parte mais considerável, e Savitar correu para atender a convocação dele.[11]
6. Ele vem de novo,[12] revelado, ávido por conquista; em casa ele estava, o amor de todas as coisas moventes. Cada homem tem vindo deixando suas maldades, conforme o mandamento do Divino Savitar.
7. Os animais selvagens se espalham através de lugares desertos procurando sua parte aquosa que tu puseste nas águas. Os bosques são dados aos pássaros. Esses estatutos do Deus Savitar ninguém desobedece.[13]
8. Com a máxima velocidade, com pressa inquieta ao pôr do sol Varuṇa[14] procura sua habitação aquosa. Então cada ave procura seu ninho, cada animal seu alojamento. No devido lugar Savitar pôs cada criatura.

---

[7] O significado de Savitar, como um nome do Sol, sendo o grande gerador ou vivificador.
[8] *Vahnih;* ou, talvez, o sustentador, ou, o luminoso.
[9] A velocidade dos cavalos de pés rápidos que puxam a carruagem do Sol.
[10] O significado dessa estrofe é obscuro. Eu dei o que parece ser o sentido das palavras tais como elas são, mas o verso, como um todo, mal é inteligível. Wilson, seguindo Sāyaṇa, o parafraseia desta maneira: [veja a versão dele acima]. Roth toma *arámatiḥ*, que eu traduzi como 'de mente santa', como um substantivo, o Gênio da Devoção, e traduz: 'Novamente a Tecelã (Aramati) envolveu o que ela tinha fiado (a trama ou tecido da devoção e sacrifício), o homem devoto parou no meio de sua tarefa (por causa da aproximação da noite); então Aramati ergue-se novamente e organiza as estações; o divino Savitar está presente (isto é, a manhã retorna)'.
[11] Uṣas ou Aurora atribui a *seu Filho* Agni o rito Agnihotra que é realizado ao romper do dia, e Savitar, ou o Sol nascente, está presente na cerimônia depois do acendimento do fogo sacrifical. Desse modo Agni é honrado pelas divindades no céu assim como pelos homens na terra.
[12] Agni, aceso novamente de manhã, retoma seu pleno poder. Ele, a quem todos os seres amam, estava presente, mas latente, durante a noite.
[13] Savitar abastece os animais selvagens do deserto e as aves do ar.
[14] Embora não geralmente considerado no Veda como o Deus do oceano, Varuṇa é, contudo frequentemente conectado com as águas, ou do firmamento ou da terra.

9. Aquele cuja alta lei nem Varuṇa, nem Indra, nem Mitra, Aryaman, nem Rudra infringe, nem demônios de coração mau, aqui para o meu bem-estar a ele eu invoco, o deus Savitar, com adoração.
10. Que aqueles que fortalecem a felicidade,[15] e o pensamento e a sabedoria, e o Senhor das Damas[16] e Narāśaṁsa[17] nos ajudem. Que venha o bem para nós e a riqueza seja obtida, que nós sejamos os amados do Deus Savitar.
11. Assim, venha a nós o desejo dos nossos corações, a recompensa concedida por ti, do céu e da terra e das águas, que tudo esteja bem com os amigos e aqueles que te louvam, e, Savitar, com o cantor que louva alto.

Índice ◄►Hino 39 (Griffith)

---

[15] Os Deuses em geral.
[16] O guardião das Consortes dos Deuses, Tvaṣṭar, que é geralmente representado como acompanhando ou acompanhado por elas.
[17] 'O Louvor dos Homens', um nome de Agni.

Hino 39. Aśvins (Wilson)

(Sūkta VII)

Os deuses são os Aśvins; o Ṛṣi e a métrica como antes.

Varga 4. **1**. Desçam, Aśvins, como pedras caindo, para o propósito (de destruir nossos inimigos); se apressem para a presença dos (adoradores) possuidores de riqueza, como urubus para uma árvore; como dois *Brahmans*[1] repetindo hinos, (estejam presentes) no sacrifício, e venham como (nobres) mensageiros na terra, bem recebidos por muitas pessoas.

2. Movendo-se ao amanhecer como dois heróis em um carro; como um par de cabras;[2] como duas mulheres adoráveis em forma; ou como marido e mulher; vêm juntos, sabendo (como os) ritos (sagrados devem ser celebrados entre os) homens (para dar) felicidade (ao adorador).

3. Venham a nós, os primeiros (antes de outros deuses), como um par de chifres, ou como dois cascos, viajando com (passos) rápidos; como um par de *Cakravākas*,[3] aguardando o dia; destruidores de inimigos, como guerreiros em carros, capazes (de realizar todas as coisas), venham à nossa presença.

4. Levem-nos através (do mar da vida), como dois navios, ou (através de lugares difíceis), como as lanças de um carro, os eixos, os raios (de roda), os aros (das duas rodas); sejam como dois cães, afastando ferimentos dos nossos corpos, e, como duas cotas de malha, defendam-nos da decadência.

5. Irresistíveis como dois ventos, velozes como dois rios; e de visão rápida, venham como dois olhos diante de nós; como duas mãos; como dois pés; subservientes ao bem-estar dos nossos corpos, conduzam-nos para (a aquisição) de (riqueza) excelente.

Varga 5. **6**. Como dois lábios proferindo palavras amáveis; como dois peitos produzindo nutrição para a nossa existência; sejam para nós como dois narizes, preservando os nossos corpos, e como dois ouvidos para a audição de (sons) agradáveis.

7. Como duas mãos, Aśvins, estejam sempre nos investindo com vigor; como o céu e a terra, concedam-nos chuva; deem agudeza aos louvores que são dirigidos a vocês, como eles afiam um machado em uma pedra de amolar.[4]

8. Os Gṛtsamadas compuseram essa prece, esses louvores, Aśvins, para a sua exaltação; sejam propiciados por eles, líderes de cerimônias, e venham para cá, para que, abençoados com descendentes excelentes, nós possamos glorificá-los dignamente nesse sacrifício.

Índice ◄►Hino 40 (Wilson)

---

[1] *Brahmāṇā-iva* em lugar de *Brahmanau;* isso parece muito como uma denominação específica, e reconhece a existência do *Brahman* não apenas como o título de um sacerdote superintendente individual, mas como implicando uma ordem ou casta religiosa ou sacerdotal.

[2] Nessa e em muitas das comparações subsequentes, o único ponto de semelhança é aquele do número dual.

[3] [ʽO *cakra* – ave; Anas Casarca (Pato-ferrugíneo), supõe-se que os casais ficam separados e lamentam durante a noite. – *Monier Williams Sanskrit-English Dictionary*. Veja também a nota 10.]

[4] *Kṣṇotreṇa iva svadhitiṃ; asim tejanasāṇavat tikkṣnīkurutam;* afiam como uma espada ou uma faca em uma pedra de amolar.

Hino 39. Aśvins[5] (Griffith)

1. Cantem como as duas pedras de espremer[6] para este mesmo propósito; venham como dois avarentos para a árvore do tesouro;[7] como dois Brahmans cantando louvores na assembleia, como enviados do povo[8] chamados em muitos lugares.
2. Movendo-se de manhã como dois heróis conduzidos por carro, como um par de cabras vocês vêm elegendo;[9] como duas belas damas embelezando seus corpos, como um par casado sábio entre o povo.
3. Como um par de chifres venham primeiro em nossa direção, como um par de cascos com movimento rápido; venham como dois Cakavās[10] no cinza da manhã, venham como duas rodas de carruagem na alvorada, ó Poderosos.
4. Levem-nos através dos rios como dois barcos, salvem-nos como se vocês fossem jugos, cubos (de roda), raios (de roda) e aros. Sejam como dois cães que não ferem nossos corpos; preservem-nos, como duas muletas, para que não caiamos.
5. Como dois ventos não envelhecendo, dois rios confluentes, venham com visão rápida como dois olhos diante de nós. Venham como duas mãos muitíssimo úteis para o corpo, e guiem-nos como dois pés para o que é precioso.
6. Assim como dois lábios que, com a boca falam mel, assim como dois peitos que nutrem nossa existência, como as duas narinas que protegem o nosso ser, sejam para nós como nossos ouvidos que ouvem distintamente.
7. Como duas mãos deem-nos vigor crescente; como o céu e a terra confinam as regiões aéreas. Aśvins, esses hinos que se esforçam para se aproximar de vocês, afiem como um machado em uma pedra de amolar.
8. Essas nossas preces os exaltando, ó Aśvins, os Gṛtsamadas, como um louvor, prepararam. As recebam bem, ó heróis, e venham para cá. Que nós possamos falar alto, com homens corajosos, em assembleia.

Índice ◄►Hino 40 (Griffith)

---

[5] Nesse hino os Aśvins são comparados a vários objetos, animados e inanimados, em muitos dos quais o único ponto de semelhança é a dualidade.
[6] Que o seu brilho auspicioso enquanto vocês se aproximam seja tão claro quanto o som ecoante das pedras de espremer, e que bênçãos similares recompensem os adoradores.
[7] Como avarentos chegam para desenterrar o que eles enterraram ao pé de uma árvore, desse modo venham para a libação feita do suco da preciosa planta Soma.
[8] Os mensageiros a quem os instituidores de sacrifícios mandam aos sacerdotes quando eles desejam assegurar seus serviços.
[9] Para escolher e aceitar as oferendas feitas.
[10] O Cakravāka, ou, como ele é agora chamado em hindi, o Cakvā, é uma ave mencionada frequentemente na poesia posterior como um símbolo de amor e constância. A ave macho e sua companheira estão condenados a passar suas noites nas margens opostas de um rio, e são permitidos se encontrarem novamente de manhã cedo. O nome inglês da ave é Pato Brahmani. Cakvā é propriamente a ave macho, e Cakvī a fêmea.

Hino 40. Soma e Pūṣan (Wilson)

(Sūkta VIII)

Os deuses são Soma e Pūṣan;[1] o Ṛṣi e a métrica como antes.

Varga 6. **1**. Soma[2] e Pūṣan, vocês dois são os geradores de riquezas, os geradores do céu, os geradores da terra; logo que nascidos vocês são os guardiões do mundo inteiro; os deuses fizeram de vocês a fonte da imortalidade.[3]
2. (Os deuses) propiciam esses dois deuses no momento de seu nascimento, pois eles afastam as trevas desagradáveis; com esses dois, Soma e Pūṣan, Indra gera o (leite) maduro nas novilhas imaturas.[4]
3. Soma e Pūṣan, derramadores (de benefícios), dirijam em direção a nós o carro de sete rodas,[5] a medida das esferas, indistinguível do universo, existindo em todos os lugares, (guiado) por cinco rédeas,[6] e para ser atrelado pela mente.
4. Um deles, (Pūṣan), fez sua morada acima no céu; o outro, (Soma), na terra, e no firmamento;[7] que ambos nos concedam riqueza de gado abundante muito desejada e muita elogiada, a fonte para nós (de prazeres).
5. Um de vocês, (Soma), gerou todos os seres;[8] o outro procede olhando para o universo; Soma e Pūṣan, protejam o meu rito (piedoso); através de vocês, que nós possamos vencer todas as tropas de nossos inimigos.
6. Que Pūṣan, que é o benfeitor de todos, seja propício para (esse) rito (piedoso); que Soma, o senhor da riqueza, nos conceda afluência; que Aditi, que não tem adversário, nos proteja, de modo que, abençoados com descendentes excelentes, nós possamos glorificar (vocês) dignamente nesse sacrifício.

Índice ◄►Hino 41 (Wilson)

---

[1] [E Aditi na última metade da última estrofe.]
[2] Por Soma, parece que nós devemos entender a lua e a planta Soma, como é sugerido mais especificamente na quarta estrofe.
[3] *Akṛṇvan amṛtasya nābhim; hetum*, a causa ou origem, *amaraṇasya*, de não morrer.
[4] Ou seja, a chuva nas nuvens recém surgidas.
[5] Sāyaṇa explica *saptacakram*, o ano, composto por sete estações, contando o mês intercalado como um *ṛtu* adicional, ou estação.
[6] Aqui, novamente, de acordo com o comentador, nós temos uma referência ao ano solar, reduzido, pela fusão das estações fria e orvalhada em uma, a cinco estações; como por outro texto, *dvādasa vai māsāh pañcartavo hemantaśiśirayoh samāsena,* os doze meses são, na verdade, cinco estações pela combinação das estações fria e orvalhada.
[7] No primeiro, Soma, como vegetal, reside na terra; no segundo, ou o firmamento, ele é representado pela lua.
[8] De que modo não é explicado, e outro texto, citado do nono Maṇḍala, – *Somo janitā matīnām*, Soma, o gerador dos sábios ou piedosos, não fornece a informação; possivelmente a alusão é destinada aos efeitos das libações oferecidas em sacrifícios como produtivas de chuva, e daí de nutrição, da qual a existência depende.

Hino 40. Soma e Pūṣan (Griffith)

1. Soma[9] e Pūṣan,[10] os Pais de todas as riquezas, Pais da terra e Pais do alto céu, Vocês dois, gerados como os protetores do mundo inteiro, os Deuses fizeram centro de vida eterna.
2. Ao nascimento desses dois Deuses todos os Deuses se alegram, eles têm feito desaparecer a escuridão, a qual nós odiamos. Com esses, com Soma e com Pūṣan, Indra gera leite morno maduro[11] nas vacas novas.
3. Soma e Pūṣan, acelerem sua carruagem para cá, o carro de sete rodas que mede a região, que não agita todos,[12] que se move para todos os quadrantes, de cinco rédeas e atrelado pelo pensamento, ó Poderosos.
4. Um no céu no alto[13] fez sua residência, na terra e no firmamento o outro.[14] Que eles revelem para nós grande fartura de tesouro, muito almejada, rica em alimentos, fonte de prazer.
5. Um de Vocês[15] dois é Pai de todas as criaturas, o outro viaja em diante vendo tudo.[16] Soma e Pūṣan, ajudem o meu pensamento com proteção; com vocês que nós possamos vencer em todos os conflitos.
6. Que Pūṣan incite o nosso pensamento, o impulsor de todos, que Soma o Senhor das riquezas nos conceda riquezas. Que Aditi a Deusa perfeita nos auxilie. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.

Índice ◄►Hino 41 (Griffith)

---

[9] Abordado nesse hino como o Deus que representa e anima o suco da planta Soma. Veja 1.18.4 [nota 9].
[10] Uma divindade solar que protege e multiplica o gado e outros bens. Veja 1.42.
[11] Veja 1.62.9 [nota 19].
[12] Isto é, que move e influencia apenas os seres mais elevados.
[13] Pūṣan, como um Deus celestial.
[14] Soma, que reside na terra em plantas, e no firmamento como a Lua.
[15] Soma, com alusão, talvez, às libações de suco Soma que produzem a chuva da qual a produção e crescimento de todas as criaturas depende.
[16] Como uma divindade solar, ou o Sol.

Hino 41. Vários Deuses (Wilson)

(Sūkta IX)

Os deuses são vários; Vāyu é abordado nas duas primeiras estrofes; Indra e Vāyu na terceira; Mitra e Varuṇa, os Aśvins, Indra, os Viśvedevas, Sarasvatī, e o Céu e a Terra, são em sucessão os deuses de seis tercetos; a métrica é Gāyatrī, exceto no quinto Tṛca, no qual as duas primeiras estrofes estão na métrica Anuṣṭubh, e a terceira na Bṛhatī; o Ṛṣi é, como antes, Gṛtsamada.

Varga 7. **1**. Vāyu, de quem são mil carros, e os corcéis Niyut,[1] vem beber o suco Soma.[2]
2. Vāyu, dos corcéis Niyut, aproxima-te; esse (suco) brilhante tem sido aceito por ti, pois tu vais para a residência do ofertante da libação.[3]
3. Líderes (de ritos), Indra e Vāyu, senhores dos corcéis Niyut, venham e bebam hoje a mistura de leite e do suco Soma puro.
4. Essa libação é oferecida a vocês, Mitra e Varuṇa, nutridores da verdade; ouçam, realmente, essa minha presente invocação.[4]
5. Soberanos, que não exercem opressão, sentam-se nesse salão grande e elegante, (construído), com mil colunas.[5]
Varga 8. **6**. Que esses dois monarcas universais, alimentados com manteiga clarificada, filhos de Aditi, senhores da generosidade, favoreçam o seu sincero (adorador).
7. Aśvins, em quem não há inverdade; Rudras, vão pelo caminho (direto) para (o sacrifício no qual a libação) deve ser bebida pelos líderes (de ritos sagrados), pela qual (o oferecedor pode receber a recompensa de) vacas e cavalos.[6]
8. Derramadores de riqueza, (tragam para nós) tais (riquezas) que o homem malévolo, nosso inimigo, esteja longe ou perto,[7] não possa roubar.
9. Resolutos Aśvins, tragam para nós riquezas de vários tipos,[8] e fortuna que gera fortuna.
10. Que Indra dissipe todo perigo grande e avassalador, pois ele é resoluto, e o observador de tudo.[9]
Varga 9. **11**. Se Indra proporcionar a nossa felicidade, o mal não virá atrás de nós, o bem estará diante de nós.
12. Que Indra, o observador de tudo, o conquistador de inimigos, nos envie segurança de todos os quadrantes.
13. Deuses Universais, venham para cá; ouçam essa minha invocação; sentem-se sobre essa grama sagrada.[10]

---

[1] Os Niyuts são os cavalos do carro de Vāyu.
[2] Esse verso ocorre no *Yajush*, xxvii. 32.
[3] Esse também é dado no *Yajush*, xxvii, 29; *Śukra*, que Sāyaṇa interpreta *dīpyamāna*, brilhante, resplandecente, como um designativo do suco Soma, Mahīdhara traduz por *graha*, um recipiente, uma concha; isto é, uma concha ou um copo de suco Soma.
[4] Essa estrofe ocorre no *Sāma-Veda*, II. 260; e no *Yajush;* mas em um lugar muito diferente dos dois anteriores, ou VII. 9.
[5] Esse e o próximo verso ocorrem no *Sāma-Veda*, ii. 261, 262.
[6] O *Yajush* repete esse e os dois versos seguintes, xx. 80-83.
[7] *Na yat paro nāntara; para* é interpretado por Sāyaṇa como *dūrastha*, estando a uma distância, e *antara* por *samīpavarttī*, alguém estando perto; Mahīdhara entende que eles significam relacionamento, *para* significando *asambaddha*, sem ligação, e antara, *sambaddha*, conectado ou relacionado; ele também explica de modo diferente o verbo *ādadharṣad*, e faz de Indra o objeto: - 'O Indra a quem tal homem não possa superar', mas isso parece bastante inaplicável.
[8] *Piśaṅga sandṛśam* é explicado por Sāyaṇa, *nānārūpam*, de muitos tipos; Mahīdhara, mais literalmente, dá a *piśaṅga* seu sentido comum de fulvo ou amarelo, e explica o composto, aquilo que é de uma cor amarela, ou ouro.
[9] *Sāma-Veda*, i, 200.

14. Essa (bebida) forte, saborosa, entusiasmante, é (preparada) para vocês pelos Śunahotras;[11] bebam dela à vontade.
15. Maruts, dos quais Indra é o chefe; deuses, de quem Pūṣan é o benfeitor; todos vocês ouçam a minha invocação.
Varga 10. **16**. Sarasvatī, a melhor das mães, o melhor dos rios, a melhor das deusas,[12] nós, por assim dizer, não temos reputação; concede-nos, mãe, distinção.
17. Em ti, Sarasvatī, que és divina, todas as existências estão reunidas; regozija-te, deusa, entre os Śunahotras; concede-nos, deusa, progênie.
18. Sarasvatī, abundante em alimentos, abundante em água, sê propiciada por essas oblações, que os Gṛtsamadas oferecem como aceitáveis para ti, e preciosas para os deuses.
19. Que os dois, (Céu e Terra), que conferem boa sorte ao sacrifício, procedam (para o altar);[13] pois, de fato, nós imploramos a ambos (para virem), assim como Agni, o transportador de oblações.
20. Céu e Terra, levem para os deuses hoje o nosso sacrifício aspirante ao céu, os meios de alcançar Svarga.
21. Que os deuses adoráveis, desprovidos de malícia, sentem-se hoje perto de vocês dois para beber o suco Soma.

Índice ◄►Hino 42 (Wilson)

Hino 41. Vários Deuses (Griffith)

1. Ó Vāyu,[14] vem até nós com todas as mil carruagens que são tuas,
Conduzido por parelha, para beber o suco Soma.
2. Puxado pela tua parelha, ó Vāyu, vem; a ti é oferecido este, o puro.
Tu visitas a casa daquele que espreme.
3. Indra e Vāyu, puxados por parelhas, ó heróis, venham hoje e bebam
Do suco brilhante quando misturado com leite.
4. Esse Soma tem sido derramado para vocês, fortalecedores da Lei, Mitra-Varuṇa!
Ouçam aqui esse meu chamado.
5. Ambos os Reis que nunca ferem coisa alguma se sentam em seu lar mais supremo,
O de mil pilares, de base firme.
6. Alimentados com oblação, Reis Soberanos, Ādityas, Senhores das doações generosas. Eles servem àquele cuja vida é correta.
7. Com vacas, Nāsatyas, e com cavalos, venham, Aśvins, Rudras, para a casa
Que protegerá bem seus heróis;

---

[10] *Yajur-Veda*, vii. 34.
[11] Nesse e no verso dezessete o autor retoma o seu caráter original de um membro da família dos Śunahotras.
[12] *Ambitame nadītame devītame;* os superlativos de *ambikā*, uma mãe; *nadī*, um rio; e *devī*, uma deusa.
[13] De acordo com o comentador, os objetos abordados são os dois *śakaṭas,* carroças ou carrinhos de mão, que são usados para trazer o combustível, ou as plantas Soma, e são colocados na frente do salão de sacrifício, ao norte e ao sul de um altar erguido do lado de fora, e que são considerados aqui como símbolos do Céu e da Terra, que, propriamente falando, são as divindades do *Tṛca;* os *Śakaṭas*, de acordo com Sāyaṇa, são solicitados a proceder para a parte oeste da *vedī* ou altar do norte; de acordo com Kātyātyana, eles também são chamados de *Havirdhānas*, contentores de oblações, e parte da cerimônia consiste em arrastá-los para diferentes posições em diferentes períodos, acompanhados por textos apropriados, que são dados no *Yajur-Veda*, v. 14-21.
[14] Vāyu, o Deus do vento, é abordado nas duas primeiras estrofes. Naquelas que seguem o poeta invoca Indra e Vāyu, Mitra e Varuṇa, os Aśvins, Indra, os Viśvedevas, Sarasvatī, e o Céu e a Terra.

8. Tal, Deuses ricos! que ninguém de longe nem permanecendo perto de nós possa prejudicar, sim, nenhum inimigo mortal malicioso.
9. Como tais, ó almejados Aśvins, nos conduzam à riqueza de espécie variada,
Riqueza que nos trará espaço e repouso.
10. De fato Indra, conquistando tudo, afasta até forte medo,
Pois ele é firme e rápido para agir.
11. Indra, sê benevolente para nós; o pecado não nos alcançará depois,
E o bem estará diante de nós continuamente.
12. De todas as regiões do mundo que Indra envie segurança,
Ó subjugador de inimigos, pronto para agir.
13. Ó todos os deuses, venham para cá; ouçam essa minha invocação, sentem-se
Sobre esta erva sagrada.
14. Entre os Śunahotras[15] forte para vocês é essa dose doce que alegra.
Bebam desse suco delicioso.
15. Ó Maruts liderados por Indra, Deuses com Pūṣan como o seu mais generoso,[16]
Ouçam todos vocês esse meu chamado.
16. A melhor Mãe, o melhor dos Rios, a melhor das Deusas, Sarasvatī,[17] nós somos, por assim dizer, sem reputação; querida Mãe, dá-nos renome.
17. Em ti, Sarasvatī, divina, todas as gerações têm o seu esteio.
Fica contente com os filhos de Śunahotra; ó Deusa, concede-nos progênie.
18. Enriquecida com sacrifício, aceita, Sarasvatī, essas nossas preces,
Pensamentos que os Gṛtsamadas amados dos Deuses trazem, Santa, a ti.
19. Vocês que abençoam sacrifícios,[18] partam, pois realmente nós escolhemos vocês dois, e Agni que transporta os nossos presentes.
20. Esse nosso sacrifício eficaz, alcançando o firmamento, o Céu e a Terra
Apresentarão para os Deuses hoje.
21. Em ambos os seus colos, ó Sinceros, os Deuses Santos se sentarão
Hoje para beber o Soma aqui.

Índice ◄►Hino 42 (Griffith)

---

[15] A família da qual Gṛtsamada, o Ṛṣi do hino, era um membro. Veja 2.18.6, nota 11.
[16] Isto é, entre os quais Pūṣan é o mais liberal dador de bons presentes; ou o significado pode ser, cujo benfeitor é Pūṣan.
[17] Veja 1.3.10 [notas 7 e 13].
[18] Segundo Sāyaṇa, os dois *havirdhānas* ou veículos nos quais o Soma e as outras oferendas são colocadas, e que se supõe que representam o Céu e a Terra, são abordados. É mais provável, como Ludwig sugere, que Agni e o sacerdote humano sejam aludidos. 'Nós escolhemos vocês dois, a ti, o sacerdote humano, e Agni o Deus'.

Hino 42. Kapiñjala (Wilson)

(Sūkta X)

A divindade é uma ave, ou Indra, na forma de uma; o Ṛṣi é Gṛtsamada; a métrica, Triṣṭubh; de acordo com os Gṛhya Sūtras, o hino deve ser repetido em silêncio ao ouvir o grito desagradável de uma ave; um pressagiador de infortúnio é provavelmente aludido.

Varga 11. **1**. Gritando repetidamente e predizendo o que acontecerá, (o Kapiñjala)[1] dá a (devida) direção para sua voz, como um timoneiro (guia) um barco; sê pressagiador, ave, de boa sorte, e que nenhuma calamidade seja qual for te aconteça de qualquer quadrante.
2. Que nenhum milhafre, nenhuma águia, te mate; que nenhum arqueiro, armado com flechas, te alcance; gritando repetidamente, na região dos Pitṛs,[2] sê pressagiador de boa fortuna; proclamador de boa sorte, fala a nós nessa ocasião.
3. Ave, que és pressagiador de felicidade, o proclamador de boa sorte, grita a partir do sul de nossas residências; que nenhum ladrão, nenhum malfeitor, prevaleça contra nós; para que, abençoados com descendentes excelentes, nós possamos louvar-te dignamente nesse sacrifício.

Índice ◄►Hino 43 (Wilson)

Hino 42. Kapiñjala[3] (Griffith)

1. Dizendo sua espécie em voz alta com gritos repetidos, ele[4] envia sua voz como seu barco um timoneiro. Ó Ave, sê pressagiador de sorte favorável; que de nenhum lado a calamidade te aconteça.
2. Que o falcão não te mate, nem a águia; que o arqueiro portador de flechas não te alcance. Gritando continuamente na região dos Pais,[5] fala aqui auspicioso, portando notícias alegres.
3. Trazendo boas novas, Ave de feliz presságio, grita alto ao sul de nossas residências, para que nenhum ladrão, nenhum pecador possa nos oprimir. Que nós possamos falar alto, com heróis, em assembleia.

Índice ◄►Hino 43 (Griffith)

---

[1] O nome não ocorre no texto, mas a *Anukramaṇikā* tem *kapiñjalarupīndro devatā;* o *kapiñjala*, em linguagem comum, é a Perdiz Francolin.
[2] O sul, pois, como observado no comentário sobre o próximo verso, o grito de aves no sul é de bom presságio.
[3] É dito que esse hino é dirigido a Indra na forma de um kapiñjala, a ave que nós chamamos de Perdiz Francolin.
[4] O kapiñjala.
[5] Em direção ao quadrante onde os Pais, Pitaras, ou espíritos de ancestrais falecidos residem, ou seja, o sul, o grito das aves a partir daquele quadrante sendo considerado como auspicioso.

Hino 43. Kapiñjala (Wilson)

(Sūkta XI)

A divindade e o Ṛṣi como antes; como o anterior, o hino é também um Tṛca, ou Tríade; a métrica da primeira e terceira estrofes é Jagatī; da segunda, Atiśakvarī ou Aṣṭi.

Varga 12. **1**. Que as aves em busca de seu alimento, de acordo com a estação, proclamem suas circumambulações, – como os celebrantes (de ritos sagrados); ele profere ambas as notas, como o cantor do Sāma recita a Gāyatrī e a Triṣṭubh e deleita (os ouvintes).
2. Tu cantas, Ave, como o Udgātṛ cantando o Sāma; tu murmuras como o Brahmaputra[1] em sacrifícios; como um cavalo (relinchando) quando se aproximando de uma égua, anuncia tu (em voz alta) para nós boa fortuna de todos os quadrantes; proclama alto prosperidade para nós de todas as direções.
3. Quando proferindo o teu grito, ó Ave, anuncia boa sorte; ao sentar-te em silêncio, nutre pensamentos amáveis em relação a nós; quando tu gritas enquanto tu estás voando, que o som seja como aquele de um alaúde;[2] para que, abençoados com descendentes excelentes, nós possamos louvar-te dignamente nesse sacrifício.

Índice ◄

Hino 43. Kapiñjala[3] (Griffith)

1. Aqui à direita cantam cantores de hinos de louvor, exatamente as aves aladas que falam na época adequada. Ele, como um cantor de Sāma,[4] pronuncia ambas as notas,[5] hábil no tom de Tṛṣṭup[6] e de Gāyatrī.[7]
2. Tu como o sacerdote cantor cantas o Sāma, Ave; tu cantas em libações como o filho de um Brahman.[8] Assim como um cavalo vigoroso quando ele se aproxima da égua, anuncia para nós boa fortuna, Ave, por todos os lados, proclama em todas as direções sorte favorável, ó Ave.
3. Quando cantando aqui, ó Ave, anuncia boa sorte para nós, e quando tu repousares calmo pensa em nós com pensamentos amáveis. Quando voando tu cantas tu és como um alaúde. Com filhos valentes em assembleia que nós possamos falar alto.

Índice ◄

FIM DO SEGUNDO MAṆḌALA.

---

[1] O mesmo que o *Brāhmaṇācchaṃsin*, um dos dezesseis sacerdotes, que *śastram śansati*, recita o mantra que não é para ser cantado ou entoado.
[2] *Karkarir-yathā;* é dito que a *karkari* é um instrumento musical, – *vādya vīseshah.*
[3] É dito que esse hino é dirigido, como o anterior, a Indra na forma de um kapiñjala ou Perdiz Francolin.
[4] O Udgātar*,* um dos quatro sacerdotes principais cujo dever é cantar os hinos do *Sāmaveda*.
[5] Uma alta e uma média.
[6] A medida que consiste em quarenta e quatro sílabas em um verso ou estrofe; quatro *pādas* ou semi-hemistíquios de onze sílabas cada.
[7] A medida que consiste em vinte e quatro sílabas em uma estrofe, três linhas de oito sílabas cada, ou uma linha de dezesseis e uma de oito.
[8] O Brahmaputra, ou filho do sacerdote Brahman, é dito ser o mesmo que o *Brāhmaṇācchaṃsin* [veja a nota 1].

Métrica

A rima não é usada no Ṛgveda. As métricas são reguladas pelo número de sílabas na estrofe, a qual consiste geralmente em três ou quatro Pādas, medidas, divisões, ou quartos de versos, com um intervalo marcado distintamente no fim do segundo Pāda, e assim formando dois hemistíquios ou semi-estrofes de extensão igual e desigual. Esses Pādas muito usualmente contêm oito ou onze ou doze sílabas cada; mas ocasionalmente eles consistem em menos ou às vezes em mais do que esses números. Os Pādas de uma estrofe são em geral de extensão igual e de quantidades métricas mais ou menos correspondentes, mas às vezes dois ou três tipos de métricas são empregados em uma estrofe, e então os Pādas variam em quantidade e extensão. Em relação à quantidade, as primeiras sílabas do Pāda não estão sujeitas a leis muito estritas, mas as últimas quatro são mais regulares, sua medida sendo geralmente iâmbica[9] em Pādas de oito e doze sílabas e trocáica[10] naqueles de onze. No texto impresso o primeiro e segundo Pādas formam uma linha, e o terceiro, ou terceiro e quarto, ou terceiro, quarto e quinto, completam o dístico ou estrofe. Eu segui essa organização na minha tradução.[11]

Abaixo, em ordem alfabética, encontram-se os nomes, com descrições breves, das métricas usadas nos Hinos do Ṛgveda. O Índice dos Hinos mostrará a métrica ou métricas usadas em cada Hino.

Abhisāriṇī: uma espécie de Tṛṣṭup, na qual dois Pādas contêm doze em vez de onze sílabas.

Anuṣṭup ou *Anuṣṭubh:* consistindo em quatro Pādas de oito sílabas cada, dois Pādas formando uma linha. Essa é a forma de métrica prevalecente no Mānava-dharma-śāstra, no Mahābhārata, no Rāmāyaṇa, e nos Purāṇas.

Anuṣṭubgarbhā: uma métrica da classe Uṣṇih: o primeiro Pāda contendo cinco sílabas, e os três Pādas seguintes de oito sílabas cada.

Anuṣṭup Pipīlikamadhyā: uma espécie de Anuṣṭup tendo o segundo Pāda mais curto do que o primeiro e o terceiro (8 sílabas + 4 + 8 + 8).

Aṣṭi: consistindo em quatro Pādas de dezesseis sílabas cada, ou sessenta e quatro sílabas na estrofe.

Āstārapaṅkti: consistindo em dois Pādas de oito sílabas cada, seguidos por dois Pādas de doze sílabas cada.

Atidhṛti: quatro Pādas de dezenove sílabas cada, = 76 sílabas.

Atijagatī: quatro Pādas de treze sílabas cada.

Atinicṛti: consistindo em três Pādas contendo respectivamente sete, seis, e sete sílabas.

Atiśakvarī: quatro Pādas de quinze sílabas cada.

Atyaṣṭi: quatro Pādas de dezessete sílabas cada.

Bṛhatī: quatro Pādas (8 + 8 + 12 + 8) contendo 36 sílabas na estrofe.

Caturviṃśatikā Dvipadā: uma Dvipadā contendo 24 sílabas em vez de 20.

---

[9] [Formada de iambos: ênfase nas sílabas de número par, isto é, uma sílaba átona e uma sílaba tônica (fraco-forte; ou breve e longa).]

[10] [Formada de troqueus: ênfase nas sílabas de número ímpar, isto é, uma sílaba tônica seguida de uma sílaba átona (forte-fraca; ou longa e breve).]

[11] [Eu não mantive essa configuração na tradução dos versos para o português.]

Dhṛti: consistindo em setenta e duas sílabas em uma estrofe.

Dvipadā Virāj: uma espécie de Gāyatrī consistindo em dois Pādas somente (12 + 8 ou 10 + 10 sílabas); representada inadequadamente na tradução por duas linhas decassilábicas iâmbicas.

Ekapadā Triṣṭup: uma Tṛṣṭup consistindo em um único Pāda ou quarto de estrofe.

Ekapadā Virāj: uma Virāj consistindo em um único Pāda.

Gāyatrī: a estrofe geralmente consiste em vinte e quatro sílabas, organizadas de modo variado, mas geralmente como um grupo de três Pādas de oito sílabas cada, ou em uma linha de dezesseis sílabas e uma segunda linha de oito. Há onze variedades dessa métrica, e o número de sílabas na estrofe varia consequentemente de dezenove a trinta e três.

Jagatī: uma métrica que consiste de quarenta e oito sílabas organizadas em quatro Pādas de doze sílabas cada, dois Pādas formando uma linha ou hemistíquio que na tradução é representado por um duplo alexandrino.

Kakup ou *Kakubh:* uma métrica de três Pādas compostos de oito, doze e oito sílabas respectivamente.

Kakubh Nyaṅkuśirā: consiste em três Pādas de 9 + 12 + 4 sílabas.

Kṛti: uma métrica de quatro Pādas de vinte sílabas cada.

Madhyejyotis: uma métrica na qual um Pāda de oito sílabas fica entre dois Pādas de doze.

Mahābṛhatī: quatro Pādas de oito sílabas cada, seguidos por um de doze.

Mahāpadapaṅkti: uma métrica de duas linhas de trinta e uma sílabas, a primeira linha composta quatro Pādas de cinco sílabas cada, e a segunda sendo uma Triṣṭup das usuais onze sílabas. Veja os *Vedic Hymns*, part I. (S. Books of the East) XXXII, p. xcviii.

Mahāpaṅkti: uma métrica de quarenta e oito sílabas (8x6 ou 12x4).

Mahāsatobṛhatī: uma forma alongada de Satobṛhatī.

Naṣṭarūpī: uma variedade de Anuṣṭup.

Nyaṅkusāriṇī: uma métrica de quatro Pādas de 8 + 12 + 8 + 8 sílabas.

Pādanicṛt: uma variedade de Gāyatrī na qual uma sílaba está faltando em cada Pāda: 7x3 = 21 sílabas.

Pādapaṅkti: uma métrica que consiste de cinco Pādas de cinco sílabas cada.

Paṅkti: uma métrica de cinco Pādas octossilábicos, como Anuṣṭup com um Pāda adicional.

Paṅktyuttarā: uma métrica que termina com uma Paṅkti de 5 + 5 sílabas.

Pipīlikāmadhyā: qualquer métrica cujo Pāda central é mais curto do que o precedente e do que o seguinte.

Pragātha: uma métrica no Livro 8, composta de estrofes que combinam dois versos, isto é, um Bṛhatī ou Kakup seguido por um Satobṛhatī.

Prastārapaṅkti: uma métrica de quarenta sílabas: 12 + 12 + 8 + 8.

Pratiṣṭhā: uma métrica de quatro Pādas de quatro sílabas cada; também uma variedade da Gāyatrī consistindo em três Pādas de oito, sete e seis sílabas respectivamente.

Purastādbṛhatī: uma variedade de Bṛhatī com doze sílabas no primeiro Pāda.

Pura-uṣṇih: uma métrica de três Pādas, contendo 12 + 8 + 8 sílabas.

Śakvarī: uma métrica de quatro Pādas de quatorze sílabas cada.

Satobṛhatī: uma métrica cujos Pādas pares contêm oito sílabas cada, e os ímpares doze: 12 + 8 + 12 + 8 = 40.

Skandhogrīvī: composta de Pādas de 8 + 12 + 8 + 8 sílabas.

Tanuśirā: composta de três Pādas de 11 + 11 + 6 sílabas.

Triṣṭup ou *Triṣṭubh:* uma métrica de quatro Pādas de onze sílabas cada.

Upariṣṭādbṛhatī: composta de quatro Pādas de 12 + 8 +8 + 8 sílabas.

Upariṣṭājjyotis: Uma estrofe Triṣṭup cujo último Pāda contém só oito sílabas.

Ūrdhvabṛhatī: uma variedade de Bṛhatī.

Urobṛhatī: uma variedade de Bṛhatī: 8 + 12 + 8 + 8.

Uṣṇiggarbhā: Gāyatrī de três Pādas de seis, sete e onze sílabas respectivamente.

Uṣṇih: composta de três Pādas de 8 + 8 + 12 sílabas.

Vardhamānā: uma espécie de Gāyatrī; 6 + 7 + 8 = 21 sílabas.

Viparītā: uma métrica de quatro Pādas, semelhante à Viṣṭārapaṅkti.

Virāḍrūpā: uma métrica Triṣṭup de quatro Pādas, 11 + 11 + 11 + 7 ou 8 sílabas.

Virāj: uma métrica de quatro Pādas de dez sílabas cada.

Virāṭpūrvā: uma variedade de Triṣṭup.

Virāṭsthānā: uma variedade de Triṣṭup.

Viṣamapadā: métrica de estrofes ímpares.

Viṣṭārabṛhatī: uma forma de Bṛhatī de quatro Pādas contendo 8 + 10 + 10 + 8 = 36 sílabas.

Viṣṭārapaṅkti: uma forma de Paṅkti consistindo em quatro Pādas de 8 + 12 + 12 + 8 = 40 sílabas.

Yavamadhyā: uma métrica que tem um Pāda mais longo entre dois mais curtos.

Ralph T. H. Griffith.

Índice ◄

Índice dos Sūktas do Segundo Maṇḍala

Continuação do Segundo Aṣṭaka

Continuação do Quinto Adhyāya

Anuvāka 1

Sūkta	*(Hino)*	*Divindade*	*Ṛṣi*	*No. Versos*	*Métrica*
I	**1**	Agni	Gṛtsamada Bhārgava Śaunaka, originalmente Śunahotra Āṅgirasa	16	Jagatī
II	**2**	"	"	13	"
III	**3**	Āprīs	"	11	Triṣṭubh. 7: Jagatī
IV	**4**	Agni	Somāhuti Bhārgava	9	Triṣṭubh
V	**5**	"	"	8	Anuṣṭubh
VI	**6**	"	"	8	Gāyatrī
VII	**7**	"	"	6	"
VIII	**8**	"	Gṛtsamada	6	Gāyatrī. 6: Anuṣṭubh
			Adhyāya 6		
IX	**9**	"	"	6	Triṣṭubh
X	**10**	"	"	6	"
XI	**11**	Indra	"	21	Virāṭsthānā Triṣṭubh. 21: Triṣṭubh
			Anuvāka 2		
I	**12**	"	"	15	Triṣṭubh
II	**13**	"	"	13	Jagatī. 13: Triṣṭubh
III	**14**	"	"	12	Triṣṭubh
IV	**15**	"	"	10	"
V	**16**	"	"	9	Jagatī. 9: Triṣṭubh
VI	**17**	"	"	9	Jagatī. 8,9: Triṣṭubh

Sūkta	*(Hino)*	*Divindade*	**Ṛṣi**	*No. Versos*	*Métrica*
VII	**18**	Indra	Gṛtsamada	9	Triṣṭubh
VIII	**19**	"	"	9	"
IX	**20**	"	"	9	Triṣṭubh. 3: Virāḍrūpā
X	**21**	"	"	6	Jagatī. 6: Triṣṭubh
XI	**22**	"	"	4	1: Aṣṭi. 2,3: Atiśakvarī. 4: Atiśakvarī ou Aṣṭi
Anuvāka 3					
I	**23**	Brahmaṇaspati (1,5,9,11,17,19) e Bṛhaspati (2-4,6-8,10,12-16,18)	"	19	Jagatī. 15,19: Triṣṭubh
Adhyāya 7					
II	**24**	Brahmaṇaspati (1-11;13-16), e Brahmaṇaspati e Indra (12)	"	16	Jagatī. 12,16: Triṣṭubh
III	**25**	Brahmaṇaspati	"	5	Jagatī
IV	**26**	"	"	4	"
V	**27**	Ādityās	Gṛtsamada ou Kūrma Gārtsamada	17	Triṣṭubh
VI	**28**	Varuṇa	" Para afastar sonhos ruins (10)	11	"
VII	**29**	Viśvedevas	"	7	"
VIII	**30**	Indra (1-5,7,8b,10); Indra e Soma (6); Sarasvatī (8a); Bṛhaspati (9) e os Maruts (11)	Gṛtsamada	11	Triṣṭubh. 11: Jagatī
IX	**31**	Viśvedevas	"	7	Jagatī. 7: Triṣṭubh
X	**32**	Céu e Terra (1); Indra ou Tvaṣṭṛ (2-3); Rākā (4-5); Sinīvālī (6-7); várias divindades (8)	"	8	Jagatī. 6-8: Anuṣṭubh
Anuvāka 4					
I	**33**	Rudra	"	15	Triṣṭubh
II	**34**	Maruts	"	15	Jagatī. 15: Triṣṭubh
III	**35**	Apām Napāt (ou Aponaptṛ; Filho ou Neto das Águas)	"	15	Triṣṭubh

Sūkta	*(Hino)*	*Divindade*	**Ṛṣi**	***No. Versos***	*Métrica*
IV	**36**	Vários Deuses (associados com as Estações)[1]	Gṛtsamada	6	Jagatī
		Adhyāya 8			
V	**37**	〃	〃	6	〃
VI	**38**	Savitṛ	〃	11	Triṣṭubh
VII	**39**	Aśvins	〃	8	〃
VIII	**40**	Soma e Pūṣan (1-6a); e Aditi (6b)	〃	6	〃
IX	**41**	Vāyu (1,2); Indra e Vāyu (3); Mitra e Varuṇa (4-6); os Aśvins (7-9); Indra (10-12); os Viśvedevas (13-15); Sarasvatī (16-18); Céu e Terra ou as carroças de Soma (19ab-21); os mesmos ou Agni (19c)	〃	21	Gāyatrī. 16,17: Anuṣṭubh. 18: Bṛhatī
X	**42**	Kapiñjala	〃	3	Triṣṭubh
XI	**43**	〃	〃	3	1,3: Jagatī. 2: Atiśakvarī ou Aṣṭi

[1] Veja a introdução desse hino por Wilson, e a nota 2 do mesmo hino.

Índice Rápido

a: por Wilson; **b**: por Griffith; **c**: por Oldenberg; **d**: por Müller